

HQN™

A close-up profile of a woman's face, looking to the left. She is wearing a black, textured hat with a veil. Her lips are painted a vibrant red. She is wearing large, ornate earrings with a pearl and a necklace with pearls and gold beads. The background is a dark, patterned fabric.

*El Extraño Amor de
Ada Newman*

CAMINO DE PRADA



O Estranho Amor de Ada Newman

Camino de Prada



Dri, Sá, Sarh, Darlyng



Sinopse

Ada Cárdenas vive presa como um passarinho em gaiola de ouro.

Com o coração quebrado pela perda do seu amor de juventude, há muitos anos, Ada perambulava como um fantasma pela mansão de sua família, à mercê da crueldade de seu pai, do desprezo de seus irmãos e da fria distância de sua mãe, que ia perdendo a sensatez a passos gigantes. Mas em breve um acontecimento arrastará a bela Ada por um caminho sem retorno quando seu pai se atreve casá-la à força com um desconhecido.

No momento em que vê pela primeira vez seu prometido, seu coração dá um pulo: Leon Newman é diabolicamente atraente, obscenamente rico, sabe ganhar sua confiança... e despertar sua paixão. Mas as coisas nunca foram fáceis na vida de Ada.

O contínuo vai e vem entre sossegada doçura e selvagem paixão de seu marido a atormentam. O que esconde Newman? Poderá Ada descobrir a verdade? Será talvez uma loucura sentir-se infiel ao ser venerada à luz do sol e dominada pela paixão quando cai a noite?

Dedicatória



Para Edmundo, minha pessoa favorita.

Citações



A pouca sinceridade que existe pertence aos que sofrem por algo

TENNESSEE WILLIAMS

Se alguém tem um destino, se trata de um homem. Se alguém consegue um destino, se trata de uma mulher.

ELFRIEDE JELNEK

Para perdoar a teu inimigo primeiro há que causar-lhe algum dano.

EDITH WHARTON

CAPITULO 1

Um estranho encontro



— Esta noite voltarei a vê-la, ou por Deus que morrerei! — murmurou a sombra que se escondia furtiva atrás do teatro.

O grande teatro da Ópera abria suas portas, finalmente, na noite de 10 de outubro de 1850. A data de inauguração havia sido fixada sem mais demoras para festejar o santo de Sua Majestade a rainha; mas os trabalhos de construção haviam sofrido numerosas paralisações, de modo que ninguém confiava em que a data anunciada em *La Gazeta* fosse o feliz desfecho de uma obra inacabada, ainda que a expectativa criada fosse maior, se possível, pelo injustificável atraso.

Naquela primeira noite estreava *La Favorita* de Donizete, e Isabel II e o distinto auditório viviam o êxtase da ópera com idêntico entusiasmo.

Finalizado o espetáculo, tanto na galeria de palcos como no auditório não faltou um expectador que se colocasse de pé, possuído como estava o teatro inteiro de um inflamado ardor que não tardou em expressar-se rompendo em aplausos intermináveis, exclamações elogiosas e ramos de flores jogados ao cenário. A refinada e poderosa voz de Albani brilhou como se fosse a última estrela do firmamento operístico, dando à inauguração o esplendor prometido.

Despreocupada e barulhenta, a multidão reunida no teatro encarnava com fidelidade o espírito democrático dos Tempos Modernos: a alta burguesia engrossava suas filas com extravagantes aquisições e se apoderava da notoriedade que antes havia sido patrimônio exclusivo da aristocracia *madrileña*. Desde o seu palco, Augusto Cárdenas observava com seus óculos dourados o enorme número de rostos desconhecidos e a intolerável escassez de joias nos decotes femininos. Fazendo uma contagem global do pátio de assentos e da galeria de camarotes que estava ao alcance da sua vista, o

número aumentava escandalosamente até um total de vinte pescoços nus ou seminus.

— Que tempos! — pensava entregando-se à nostalgia.

A senhora Cárdenas levava um colar de platina e brilhantes de onde pendiam penduradas duas pérolas cinzas em forma de lágrima, assim como os brincos do conjunto de joias. Foi muito formosa, e ainda era considerada entre as damas mais distintas como uma referência de elegância, não superada por ninguém até então. Sentado à sua direita, Augusto se entretinha agora flertando com uma dama do camarote número sete, sem se importar o mais mínimo com sua esposa.

Augusto admirava as tendências vanguardistas que impunha o estilo de vida de todo homem moderno: o modo de vestir, a carruagem adequada, a decoração da casa e a escolha das atividades dedicadas ao ócio. Era um leitor devoto de revistas como *O elegante* ou *O cavaleiro irresistível*, que empilhava com esmero em seu salão particular e consultava à menor dúvida, convencido como estava da infalibilidade de seu critério. Havia sido ele quem havia convertido a sua esposa em um paradigma de refinamento feminino, polindo com sabedoria a beleza agreste que tinha de recém-casada. Seu caso corria igual ao de sua esposa: era elegante e bonito, e ainda conservava parte de seu atrativo apesar dos anos.

Tinha o cabelo escuro misturado com linhas de cor cinza claro; os olhos negros abertos de par em par, como duas grandes janelas de uma luxuosa mansão que ansiava se mostrar ao mundo, e uma tez surpreendentemente conservada. Mas o mais característico de Augusto era seu magnífico porte e seu bigode escuro e bem aparado. Invejado pelos cavalheiros e desejado por suas esposas, não encontrava maior satisfação na vida que ter um aspecto saudável, atraente e, sobretudo, moderno.

Entre ambos progenitores, Ada contemplava a soberba aranha de cristal que pendia do teto submergida em um mar de pensamentos. Estava no teatro, como estava em casa ou em qualquer lugar, absolutamente só; rodeada de outras pessoas que não lhe importava e a quem ela não lhes importava.

Tinha vinte e cinco anos, mas aparentava mais. Não porque o envelhecimento ou o abandono teriam ganhado a batalha (sua pele era lisa e sua beleza inquestionável), sem embargo, a impressão que causava seu semblante sério e seu caráter reservado, a austeridade e o recato no modo de vestir, faziam-na parecer mais velha.

Movia-se como envolta em uma nuvem de tristeza. Mesmo quando criança jamais chegou a sê-lo. Atravessou de ponta a ponta a idade da inocência, com a formalidade de quem preenche um longo e tedioso impresso de cumprimento inevitável. Naquela época, intuía que deveria passar muito tempo até que sua alma e seu corpo se pusessem de acordo com a questão da idade. Por esse motivo, cada novo aniversário era por si só o melhor presente. Um ano somado a outro e depois a outro mais; oceanos de tempo que a libertaria de seu cativeiro dentro daquela carne, macia e rosada como a de um verme que é fácil de esmagar.

Sempre se sentiu terrivelmente só.

Enojava seu pai confrontar a só ideia de uma metade misturada de si mesmo, a uma parte dele desagregada, que corria daqui para lá movida por uma vontade distinta à do próprio Augusto e, além disso, envenenada com o sangue de seu inimigo.

Sua mãe a amava, era carne de sua carne. A amava desde que ela não parecesse mais bela do que ela própria, a inteligência de Ada não ofuscassem a sua ou sua generosidade e simpatia não enfatizassem a insignificância de seus próprios dons. Em outras ocasiões, quando a via doente ou a encontrava debilitada, sua mãe podia chegar a amá-la; mas nunca, nunca depois de uma guerra em que sua beleza a teria vencido no campo de batalha de qualquer baile ou reunião. Isso Isabel era incapaz de tolerar.

Entretanto, nenhuma destas ideias plantava raízes na mente de Isabel, ou de Augusto, de modo que suas almas estavam a salvo de toda culpa ou remorso.

Os irmãos de Ada detestavam a sua forma de ser. A coragem silenciosa com que, desde criança, enfrentava qualquer tropeço de sua jovem vida. Se caía, não chorava e voltava, com os joelhos ainda sangrando, a subir na

arvore. Se a repreendiam, não se encolhia e se escondia em um canto escuro, senão que passeava pela casa, à vista de todos, mostrando seu orgulho imaculado como se levasse um traje branco a estrear. Um comportamento que, sem ela pretender, ressaltava a mediocridade dos rapazes e que foi a causa de sua exclusão nos jogos e confidências fraternais.

E tampouco na amizade encontrou consolo seu jovem coração.

As outras meninas evitavam sua companhia porque não encaixava em nenhum dos grupos da escola. Sempre andava só e lhe encantava soltar os laços do cabelo e banhar-se nos poços e canais, até mesmo quando fazia frio e saía da água tremendo, com a carne azulada e os lábios sem cor. Nadar era algo que desde pequena fazia com destreza. Por isso sempre estava desejando escapar do colégio para ir ao rio, o rio negro que bordeava os campos de sua avó, o amado lugar onde se criou.

Mas o tempo por fim cruzou a desejada fronteira da infância, e Ada encontrou no primeiro amor o motivo que viria a rejuvenescer toda sua existência.

Era o Ano Novo de 1840. Corriam outros tempos, embora a economia já regia os outros aspectos da vida e, por isso, a atitude mais prudente no amor era usar a cabeça, sobretudo se uma tinha dezesseis anos, era rica e a seu nome acompanhava não só um bom punhado de propriedades, senão o peso de uma antiga e respeitada reputação, conservados uns e arrastado o outro de geração em geração.

Horácio Mara, sem embargo, era pobre. Havia sido contratado de garçom para servir o champanhe na *soirée* anual que os senhores Cárdenas ofereciam a seus amigos na celebração de Ano Novo, onde Ada, a senhorita da casa, o viu pela primeira vez. Amou-o em segredo desde aquela mesma noite até que, ao final de uns quantos meses, decidiram fugir para se casar.

Na véspera da partida, quando se apagaram as luzes da casa e eles se encontraram furtivamente às portas da ala de serviço, Horácio entregou à garota uma caixa de música nacarada, brilhante e colorida como as conchas do mar. Sendo tão jovens, só viam diante deles um caminho reto, sem curvas nem obstáculos. Pensavam que a sorte haveria de lhes favorecer sempre, e a

inocência jogava contra eles, fazendo-os crer que os muros do amor são intransponíveis.

Na última noite que passaram separados, um incêndio destruiu o humilde lar de Horácio, e nada pôde ser feito para salvar os que lá viviam.

Na manhã seguinte, todas as crônicas de acontecimentos fizeram eco do desenlace: três cruces negras, e uma delas levava seu nome.

Ada esperou junto à janela até raiar o dia. Pouco depois, chegou às suas mãos um exemplar do primeiro jornal da capital.

Em um estado próximo à loucura, pensou por um instante em tirar sua vida.

Lembrava como se fosse hoje, que aquela manhã o sol esquentava tanto os cristais do quarto que queimavam ao tocá-los.

Ada abriu a caixa de música e a pequena bailarina começou a dançar ao som de uma triste melodia. Viu sua imagem no espelhinho do interior da tampa e se olhou como se não se reconhecesse. Logo observou o baú, pronto para a viagem de noiva, e todos os trastes da infância que havia disperso pelo quarto: a pequena mesa de chá e suas cadeirinhas de madeira branca, o cavalo de balanço, a casa de bonecas...

Ordenou retirar todas aquelas coisas e guardou o baú no armário, assim, sem tocar, cheio de ilusões. Fechou então a pequena caixa e a escondeu cuidadosamente no interior do baú.

Oh, sim! Ainda conseguia sentir o toque da madrepérola ..., podia dizer que seus dedos tinham memória própria, pois as pontas formigavam só de lembrar.

Mas desde aquele dia haviam passado dez longos anos, e suportar a sua família durante todo aquele tempo se havia convertido em um sacrifício que aguentava a duras penas. Estava segura que a paciência deles também estava no fim.

— Ada, querida, sabia que o teatro conta com um grande toucador onde poderiam arrumar nossos penteados? — disse sua mãe enquanto abandonavam o palco.

— Não vejo necessidade — respondeu Ada desde o corredor.

— Minha filha, é impossível que encontre marido com essa atitude! Não é uma mulher desprovida de certo encanto, como diz teu pai. Mas teu caráter azedo acabará enterrando a pouca juventude que ainda tem — alegou sua mãe enquanto Ada se segurava ao dourado corrimão da escada e começava a descer os degraus por um tapete vermelho.

— Pelo amor de Deus! Que pretende conseguir com esse vestido azul pálido? — interveio seu pai. — É um vestido de tarde! Parece uma triste e insípida mulher do campo. Acredito estar escutando os comentários do outro lado da galeria de camarotes. Olhem! — dirão. — Olha como veste a filha do senhor Cárdenas! — exclamou enquanto andava de um lado a outro e a vergonha tingia com um ligeiro rubor as suas bochechas.

— Não deve se preocupar desnecessariamente, pai, não acredito que reparem em minha presença. São vocês que monopolizarão merecidamente o maior protagonismo — disse Ada adulando a Augusto para que a deixasse em paz.

— Diz bem, queridinha, merecidamente. Mas se seguisse meus conselhos como a sua mãe fez, sua situação seria outra. Estaria casada já há muitos anos, e bem casada! — disse arrumando a posição da laçada. — E agora, silêncio. Prestem atenção na cara que todos colocarão quando virem minha nova jaqueta de veludo verde.

Desciam os últimos degraus quando viram que no grande vestíbulo do teatro já não cabia um alfinete, para o desgosto do senhor Cárdenas, pois, como sempre dizia, não podia luzir nenhuma prenda em lugares tão sobrecarregados.

— A admiração requer atenção, querida, nunca se esqueça. Seguramente um dia se lembrará dos ensinamentos de seu pai e pensará: “ah, que sábios conselhos me presenteou aquele velho elegante!”

Outros membros da família Cárdenas foram os primeiros a reclamar sua presença. Margarita e seu esposo Ernesto, o irmão mais velho de Isabel, sacudiam um lenço branco por cima de uma centena de cabeças. Também uma comitiva de velhas glórias madrileñas¹ se aproximavam dispostas a dividir quantas fofocas frescas tivessem pescado.

Ada conseguiu escapulir fingindo um súbito acaloramento. Os contratemplos e vicissitudes da alta sociedade pouco a importavam. Era muito melhor dar um passeio sozinha pelo vestíbulo.

A poucos passos se virou para observar o seu pai.

Notava-se de longe que ninguém havia se fixado em sua jaqueta, ou pelo menos ninguém lhe havia dito o muito que gostava ou o quão bem lhe assentava, e o cavalheiro — sumamente decepcionado, mas com gesto deliberadamente inexpressivo — se esforçava em esconder sua contrariedade.

A jovem havia chegado quase até a porta de entrada quando despertou seu interesse uma figura masculina que estava de pé frente a ela, sozinho a vários metros mais adiante, com o rosto oculto na penumbra do portal que dava para a rua.

Ada sentiu que seu estomago se encolhia, que o ar escapava dos pulmões. Arrependido de ter despertado sua atenção, o cavalheiro se virou e deu três passos para a saída. Mas, como alguém que não pode evitar fazer sua vontade apesar de que a prudência o desaconselhe, parou de repente, girou sobre seus calcanhares e enfrentou de novo seu olhar.

Ada caminhou até o umbral do portão do teatro com a alma na boca, e também se deteve. A figura seguia envolta na escuridão o abobadado túnel da saída. Impossível distinguir seu rosto. Quem era aquele homem que parecia estar cravando o olhar nela? Por que todo seu ser se rendia ante aquele olhar? Seria porque seu aspecto resultava estranhamente familiar?

Ela conhecia aquele perfil desenhado na penumbra, o som de suas fortes passadas, aquele porte tão varonil, o ar intransigente que levava ao caminhar...

¹ Pessoas ilustres

E, mesmo assim, que loucura!

Durante uma fração de segundo, acreditou que podia ser ele, dono do nome que rara vez pronunciava, mas que a acompanharia até nos momentos de esquecimento. Sentiu que algo mais forte que ela a impulsionava a aproximar-se.

“Ada, persegues o impossível”! pensava enquanto corria até ele.

O estranho abandonou o teatro antes que Ada pudesse alcançá-lo. Quando chegou à rua, o landó² do cavalheiro se afastava a toda pressa atravessando a praça Oriente.

Logo passou o resto da noite imersa nas lembranças. A análise do que passou a levava uma e outra vez ao mesmo beco sem saída. Não poderia ser de outra maneira. A semelhança casual entre duas pessoas era um fato corriqueiro, mas não menos perturbador. O cavalheiro, ao se sentir observado, pensaria que talvez se conhecessem, mesmo que não se lembrasse dela em um primeiro momento. Com certeza tinha dado a volta esperando uma saudação ou talvez umas palavras, mas ao vê-la tão assustada deve ter pensado “pobre garota” ou, simplesmente, (conjecturava enquanto caminhava por seu quarto), o havia confundido com outro. Em qualquer caso, essas precipitadas conclusões não satisfaziam a Ada.

Havia perdido Horácio há muitos anos, mas e se aqueles que nos deixavam pudessem regressar dos mortos? Aquela sombra não poderia ser a sua sombra? Se não fosse pelo incêndio, teriam escapado e agora estariam juntos, muito longe de lá. E, não obstante, por que seu coração negava a lógica dos fatos? Sua mente adicionava razões de peso enquanto que os sentidos insistiam em ideias descabeladas. Podia ouvir a voz de seu íntimo lutando por prevalecer sobre o fraco discurso da razão.

— Está vivo! É ele! — gritava todo seu ser.

Deixou-se cair sobre o fofo colchão de sua cama e abriu as portas de sua memória, enquanto deixava atrás o presente para entrar de cheio em seu

² Carroça puxada por cavalos, de quatro rodas, com capota dobrável atrás para poder utilizar, coberto, parcialmente coberto e descoberto.

passado. Pouco a pouco, a visão da cortina que recobria o dossel começou a ficar embaçada...

Era o dia em que Horácio a havia feito sua. A primeira e única vez que haviam feito amor.

Aquela era a tarde de terça-feira, a tarde da semana em que ela geralmente se confessava. Ada havia saído de sua casa mais tarde que outras vezes e havia corrido todo o tempo para chegar antes que o padre Tomás fechasse o confessionário. Quando por fim empurrou a grossa cortina de pele colocada na porta, correu pelo comprido corredor lateral onde, escondido na semiescuridão do templo, estava o confessionário. A sombra que se moveu atrás da grade de madeira fez que Ada respirasse aliviada. Cravou os joelhos no genuflexório e sussurrou quase sem voz: — Ave Maria puríssima.

— Você realmente acredita em Deus, senhorita?

A surpresa fez com que soltasse um grito que em seguida abafou com sua mão.

— Horácio, o que você faz aqui? — disse muito baixo, com a voz trêmula, olhando para todos os lados. No templo não havia uma viva alma àquela hora, as silenciosas pedras e o chiado dos círios acesos diziam-lhes que estavam completamente sozinhos. Talvez em breve o padre Tomás viesse apagar as velas, mas normalmente jantava cedo e deixava esses afazeres para antes de deitar.

Ada sabia perfeitamente, conhecia os costumes do velho pároco desde que era criança.

—Se te encontram dentro do confessionário te matarão, me matarão... matam-nos aos dois —disse cada vez mais nervosa— Como conseguiu fazê-lo?

—Sou um homem de recursos. Já te disse muitas vezes — respondeu com absoluta tranquilidade— Além disso, você e eu sabemos que o padre Tomás não retornará aqui até dentro de duas horas. Quando estiver pronto para fechar as portas da igreja.

Ada sentiu no instante um estranho calor em seu peito e a respiração se tornou de pronto um vapor fervente que lhe queimava a garganta.

— Temos que ir deste lugar. Pode que ainda venha algum fiel. As desventuradas e os mendigos acodem a estas horas, quando já não há ninguém a quem possam envergonhar — disse com uma careta de desgosto e desaprovação — Rápido! Com efeito, o padre Tomás demorará um tempo a voltar e não se dará conta de nada se formos furtiva...

— Eu te garanto que esta noite não virão. Além disso as portas estão fechadas. Ninguém pode entrar e ninguém pode sair.

Milagrosamente, as grandes e pesadas portas da igreja se fecharam sem fazer nenhum barulho.

— Vem, Ada — ordenou Horácio sem lhe deixar acabar. Ao mesmo momento que ela escutava o ruído das dobradiças da portinhola central do confessionário. Conseguiu colocar-se de pé, apesar de que as pernas tremiam sem remédio.

— Pelo amor de Deus, Horácio! — disse a jovem, ainda situada junto ao genuflexório. Atrever-se a dar um só passo até a porta central do confessionário lhe parecia um sacrilégio. Lutando contra o impulso de lhe obedecer, contra a tentação que seria só olhá-lo e estar à mercê da maravilhosa tirania daqueles olhos, conjurando enquanto os lábios lhe tremiam ardentes uma oração a seu deus, suplicava que a protegesse da persuasão que exercia sobre ela sua voz, o mais belo canto dos anjos perversos.

— É pelo teu amor que deves fazer o que te peço.

Ela não tinha mais nenhuma força de vontade para segurá-la.

Com a respiração presa, caminhou devagar, retorcendo entre as mãos uma das luvas de renda que levava. Ao final de dois passos, deu a volta ao confessionário e o viu sentado de frente para ela.

Estava encostado na cadeira de madeira e pele que utilizava o padre para suas confissões. Seu aspecto era diabolicamente atraente. Levava a

camisa branca muito solta sobre a calça e aberta até o peito, que aparecia sem qualquer cabelo, porém musculoso e de pele firme e bronzeada como as dunas do deserto ao anoitecer. Tinha um cotovelo sobre o apoio de braços e apoiava a cabeça em um de seus dedos. Seu outro braço se estendia até Ada mostrando a palma branca da mão. Apressava a jovem a tomá-la, como se fosse um remo que se alcança um naufrago no mar. Sobre a suave escuridão que sombreava seu rosto, os olhos brilhavam com um fulgor estranho, quase avermelhado, enfebreado pelo desejo que o estava queimando.

Ada pegou sua mão e Horácio a puxou para que entrasse no pequeno compartimento. As dobradiças voltaram a soltar um ruído enferrujado.

Ele a sentou de lado em suas pernas e rodeou a sua cintura com o braço, acariciando o contorno do seu quadril suavemente. Uma multidão de faixas de luz entrava pelas fendas das treliças, sendo a única e escassa iluminação com que contavam. Suspenso no ar ficava a ideia de que dentro do confessionário o tempo parecia não existir: sempre tinham sido tão bonitos e sempre o seriam. Que deus não lhes permitiria amar-se, tocar-se, saborear o néctar desse amor? Que classe de deus se oporia a que, por esta ali, em sua casa, se amassem? Afinal de contas não era todo o mundo a casa de Deus? É que o campo, a praia ou o lago não eram suas terras? Haveria um lugar melhor que aquele, aquele que os abençoava e os abrigava? Então, sem dizer uma palavra, levantou a moça e fez que voltasse a sentar-se em seu colo, mas desta vez montada, ajustando o seu corpo até colocá-la colada a ele. De maneira instintiva, Ada lhe rodeou com as coxas e apertou com força. Horácio a olhou nos olhos na penumbra e, com a linguagem sem palavras dos amantes, lhe disse que havia chegado o momento.

— Você me tirará o meu Deus — assegurou ela após um momento, balbuciando, com o rosto cheio de lágrima.

— A partir desse momento, não haverá para você outro deus que eu — disse com uma voz grave e ao mesmo tempo dulcíssima.

Desfez o laço de seu chapéu e o deixou cair no chão. Com uma de suas grandes mãos começou a acariciá-la na nuca, enfiando os dedos em seus cabelos encaracolados, arrastando-o para detrás da orelha para lhe roçar

ligeiramente o lóbulo. A mão continuou o caminho descendo pela clavícula enquanto a outra lhe levantava a saia até a coxa. Sua pele era de uma suavidade tão requintada que até as finas rendas de sua roupa íntima pareciam ao seu lado de uma aspereza grosseira. Quis provar qual o sabor daquela suavidade e lhe lambeu o pescoço e o decote, dando um monte de beijos junto à borda do corpete de listras azuis que Ada levava posto, tratando de separar com a língua a tela do vestido o máximo possível, de baixar e aprofundar mais e mais em sua carne. Então levantou as mãos e lhe tomou ambos os seios, apertando-os com suave firmeza, acariciando e beliscando os bicos endurecidos através da tela enquanto colocava os lábios de Ada na boca e o chupava, o mordia, o lambia, o roçava ligeiramente com a língua para aumentar seu tormento. Ada se agarrava ao forte pescoço de Horácio com os olhos fechados. Lágrimas de vergonha se misturavam nas bochechas com o choro pelo ardoroso prazer que ele lhe estava provocando. Horácio lambeu suas lágrimas quando desciam até a curva de seu pito, e logo voltou para beijá-la com intensidade na boca, aspirando seu hálito, lhe roubando toda a alma. Depois a separou ligeiramente de seu corpo. Voltou a introduzir sua mão debaixo da saia e explorou entre as finas telas até dar com a abertura de sua roupa íntima. Horácio buscou com delicadeza e em seguida encontrou o úmido bosque de pelos. Do peito de Ada saiu um agudo lamento quando ele o encontrou e abriu suas dobras com delicadeza, introduzindo-se ao mesmo tempo que tomava de novo sua boca para beijá-la. A respiração de Horácio se fez mais forte ao comprovar que Ada estava empapada, preparada para ele. Gemia e a rodava com seus grandes braços, às vezes com muita força, levantando a pélvis em sua direção com ansiedade cada vez que iniciava uma nova carícia ou lhe dava um novo beijo. Parecia que lhe faltava o ar e de seu peito, banhado em um suor que lhe empapava a camisa, saiam ásperos lamentos. Seguiu acariciando e introduziu seus dedos um pouco mais nela, apertando, fora e mais e mais por dentro, onde se encontrava tão firme, lisa e escorregadia quanto as pedras dos leitos dos rios. Ada se inclinou para trás, soltou seu cabelo e agitou a cabeça para que os cabelos caíssem em cascata por suas costas.

Esta visão provocou em Horácio uma grande excitação que fez se lançasse e desse o último passo. Já não havia barreiras nem obstáculos entre

eles, nem família ou religião que os separassem, nem telas nem vestidos, não havia nada que impedisse que ele saísse de suas calças e entrasse nela. E assim fez.

Introduziu-se em Ada muito devagar. A ponta de sua flecha era grande e estava inchada, carregada de sangue. Ada abriu os olhos e o olhou fixamente. Seguia sem lhe tocar, tinha as mãos apertadas pelo medo. Medo e desejo, em partes iguais, lutando em seu interior; só que o medo potenciava o desejo e fazia que aquele jogasse em inferioridade de condições. Horácio penetrou-a um pouco mais e seu chiado soou como o de um potro selvagem ansioso por começar a corrida. Ada estava no limite da dor, na borda do precipício de que saltaria por vontade própria para, depois da caída, ascender como toda uma mulher. Contaria até três e se lançaria a esse vazio de claridade cuja brancura a deslumbrava. Três. A moça se apertou com determinação ao corpo masculino e se cravou nele, até o fundo, de uma só estocada. Ficou quieta para sentir com gozo cada punhado de dor, as palpitações do pênis que se sacudia em seu interior nervosamente. Ao final de alguns instantes, o prazer abriu passo entre a dor e aos poucos Horácio fez que desaparecesse. Então Ada começou a tocá-lo. Ajudou-o a tirar a casaco e desenlaçou a camisa que tinha colada à pele. Arrastou suas mãos pelo peito bronzeado, apertando os músculos peitorais e introduzindo seus dedos entre o escasso pelo que crescia no mesmo centro. Depois de observar as varonis formas de seu corpo, se agarrou a seus ombros, voltou a segurar seu olhar e começou a se mover sobre ele. Horácio começou a ofegar de novo, mesmo que permanecesse imóvel, deixando que ela se saciasse por completo.

No início, o fez lentamente por temor a se ferir, por temor de ferir aos dois, mas quando compreendeu que sua dor havia diminuído e se havia convertido em uma sensação prazerosa, quando comprovou a dureza da ereção masculina, pouco a pouco sua ardência se foi acelerando até que as acometidas se fizeram rítmicas e profundas.

— Você vai se machucar, menina, não há pressa. Vá com cuidado — lhe sussurrou ao ouvido entre ofegos.

Entretanto, Ada não o escutava. Experimentava naquele momento uma sensação muito estranha. Estava o mais perto dele possível, tinha-o dentro dela, não havia mais além e, entretanto, sentia-se como se estivessem longe, como se entre eles houvesse uma grande distância. E cada vez que se aproximava ao corpo de Horácio e cada vez que se afastava dele até a sua próxima união, a excitação, a ansiedade e o prazer a emocionavam de tal maneira que acreditava correndo angustiosamente para alcançá-lo.

De repente, uma das grandes janelas se abriu empurrada pela força do vento e da chuva que caía. Ada despertou de repente de seu sonho com o coração a mil por hora e o camisão aberto até a cintura. Cansada, acreditou que a água de flor de laranjeira a refrescaria. Buscou a jarra de cristal e viu que estava vazia. Cobriu-se com uma bata e desceu as escadas com o recipiente em uma mão o candeeiro na outra. Ao passar pelo vestíbulo escutou a voz de sua mãe e viu um fio de luz por baixo da porta do salão. Era muito estranho que seus pais permanecessem ali a estas horas. Nunca pernoitavam, a não ser que fossem a um baile ou não pudessem escapar de um jantar particularmente tedioso.

Não sem preguiça, o velho relógio do vestíbulo anunciou a uma da madrugada um par de minutos além da hora.

— Sim, Augusto, sim. Será como você diz. É pelo bem de Ada. Não é assim, querido? — escutou sua mãe dizer.

— O que será feito para o meu bem? — perguntou irrompendo no salão.

Seus pais emudeceram durante um breve lapso, tempo suficiente para que ela se certificasse que estava em jogo algum assunto delicado. Presa de uma repentina agitação, Isabel se levantou, pegou a filha pela mão e a levou até o sofá vermelho, obrigando-a a sentar-se. Sua mãe implorou-lhe mil e uma vezes que, pelo amor de Deus, antes de proferir uma sílaba, para se tranquilizar.

Augusto levantou o copo de brandi e ajustou o cinturão de seu extravagante traje noturno.

— Por que tenho que me tranquilizar mãe? Não estou nada nervosa. É a senhora que parece um rabo de lagartixa. Que está passando aqui? Ocorre algo que não me contaram e eu devo saber?

Seu pai foi ao armário do bar para se servir de outra bebida.

—Tivemos a sorte de conhecer essa semana um homem realmente extraordinário — disse Augusto expressando sua satisfação com um sorriso de orelha a orelha. — Dedicase a algo muito original: ao comércio de diamantes. Não é exatamente um cavalheiro, mas é sóbrio e.... rico. Pelo que vi tem um caráter sossegado e também de poucas palavras, duas qualidades que encaixariam à perfeição com seu permanente estado de atividade e sua tagarelice — alegou com certo ar de desprezo enquanto apontava para sua filha. — Sua mãe e eu desejamos que se case com ele.

CAPITULO 2

O compromisso



— Quê? Como vou me casar com um homem que não conheço? — gritou Ada afastando-se das garras acariciadoras de sua mãe e passando a primeira linha de batalha.

— Bobagens! — disse Augusto, como sempre que ficava sem poder replicar.

— Vamos, querida, sossegue! — exclamou Isabel aproximando-se e segurando-a pelos ombros. — É por seu bem! Não entende que fará vinte e cinco anos dentro de um mês. Não haverá mais oportunidades! Esta ocasião que se apresenta agora é um milagre! Além disso, deve obedecer a seu pai — prosseguiu olhando a seu marido com uma mirada receosa.

— Milagre? Jogar-me a um matrimonio de conveniência, a uma união sem amor e fracassada de antemão! Os matrimônios arrumados não satisfizeram a nenhum dos presentes. Mãe! A senhora deveria saber melhor que ninguém — reagiu Ada, como um gato encurralado.

— Outra falta de respeito como essa e saberá o que é temer a um pai — disse Augusto tão perto dela que sua saliva lhe salpicou na cara.

— Que diferente seria minha vida se houvesse ido embora aquela noite! Que tranquila! Que feliz!

— Sabe muito bem — disse Augusto com o rosto vermelho — que está terminantemente proibido falar desse assunto em minha casa. É que não foi suficiente para você conhecer a desaprovação do céu? A morte daquele senhor ninguém foi a prova de que a vara de Deus caía sobre vocês! — disse golpeando com violência um punho sobre a mão aberta. — Se casará com esse homem que escolhemos, e o fará porque seus pais desejam. É um fato consumado e tão seguro como amanhã sairá o sol. Querendo você ou não, assim será.

Ada escutava o seu pai em silêncio.

Quando ele a olhava com olhos ferozes, apenas podia respirar. Entretanto, naquela ocasião, e sem saber muito bem de onde brotava sua coragem, proclamou em voz alta que não estava disposta a obedecer.

— Cala! Harpia! Mal-educada! Como se atreve a se dirigir a mim nesse tom insolente? Sem ver-go-nha! — gritou Augusto.

— Por que não me ama pai? Por que não nos ama? — perguntou Ada em um fio de voz enquanto os olhos se umedeciam.

A raiva transfigurou as feições de Augusto. Normalmente não suportava os soluços, mas, no que tocava às mulheres, se mostrava inflexível. Estava convencido que sua inocente tendência ao choro era em realidade uma arma muito poderosa, que todas elas utilizavam à menor oportunidade para dobrar a desvalida vontade do homem.

Ninguém havia visto Augusto chorar. Nem mesmo no dia que sua mãe morreu. E Isabel como Ada e seus irmãos não choravam nunca. Todos eles haviam sido educados para consumir-se em uma tristeza seca.

— Aconteça o que acontecer, jamais chore! — ele exigia de seus filhos quando ainda não eram capazes de se sustentar em seus próprios pés.

Os Cárdenas eram uma família que não chorava.

— Me perturba! Entende? — vociferou Augusto em seu ouvido. — Sua impertinência e sua perfeita moral me exasperam. Você é um obstáculo para o bem-estar desta família. Sempre analisando minha autoridade, julgando meus atos como um censor! Você, que tem tanto que calar. Você, que há dez anos espera o que não merece!

Uma lágrima escapou dos olhos da jovem sem que pudesse fazer nada para evitar.

Seu pai lhe deu as costas como resposta.

— Espetáculo! — vociferou Augusto levantando o queixo. — Já está a sua filha possuída do espírito teatral que tanto me aborrece. Ordene-lhe que se comporte! Faça ou me verei obrigado a atuar como deveria haver feito há

anos! Vocês são duas bruxas do demônio! As duas são filhas de Eva! Que se pode esperar de vocês senão debilidade e corrupção? — disse dirigindo-se à sua esposa com os braços abertos.

A senhora Cárdenas tomou pelas mãos a filha e tentou arrastá-la fora da sala, mas Ada se negou a segui-la e sua mãe voltou a sentar-se no sofá e deixou o olhar cinza suspenso no ar.

— Você tem medo de sentir fraqueza por alguém, verdade? — disse colocando-se em frente a ele, obrigando-o a ver seu rosto úmido. — Medo de se sentir desamparado nas mãos dessa pessoa, de que o menosprezem, de que o manipule, de que o machuquem e logo o abandone à sua sorte. Como se amar não significasse também deixar-se arrastar ao pior dos infernos... sabe, pai, que sinto muito por você? Não é mais que um covarde — disse procurando mostrar todo seu desprezo na última palavra.

O inevitável ocorreu em seguida, mas ela estava mais que disposta a receber a bofetada. Depois, o senhor Cárdenas abandonou precipitadamente o salão acompanhado de vários exemplares de suas amadas revistas.

— Mãe, te peço que me ajude, convença a meu pai. Faz isso por mim! — suplicou Ada ao ficar sozinha com sua mãe.

— Querida, você gosta da água de rosas? Vem, aproxima-te a mim e me diz se preferes seu aroma ao perfume dos nardos — disse Isabel mostrando uma região concreta do seu pescoço.

— Não me escutas. Não é assim mãe? Faz anos que se fecha dentro de você mesma. E já nem vê ou ouve nada que possa perturbá-la. Mas você tem três filhos que a necessitam! Que a necessitaram sempre! É que não se dá conta?

Bem sabia Ada que o mal de sua mãe não tinha remédio. A doença que estava acabando com ela se chamava desilusão.

Os pais de Isabel e Augusto haviam arranjado o casamento dos dois quando ainda eram muito jovens. Augusto tinha um sobrenome ilustre e os senhores Velasco uma considerável fortuna. Convertidos em marido e mulher, sabendo-se dono de um capital que superava sua expectativa,

Augusto mudou a incômoda pele de galã para mostrar seu aspecto definitivo: o de esposo enfadado que se debate entre o menosprezo e a indiferença.

Isabel se conformava com o pouco que ele estava disposto a lhe oferecer e nunca se negava a cumprir seus desejos. Ela se humilhava para alimentar o tirano que Augusto levava dentro, pois só assim podia aplacar sua fúria. E, apesar dos pesares, haviam passado trinta anos desde então e Isabel seguia tão apaixonada de seu marido como quando eram noivos. Olhando para ele via o intrépido soldado da guarda real, vestido com o uniforme branco de gala, sentado no salão da casa de seus pais na tarde que pediu sua mão.

Naturalmente, o uniforme era emprestado. O jovem Augusto tinha a fama de ser um conquistador, um especialista seduzindo a mocinhas inocentes. E era porque a virtude lhe parecia um bocado irresistível, do qual jamais se saciava até saborear o delicioso amargor do remorso.

Ada deixou sua mãe no salão com os frascos de perfume, e já ia subir as escadas do vestíbulo quando viu o seu pai na biblioteca. Parecia que nenhum dos três dormiria essa noite. Ada se sentou em um dos primeiros degraus da escada, no local exato de onde podia ver ambos os cômodos e observar seus pais à distância sem que eles se dessem conta. No mais profundo do seu transtornado coração de filha, reconhecia que somente longe, distante de tudo quanto significava seu nome, à margem da lei do sangue, querer e ser querida por eles era uma verdade sem falhas. Era o único modo, talvez, que os Cárdenas podiam amar.

Mas agora seus medos se centravam em sua mãe, e quando a observava não podia pensar em outra coisa que não fosse sua frágil saúde. Sua mãe perdia a razão ao mesmo tempo que, dia após dia, o vazio ia se apoderando de sua mente. Os indícios eram cada vez mais perceptíveis, as crises ficavam mais periódicas e, em seu transcurso, só mostrava uma pálida e dolorosa expressão, sem prestar atenção a nada e a ninguém. Não parecia uma crise nervosa senão um completo, mesmo que momentâneo, abandono de si mesma, como se estivesse se despedindo desta vida pouco a pouco.

Era muito tarde já quando Ada decidiu acompanhar sua mãe à cama.

— Sabe, minha filha? — disse Isabel reclamando a atenção de Ada enquanto subiam as escadas. — Esse homem é muito rico. E seu pai deseja o melhor para você. Como deve ser. Conta seu pai que o cavalheiro anda sempre com uma bengala com um extraordinário diamante azul em seu punho, que brilha tanto que escureceria o brilho de dez sóis — falou com os olhos muito abertos — Não te parece maravilhoso? Será a mulher mais invejada de toda Madrid. Já disse seu pai!

Uma bengala com um diamante azul? Um brilho que escureceria dez sóis? Ada pensou com rapidez, tentando lembrar onde ela havia visto essa bengala. Porque a havia visto, tinha total certeza. Mas, onde? Onde, pelo amor de Deus?

Naturalmente! O estranho desconhecido! Ele a levava no teatro. Sim, agora recordava. No entanto, Ada não costumava depositar sua fé no acaso e, uma após a outra, as perguntas se precipitaram sobre ela até lhe provocar uma forte dor de cabeça.

— Escuta, mãe — disse com renovada confiança, detendo-se no patamar da escada. — Concordo em encontrar-me com ele. Não prometo nada mais! Não espero nada menos de você do que sua ajuda, se chegar o momento em que me opuser terminantemente a esse casamento. O fará, mãe? Fará por uma vez?

Isabel tampou os ouvidos com nervosismo e durante um minuto pareceu mergulhada em profundas reflexões. Ada a observava com preocupação.

— Basta, minha filha, quando que não corri em seu auxílio? — disse pouco depois muito surpresa. — Mas não será necessário, já verá. Você deve deixar esses assuntos nas mãos de seu pai, como eu faço! — concluiu Isabel dando por finalizada uma conversação que a aborrecia. Pouco depois, voltou ao tema dos perfumes que já começava a tirar da cesta.

Uma semana depois da discussão, Augusto, que havia passado seis dos setes dias sem dirigir a palavra à sua filha, rompeu seu voto de silêncio para lhe explicar que deveria se entregar por inteiro ao cuidado de sua imagem, já que no dia seguinte compareceriam a uma noite íntima na casa de Newman.

Ada não se opôs, apesar de saber que naquela celebração se faria oficial o compromisso com um desconhecido.

Não havia outro modo de averiguar quem era aquele homem, nenhuma outra forma de afastar as loucas suspeitas que a atormentavam. A única coisa que não admitia dúvida era que o cavalheiro se chamava León Newman e que, pelo visto, tinha a bengala mais cara da cidade. Seu nome não fazia justiça à memória de Horácio; entretanto, se, por uma maravilhosa reviravolta do destino que ela não conseguia entender, ele não houvesse morrido naquela noite e seu desejo fosse recuperá-la, jamais faria isso sob uma identidade que seus pais conheceriam e rechaçariam de imediato. Ela não havia visto o cadáver; nem havia comparecido ao enterro. Os jornais da época haviam informado de que houve três vítimas no incêndio: duas mulheres e um homem em estado não identificável. Entretanto, seu pai havia dito que Newman era rico, e Horácio apenas tinha o suficiente para viver.

Como podia ser tão tonta, como podia alimentar esperanças sobre algo que era impossível. Impossível, desde logo; mas, aquela sombra do teatro... aquela figura masculina que havia retornado até ela... só de lembrar sua imagem de novo fez com que Ada estremecesse.

À tarde, toda a família Cárdenas reuniu-se no salão da casa.

— Acredito que o mais apropriado seriam os tons pastel. Não acha Augusto? — perguntou Isabel.

— Que inadequado! Não vê que está pálida como gelo! Já não se usa mais o semblante fantasmagórico da década de quarenta. Um pouco de cor seria o mais adequado... — disse levantando com os dedos o queixo de Ada.

— Uma seda selvagem, talvez um tom de fogo. Ummmm... Deixe-me pensar! Creio que consultarei minhas revistas, embora temo não encontrar muitos modelos femininos. No final, como sempre, hei de guiar-me unicamente por minha intuição. A escolha do vestido que usarás essa noite pode determinar sua sorte — sentenciou seu pai enquanto se dispunha a abrir a vitrine de onde guardava seus tesouros.

— Senhora — interrompeu a jovem pequena e flexível como uma lombriga que acabava de entrar apressadamente na sala. — Chegou um mensageiro da parte do senhor León Newman. Traz duas caixas grandes e disse que são para a senhorita. Que devo fazer?

— Mas quem é você, garota imprudente?

Como essa poderia estar invadindo sua sala de estar dessa maneira. Esta intromissão o irritou até tornar-se insuportavelmente incômoda. Uma sensação que foi aumentando à medida que passavam os segundos e a garota muda pelo terror que lhe infundia aquele olhar selvagem, não lhe respondia.

Acima de qualquer outra consideração, Augusto devia isso à sua audiência. De quando em quando, oferecer um espetáculo improvisado aos seus lhe estimulava especialmente, e aquela era uma ocasião perfeita para fazê-lo. Ele não a conhecia, e era absolutamente necessário que uma garota insignificante como ela passasse sua pequena prova de crueldade.

Augusto sempre colocava à prova os desamparados.

Se no primeiro encontro suportavam com humildade todas e cada uma de suas humilhações, então podiam se considerar afortunados, e talvez, só talvez, Augusto os deixasse ocupar um discreto canto do universo.

Todos os músculos de seu corpo se colocaram em tensão. Imitando a ação do tigre, deu rédea solta à besta que levava dentro e se lançou à garota.

— Você escuta? Ei? Escuta? Você não sabe falar? — ele disse altivamente enquanto se aproximava dela. — Seus pais não te ensinaram? Eles não a mandaram para a escola?

A pobre garota respondeu que sua mãe não havia podido, que era muito caro para ela, mas que uma vizinha lhe havia ensinado a ler e escrever um pouco. Tinha os incisivos proeminentes e muito separados, e cada vez que falava tampava a boca timidamente com a mão.

— Um pouco! Bem. Isso é uma benção! Correto? — ele gritou em seu ouvido.

Augusto começou a dar voltas lentamente ao redor da indefesa garota, envolvendo-a com seu pegajoso fio de aranha até que a presa ficou imóvel.

— Eu sou herdeiro de uma grande estirpe — prosseguiu Augusto, com um sorriso e uma condescendência que gelavam o sangue. — Meus filhos e eu estudamos nos melhores colégios de Madrid. Temos títulos e honrarias com os quais você nem poderia sonhar. Que títulos possui sua família? — perguntou enganosamente. — Por acaso é uma senhorita disfarçada de servente? Mostre-me seus títulos para que deixe de uma vez esse meu erro. É uma senhorita? Tem a bondade de me dizer! Vamos! É uma senhorita? É feita da mesma matéria que eu, ou você é filha da lama? Diga! Diga que é uma senhorita e te pedirei desculpas publicamente! Mas se é uma filha da lama deve reconhecer empregando estas mesmas palavras. Diga de uma maldita vez! — gritou Augusto com a fúria de um deus bárbaro.

As bochechas da garota queimavam e chorava tanto que não se atrevia a retirar as mãos dos olhos.

— Sou uma... uma...

Augusto colocou a mão atrás da sua orelha e aproximou a cabeça para escutar melhor as palavras que iam saindo a conta gotas dos lábios trêmulos.

— Sou uma filha da lama, senhor — chegou a pronunciar a garota enquanto tentava não se afogar em seu próprio choro.

Com a cabeça enterrada na revista que fingia ler, Ada estremecia recordando outras vezes que a encarnação da fúria dele havia sido direcionada a ela.

Alfredo e Aníbal haviam abandonado a partida de cartas, mas não se atreviam a levantar a vista da toalha. De sua parte, Isabel sorria despreocupadamente, como se nada grave estivesse acontecendo, como se fosse uma obstinada inclinação dos outros de ver o seu marido como um monstro.

Augusto não golpeava nem a seus cachorros e nem a seus filhos. Vangloriava-se de nunca haver necessitado fazê-lo e de ser, por ele, um amo e um pai amável. Ao contrário, seu método obtinha resultados eficazes de

sobra. Impunha sua autoridade plantando nos corações de seus pequenos o medo mais atroz, mas não a golpes físicos, mas sim danos morais, aquela chaga que permaneceria aberta para sempre se ele assim quisesse. Essa pratica assegurava o respeito dos filhos, pensava Augusto, e não um açoite ou uma bofetada.

— Quem é seu pai garota? — perguntou enquanto notava como sua indignação mingua devagar. — Um carnicheiro, um padeiro? Não, não. Um padeiro não, um padeiro tem muita categoria para ser o progenitor desta desova. Um mascate, um lixeiro, talvez? — sugeriu tirando uma cigarrilha da piteira de prata realçada com a gravação da inicial em uma primorosa letra. — Responda cada vez que te faça uma pergunta! Mal educada!

A garota tentou se superar para tentar responder.

— Nos abandonou, senhor! Eu... não tenho pai!

Esta afirmação lhe agradou muito e fez com que a raiva desaparecesse sem deixar rastro. Era uma pobre órfã, e, portanto, uma desventurada. *Não faça lenha com uma árvore caída*, com o que ele gostava de recitar esse ditado, mas, até que a casca da árvore roçasse o chão, Augusto tinha um trabalho a fazer.

A jovem havia superado a prova e o velho tigre estava saciado.

O espetáculo estava chegando ao fim.

— Eu ordeno que você me explique quem é essa cabeça oca! — sentenciou Augusto voltando à normalidade, enquanto recuperava o interesse pelas páginas de suas revistas.

Toda sua família estava ali, mas ninguém se atreveu a interromper ou interceder em favor da pobre garota. Ninguém ousou dizer uma palavra. Seus filhos temiam as consequências de uma possível intervenção de resgate; eles as temiam mais que as gretas de um inferno em chamas.

— É a filha de Elena, querido. Veio aprender o ofício. Devo dizer que está mostrando empenho. Não é verdade Anita? — pronunciou, tremendo, Isabel.

Anita, em resposta à sua amabilidade, segurou as saias de ambos os lados e fez uma reverência rápida.

— Coloca bem a touca, menina! — exclamou Isabel. — Sua mãe esteve conosco a vida toda. Ela é uma cozinheira excepcional e a criada mais fiel e prestativa que já tivemos. Você vai entender que eu ajudei a garota, você não vai acreditar que é um favor sem merecer, Augusto... — adicionou esperando com impaciência o consentimento de seu esposo.

— Deveria ter me consultado antes de tomar uma decisão tão transcendente. Agora, deixarei isso passar! Mas da próxima vez mantenha minhas palavras em mente — sentenciou Augusto. — E você, garota — adicionou dirigindo-se à jovem que tremia—receba o envio e assegure que o mensageiro não espere resposta. Corre! Você não me ouviu? Ah! E traga os pacotes para cá assim que o despachar.

CAPITULO 3

A mansão Rosas Negras



Em um minuto a criada regressou carregando como podia dois enormes volumes. Eram duas caixas retangulares forradas de linho branco, amarradas com um grande laço de cetim da mesma cor. A jovem colocou a carga no local indicado por seu senhor e retirou-se tão rápido quanto permitiam as mesas, cadeira e o sofá que teve que evitar em seu caminho.

— Vamos, querida. Abre! — disse sua mãe com impaciência.

Ada se aproximou de uma das caixas brancas, desfez o laço e levantou a tampa lentamente. Sobre o delicado envoltório que cobria seu conteúdo encontrou um buquê com dez rosas de um tom vermelho muito escuro e também um envelopinho que levava seu nome.

O número de flores a lembrou dos dez anos que Horácio levava morto.

Mostrou-lhe o buquê e leu para si o cartão que extraiu do pequeno envelope.

Querida senhorita:

Desde que a vi, há dez anos, não desejei outra coisa que estar em sua companhia. Compreendo sua precaução, mas confie em mim. Descarte todo o medo.

Se aceitar meu convite todos os mistérios serão revelados.

Envio-lhe uns enfeites que espero sejam de seu agrado, apesar de saber que sua beleza não necessita estímulos artificiais.

Sempre fiel.

L. N.

Aquelas palavras a haviam consternado de um modo que temeu não poder ocultar. Finalmente conseguiu se dominar e, para qualquer resposta,

explicou a seus pais que o cavaleiro se limitava a manifestar-lhe sua admiração e pedia-lhe que aceitasse os presentes enviados.

Seguiu procurando na caixa e, depois de retirar duas capas de papel brilhante que protegiam seu conteúdo, descobriu com assombro um maravilhoso vestido. Era uma criação da inovadora costura francesa, confeccionado em seda natural da cor vermelho sangue, adornado com renda negra de Bruxelas. As luvas compridas de seda, do mesmo tom da renda, completavam a roupa de noite. Tirou o vestido da caixa e colocou junto ao corpo, segurando junto a si em modo de prova. Até o frufu da seda resultava encantador!

Seu pai observava o vestido boquiaberto.

— Eu avisei! Seda... Cores brilhantes... — gaguejou.

— Um vestido vermelho, não é muito atrevido para o anúncio do compromisso? — disse Isabel com um fio de voz.

— De maneira nenhuma! É maravilhosamente moderno! Agora quase me arrependo de haver arrumado uma reunião familiar e não uma celebração com um público maior. Mas quem iria imaginar que apareceria assim? Para dizer a verdade — explicou Augusto, — devo dizer que esta noite é a primeira vez que vejo em ti o selo inconfundível dos Cárdenas.

— Oh querido! O que é isso? — perguntou Isabel tirando da outra caixa uma anágua com aros metálicos.

— Que coisa estranha! — repetiu Augusto enquanto observava a estranha armação. — Uma saia de argola? Eu definitivamente errei! Mas acredito que ainda estamos em tempo de mudar os planos iniciais... Em realidade, o senhor Newman se empenhou em conhecer antes os desejos de Ada, mesmo que o tenha advertido que você acataria os desejos do cabeça da família. Na verdade, ainda não estão comprometidos oficialmente, assim que não vejo inconveniente em anunciar o feliz evento em um baile como é devido. E, também...

— Aqui há outra coisa — disse Ada.

Os Cárdenas se voltaram para a sua filha. Ada segurava um estojo de veludo verde escuro.

— Abra-o, menina, mesmo que imagine o que contenha — disse Augusto, superado por um sentimento de profunda admiração pela opulência do cavaleiro.

Ada pressionou a aba dourada e levantou a tampa.

Era um conjunto de colar, pulseira e brincos de diamantes de esplendido brilho e fogo, montados em platina. Todas as joias tinham forma de estrela.

— Faça o necessário para que chegue o cabeleireiro a tempo — ordenou Augusto a sua esposa, dando uma palmada.— Quero que tire esses óculos ridículos. Amanhã estarás radiante! — proclamou cheio de satisfação.— Minha filha!

No dia seguinte, após um café da manhã leve, Ada entregou-se às mãos hábeis de Pablo Salvatierra, o homem mais requisitado pelas damas de Madrid. Na opinião do especialista, se tratava de realçar a beleza de seus cabelos dourados, para o qual o mais adequado era trabalhar com ferro de frisar e depois amarrar a cascata de ondas abertas em um recolhimento alto e frouxo. Enquanto Pablo se ocupava dela, Ada pensava na rapidez com que as coisas estavam passando.

Que os presentes eram fascinantes, não deixava de admitir. Entretanto, na sua opinião, não era correto aceitá-los. Foi o seu pai que insistiu que León Newman era seu prometido e podia lhe presentear, sempre guardando o máximo decoro, tudo aquilo que quisesse. Além disso, havia a carta, e a frase que seu pai soltou sem dar a menor importância, mas que a Ada revelou algo tranquilizador: o senhor Newman desejava conhecer os seus desejos antes de pedir a sua mão e afirmava indispensável seu consentimento. Esta atitude demonstrava um temperamento sensível, respeitoso e justo, que lhe agradava enormemente.

Quanto à carta, ela não sabia o que pensar, mas desde que a lera, a luz que a caracterizava retornara ao seu rosto, a luz que se apagara anos atrás

com a morte daquele pobre rapaz. Era óbvio para ela que pelo menos várias interpretações poderiam ser feitas. Por um lado, acalentava a extraordinária hipótese de que Horácio seguia vivo, que havia regressado para ela e que se ocultava sob a identidade desse tal León Newman. Quem senão ele poderia ter sua lembrança e levava dez anos sem vê-la? Por outro lado, ela achava que tudo isso não passava de loucura, que seu pobre coração a obrigava a considerar o que estava além da lógica. Ada esperou que a noite chegasse, mergulhada em um estado de ansiosa expectativa.

Mas, ao sair de casa, esplendorosa em seu vestido vermelho e negro, convencida de que o mistério que a atormentava se resolveria de maneira iminente e com a suspeita de que voltaria a ver Horácio, seu coração começou a bater forte, assim como há dez anos, toda vez que lhe sentia próximo.

Ao pôr do sol, o jovem cocheiro levou a família além dos limites da cidade. Manejou com destreza os cavalos até vislumbrar os picos escarpados da serra norte, penetrando no coração da selvagem floresta de faias. Sua condução e seu humor estavam sendo postos à prova naqueles dias e, se seu trabalho e outras características fossem do agrado de Augusto, talvez lhe fizesse fixo na equipe de serviço dedicado à casa. Estava muito nervoso, mas a ansiedade aumentava sua concentração. Apesar de sua juventude e pouca estatura, guiava os quatro cavalos como se fosse um só.

As primeiras sombras caíam sobre os prados. Os corvos se preparavam para o descanso sobre os espantalhos de feno, que apareciam aqui e acolá nos campos de colheita com seus corpos crucificados. À medida que iniciavam a subida do cume a escuridão se foi convertendo em uma densa escuridão e, sem se dar conta, haviam caído na armadilha da noite. A névoa se tornava cada vez mais espessa e o caminho mais tortuoso, de modo que o garoto teve que reduzir o passo das bestas. Subiu a gola da capa e afundou ao máximo seu chapéu, estremecendo ao contemplar tão inóspita paisagem. No caminho, as lanternas da carruagem iluminavam a silhueta das árvores mais próximas, alinhadas a direita e a esquerda igual uma fúnebre guarda de honra. Até a coruja que piava no buraco de um escamoso carvalho parecia lhes atrair a fatalidade com seu canto hipnótico.

O rapaz se criou nas cocheiras de uma grande casa, conhecia os animais melhor do que as pessoas e sabia que tampouco eles iam com muito ânimo. Dedicou-lhes umas palavras em um estranho linguajar e as quatro bestas relincharam pacificamente como se pudessem entendê-lo. Por outro lado, como era bom cristão, pensou que não seria demais rezar um pai nosso e uma ave-maria.

Justo ao passar numa ponte de troncos sobre o rio, contemplou de longe a colina em que se destacava a solitária e majestosa Rosas Negras. Respirou aliviado e voltou a sussurrar algo aos cavalos naquele idioma que não se entendia. Rosas Negras era uma mansão com mais de cem anos de antiguidade. Fazia muito tempo que ninguém vivia ali e a casa estava envolta com esse véu de mistério que adquire com o tempo toda beleza noturna. Entretanto, o mais característico da propriedade não era a magnífica casa de pedras cinza e os vitrais coloridos nem as inquietantes gárgulas que apareciam sobre o telhado, nem sequer as duas torres que se erguiam como sentinelas despertas sobre a fachada principal. Sua fama vinha do jardim de rosas negras que crescia selvagem na frente da casa.

O roseiral subia selvagem pelas colunas que a rodeavam, cobrindo-as com seu grande manto de ramas, folhas e flores. Umas rosas de impressionante perfume, com pétalas aveludadas de um vermelho tão escuro e apagado que não se destacariam enfrentando a própria cor negra. Na cidade afirmavam que naquela casa morava a alma de seu antigo proprietário, que havia desaparecido misteriosamente após a morte de sua esposa. Naquele ponto, todos diziam que era seu fantasma que, usando seus poderes sobrenaturais, fazia que as rosas brotassem durante todo o ano, tão negras como seu pesar.

O jovem deteve os cavalos em frente à porta de entrada e desceu do assento com ar decidido. Arrumou as roupas com vários gestos rápidos e certos, abriu a portinhola e ajudou os senhores a descer da carruagem. Ainda não haviam chegado ao final da escada quando as pesadas portas de madeira maciças se abriram e dois criados, vestidos com uniformes e gestos solenes, lhes deram as boas-vindas.

O senhor Newman os aguardava de pé no centro do vestíbulo, com a cabeça baixa e os olhos de lobo fixos neles.

Augusto Cárdenas cumprimentou o cavalheiro e fez as apresentações apropriadas. León Newman se inclinou ligeiramente à frente de Isabel e tomou sua mão para fazer um gesto de beijá-la. Logo chegou a vez de Ada.

— Tenho o prazer de apresentar a minha filha, a senhorita Ada Cárdenas — disse seu pai com muita eloquência.

Ali estava ele, frente a ela, Horácio! Sim, Horácio! Depois de lhe haver dado por morto durante tantos anos, depois de haver exaltado sua recordação até os limites inexplicáveis e, entretanto, algo estranho acontecia. As mãos de Ada não tremiam, nem o coração batia mais rápido, nem sequer uma leve agitação. Nem a menor agitação! Tampouco viu no cavalheiro o menor sinal de emoção que lhe impedisse de fazer o estritamente indispensável: sua saudação se reduziu às habituais frases de boas-vindas e os melhores desejos para a noite. Mas seus olhos não podiam evitar pousar em Ada com ardente insistência, até mesmo quando se dirigia a seus pais, olhando-a de um modo estranho, como se não a conhecesse e estivesse avaliando seu físico pela primeira vez.

Após a recepção fria, o senhor Newman os convidou a se reunir com os outros convidados que já aguardavam no salão.

Frieza e cortesia. Isso foi tudo o que recebeu dele em um primeiro momento. Talvez tenha se tornado calado, reservado, embora ela se lembrasse dele franco e descontraído, com maneiras agradáveis, de forma alguma afetado. Entretanto, era ele. Mesmo que seu coração estivesse obstinado a não reconhecê-lo, era ele, o homem com quem ela ainda sonhava. O senhor Newman tinha uma cabeça bem formada. Seu cabelo castanho, liso, de um comprimento médio e arrumado com certo descuido.

A pele pálida contrastava com o tom escuro de seus volumosos lábios, que começavam a delinear na borda dos sulcos profundos de suas maçãs do rosto. Os ângulos retos da mandíbula realçavam a sua beleza varonil e combinavam à perfeição com as proporções gregas de seu nariz.

Entre a espessa camada de cílios, seus olhos flutuavam caprichosamente da cor verde ao cinza oceânico, sombreados por umas sobrancelhas escuras e suaves olheiras. Mas a característica mais marcante de seu olhar era o excesso de lágrimas nos olhos, olhos que pareciam feitos para a melancolia. Esta extraordinária qualidade, que Ada não lembrava como própria de Horácio, ativou nela um mecanismo de emoção desconhecido, uma perturbadora mistura de ternura e ardor. Entretanto, também havia algo perverso naquele olhar, talvez uma pitada de fúria contida ou de saudade ante o mundo ao seu redor. Com só um piscar seus olhos seduziam e, ao mesmo tempo, algo em seu olhar provocava arrepios.

Newman era um homem alto, e irradiava aquela classe de saúde e vitalidade que se via somente nos esportistas, mesmo que nunca feito mais esforço que o necessário para levar seu trabalho a cabo. E fazia muitos anos que seu trabalho não exigia desgaste físico nenhum. Tampouco o tempo parecia lhe haver tratado mal. Haviam desaparecido os obscenos rasgos da juventude, e seu rosto, seu porte, todo ele, resplandecia serenamente ao fio da maturidade. Tendo em vista sua presença imponente, era difícil considerar sua atratividade como uma mera opinião e não uma certeza.

Percorreram diversas salas de tetos altos, luxuosamente decoradas com pinturas de anjos voando em paraísos celestiais. Os pisos brilhavam abaixo dos pés de Ada, refletindo como espelhos d'água os móveis de mogno e as majestosas cortinas de damasco. Depois atravessaram um comprido corredor, que os levou até uma espaçosa galeria iluminada por tochas e repleta de figuras esculpidas em mármore branco. As figuras de tamanho natural estavam dispostas seguindo o perímetro retangular do salão, e formando outro retângulo menor, bem no centro, os bustos de pessoas célebres. Havia dezenas de esculturas antropomórficas que recriavam atletas olímpicos em detalhes, ninfas, virgens dos templos pagãos, soldados do exército de Roma, e também havia alguns deuses da mitologia clássica. Apenas ao entrar nesse oásis de beleza, era dominado por sua surpreendente sensualidade. Os brancos perfis ressaltavam a transparente luminosidade da pele desnuda, a voluptuosidade e a dureza da musculatura cinzelada em alabastro. Jogando com a luz e o vazio, a forma sugeria flexibilidade e tensão, uma sutil e

refinada luxúria. Até o barulho do silêncio sussurrava ali a linguagem do divino *Michelangelo e de Bernini*.

CAPITULO 4

Uma declaração de amor



Quando chegaram à sala de troféus cumprimentaram o restante dos convidados e em poucos minutos se anunciou o jantar. O amplo salão de jantar brilhava à luz dos castiçais de cristal e dos candelabros de bronze. E havia vários espelhos, pinturas de cenas de caça e cornucópias penduradas nas paredes carmesins. Na enorme mesa, tudo que estava colocado luzia com esplendor: louças francesas, talheres de prata com detalhes em madrepérola e belas taças de fino cristal da boêmia sobre toalhas de organdi. Dois centros de orquídeas e três candelabros completavam o serviço.

Os convidados foram tomando assento no lugar indicado por seu anfitrião sem guardar a etiqueta devida, para desgosto do senhor Cárdenas, que viu nisso um ataque feroz ao protocolo e um espírito democrático dificilmente tolerável. Augusto ficou vermelho de pura vergonha. Junto dele, sua cunhada, a senhora Margarita Cárdenas, procurava tranquilizá-lo com gestos balsâmicos.

A dama de beleza desatenta era filha de um empresário madeireiro que havia colhido em vida grande fortuna. A ponto de morrer sem herdeiros legais, chamou a mãe de Margarita para reconhecer formalmente a pequena e deixar-lhe após sua morte todo o seu capital. A origem humilde da dama era de sobra conhecida nos bairros superiores da metrópole, igual a sua precária inteligência. Ernesto Cárdenas tirou feliz proveito das duas virtudes.

Em vez disso, seu irmão Augusto lembrava com mais frequência do que desejava os momentos difíceis que sua pobre mãe passara quando recebeu a notícia do casamento iminente de Ernes com uma bastarda “filha da lama”, categoria em que ela classificava todas as pessoas desprovidas de “honras herdadas”, e ele pensou o quanto ela se sacrificara deixando de lado os escrúpulos lógicos de sua classe pelo bem de sua estirpe. Entretanto, apesar do nebuloso início, tudo foi suavizando com os anos, e o que um dia foi

prognosticado como um mal necessário porém incurável, acabou sendo um proveitoso negócio para Ernes.

Da lembrança daqueles dias só ficaram secas ramas de espinho que o vento fazia rodar de cá para lá, e Margarita e Ernesto já ocupavam as primeiras filas às portas da velhice, mesmo que cada um com uma vestimenta diferente. Ernesto se automedicava com o jogo e sua coleção de jovens amantes. E Margarita suportava as ausências de seu esposo depositando confiança e moedas em toda curandeira, bruxa ou espiritista que cruzasse seu caminho. Ernes a observava desde seu assento tratando de lembrar porque tinha se casado com ela. Ele havia esquecido.

Também estavam os irmãos de Ada: Alfredo e Aníbal Cárdenas.

Augusto havia estudado meticulosamente o nome dos seus filhos. Naturalmente, desejava que os rapazes herdassem parte do significado e encanto de seu patrimônio, mas não estava disposto a correr o risco de que absorvessem totalmente sua identidade, seu merecido protagonismo, o intransferível direito natural do único Augusto Cárdenas que cabia neste mundo. Desenvolvendo essa ideia chegou à conclusão que o mais apropriado era batizar cada criatura com um nome que começasse com a mesma inicial dele, isto é, com o altivo A de Augusto. E assim foram apresentados ante o Todo poderoso, em santíssima pia batismal, primeiro Alfredo, depois Ada e por último Aníbal Cárdenas.

Os varões compartilhavam uma das poucas propriedades familiares restantes, sem cruzar por sua mente a ideia de se tornar independente ou de formar uma família. Era Alfredo Cárdenas um homem robusto e de modos ásperos, alto e valente. Enquanto que Aníbal, um rapaz magro, de porte elegante, parecia tímido e pensativo, e era algo excepcional que emitisse algum som inteligível. Os dois bebiam até desmaiar e, por norma, jamais voltavam antes do amanhecer. Protegiam-se ao resguardo da noite e nunca saíam de dia se não fosse absolutamente necessário. A primeira vista, Alfredo era o filho mais próximo a Augusto, tanto em temperamento como em aparência física, e, por esta razão, seu pai lhe relevava constantemente favorecendo seu indolente modo de vida. Mas Aníbal sempre acompanhava

Alfredo, podia viver das migalhas que seu irmão lhe permitia aproveitar, coisa que nem sempre ocorria.

Alfredo detestava e, possivelmente, amava Ada. E a repulsa que ambos os conceitos tinham entre eles provocava ondas de choque de amor e rancor que a invadiram com igual força. Somente o amparo de sua tia, Paula de Velasco, impedira que a infância negligenciada de Ada fosse o terreno fértil para um temperamento caprichoso e instável.

Por ser solteira, Paula teve que se encarregar de sua mãe anciã, Jacinta de Velasco, durante sua última enfermidade no retiro de *Aranjuez*. Fazia mais de seis anos que a senhora Jacinta havia morrido e, desde então, a tia Paula havia decidido pôr sua vida nas mãos de Deus convertendo-se em uma irmã de caridade.

Augusto sempre dizia que ela havia sido uma menina insignificante. Mas a verdade que ocultava seu aparente desprezo era que, na sua juventude, Paula lhe havia rechaçado de forma muito vigorosa. Por esse motivo havia retornado à casa de sua mãe, mesmo que em Madrid já houvesse um noivo rico que a queria. Apesar de tudo, Paula havia criado Ada, voltando em seu cuidado todo o amor de que ela havia carecido. Infinitamente mais carinho do que podia oferecer Isabel, ocupada, sofrendo a causa da felicidade de seu esposo.

Augusto levantava, com dissimulação, sua taça por cima dos olhos, comprovando se aquele cristal de reflexos opalinos levava alguma assinatura ou distintivo de sua procedência. Sentada junto a Isabel, a irmã Paula procurava pensar que estava ali por sua sobrinha, já que, cada vez que olhava para Augusto ou lhe escutava, seus pensamentos se tornavam tão turvos que tinha que rezar uma oração ao Altíssimo.

León Newman estava sentado em frente a Ada, no outro extremo da mesa. Entretanto, nem sequer se dignava olhá-la. Estava recostado em sua cadeira e mal havia comido. Limitava-se a afirmar ou negar com monossílabos e a observar os membros de sua futura família com expressão atormentada.

— Deixe a taça sobre a mesa pai — falou Alfredo. — O importante não é a embalagem, mas sim o conteúdo! É um bom caldo, senhor Newman, e não uma asquerosa bebida afrancesada — afirmou bebendo até a última gota do vinho.

— Pelo amor de Deus! Não desejo ouvir falar dos franceses agora — a senhora Margarita disse engasgando com o último gole. — Tampouco de política, *per favore*. Não quando temos um elenco real tão divertido — adicionou com inocente malícia.

— A família real não se diverte como de costume, minha querida. Suas majestades parecem felizes com seus respectivos amantes. E já sabe que as pessoas felizes são mortalmente aborrecidas — assegurou Alfredo desfrutando do perfume do vinho.

— É tempo de esquecer e perdoar os erros de nossos monarcas. Afinal... São seres humanos! Corresponde a Deus julgar seus pecados, não a nós — apontou Augusto.

— Eu lhes desejo felicidade — disse Isabel timidamente enquanto a irmã Paula limpava uma gota de sopa que tinha no queixo.

— Desejo de felicidade é um convite ao desperdício — respondeu Augusto com autoridade.

— Falou bem, pai. São tão humanos como o resto da plebe — disse Alfredo tentando resgatar seu tema preferido.

— Mas, meu filho! O que pensará nosso anfitrião de nós! Onde estão os modos dos Cárdenas? Estas palavras...

— Os modos dos Cárdenas se gastaram com a fortuna de nossos antepassados, pai — respondeu enquanto ordenava que lhe servissem mais vinho. — Entretanto, tenho que reconhecer que a rainha é uma mulher divertida! Assim acredito!

— A que você se refere, Alfredo? — perguntou Ernesto.

— Como? Não está a par das fofocas? Não, não posso acreditar — prosseguiu sem parar para respirar. — Dizem que quando Isabelita se

inteirou de que seu primo carnal, Francisco, era o candidato eleito como futuro esposo e rei de nosso glorioso país, ela exclamou: “Não, por Deus, com Chiquinha não”! — disse Alfredo simulando uma voz de menina aterrorizada.

O olhar feroz de Augusto caiu sobre seu filho mais velho enquanto os outros riam às gargalhadas.

— Você tem uma esplendida galeria de arte, senhor! Na verdade, toda a casa está muito bem — interveio o cabeça da família mudando de assunto. — Ouso dizer que você não tem nada a invejar em nossa mansão na rua Mayor.

— Obrigado. Mas, agora, se vocês não se importam, poderíamos tomar os licores no salão — agradeceu Newman com um sorriso frio nos lábios enquanto, levantando-se de sua cadeira, se aproximava de Ada e se inclinava para lhe oferecer cavalheirescamente seu braço. Logo, ambos se encaminharam até o salão.

Augusto, escandalizado por seu atrevimento e pressionado pela necessidade de terminar com tão embaraçosa situação, teve que deixar o delicioso pedaço de bolo que ainda ficava no prato e perseguir o casal. Mas, ao chegar à saída, freou seu impulso agarrando-se a ambos os lados da porta. Uma diabólica ideia havia tingido de negro seus pensamentos e estava mais pálido que a lua. Nenhum de seus familiares o seguia apesar da ordem direta que havia dirigido a todos ao se levantar da mesa.

Alfredo e Aníbal, aproveitando a ausência de seu pai, revistavam cristaleiras e gavetas com a esperança de encontrar alguma das pedrinhas que haviam deixado rico a León Newman. Enquanto Ernesto Cárdenas e sua esposa observavam o quadro tentando silenciar as risadas que não conseguiam conter.

Entretanto, o casal atravessava o longo corredor que comunicava a sala de jantar com o salão principal da casa. Na metade do trajeto, chegaram a uma bifurcação e tomaram a direita, um corredor estreito, escassamente iluminado por um par de candelabros.

Caminhavam em silêncio quando uma ligeira corrente de ar frio fez tremer as chamas das velas. Ada sentiu um arrepio e tratou de desfazer-se do braço de seu acompanhante, mas ele a segurou com maior firmeza.

Subitamente, a corrente se converteu em um vendaval e apagou todas as velas. Ada sentiu arder as suas bochechas.

— Não se alarme, senhorita, é a janela do salão. Está nos dando muitos problemas ultimamente. Segure-se forte em mim e não tenha medo! — escutou dizer Newman.

Andaram um pouco mais e depois ele parou. O vento havia parado, mas seguiam imersos na escuridão mais absoluta. Alguns segundos depois, ela sentiu o braço dele soltá-la e escutou alguns passos claros.

— Senhor Newman? — pronunciou assustada.

Rapidamente percebeu uma presença atrás dela.

— É você, senhor?

Não houve resposta.

No meio da noite, Ada procurou às cegas um móvel ou uma parede para guiar-se, e foi então quando se encontrou com ele. Apalpou seu peito por cima da camisa de seda, e ficou quieta, escutando sua respiração no silêncio da noite. Podia sentir que o tórax se inchava e desinchava a um ritmo frenético. Incrédula ante sua própria temeridade, colocou a mão entre o tecido e acariciou-o com a ponta dos dedos. Aquela pele era ainda mais suave que a seda. Pareceu senti-lo tremer. Sua ávida mão continuou subindo até roçar o pomo de Adão, colocando-se na ponta dos pés rodeou o pescoço dele e colocou os dedos entre os úmidos cabelos da nuca. A jovem escutou um gemido afogado, voltou a colocar a mão sobre o peito e notou que o coração batia numa maior velocidade. Deixando-se levar por um desejo crescente, se aproximou mais dele, até contagiar-se da febre que aquele corpo desprendia.

Em ondas intermitentes, a fragrância viril apoderava-se dela. Esse cheiro, talvez indefinido para o resto, era um velho conhecido de Ada. Aspirou intensamente o perfume de seu pescoço, ali onde o sangue golpeava

com mais força. Evocava o aroma dos bosques escuros, o frescor das correntes de água e a vegetação que cresce às suas margens.

Os olhos se encheram de água e um incendiado suor a cobriu.

— Quem... quem é você? — conseguiu dizer ao fim entrecortadamente. Por seus movimentos, Ada sentiu que buscava algo nos bolsos da jaqueta. Logo sentiu um braço entrelaçar ao seu.

— Não se solte.

Aquela voz repercutiu em seu peito com o peso esmagador do passado. Um som que montava emboscadas a sua vontade, uma voz que ela reconheceria entre milhões de vozes amigas. Absolutamente abandonada ao poder daquele som, permitiu que o homem puxasse o seu decote com ambas as mãos e liberasse seus seios. Ada deixou que a acariciasse e lambesse seus seios. A boca que a devorava parecia não se saciar de chupar, acariciar seus mamilos, um a um ou juntando-os com apetite em sua boca. Empurrava-a contra a parede, apertava-a contra ele e se balançava de um lado a outro, para que, quando a roçasse, ela notasse a voluptuosidade e dureza de sua excitação. Através de suas roupas podia notar que o tamanho de seu pênis era enorme e de uma extraordinária grossura. Ada lançou um gemido imaginando-o em sua mão, pesando toda sua massa e acariciando as veias inchadas que corriam através dele. Tinha os mamilos enrugados e contraídos pelo frio do corredor e, ao lhe morder, ele provocava uma sensação ainda mais prazerosa do que se tivessem sido encontrados em seu estado natural.

— Cubra-se — ordenou rápido, separando-se bruscamente dela.

Na noite apareceu uma faísca reluzente acompanhada do cheiro de um fósforo queimado. O palito apenas iluminava o que parecia um aparador. Consternada, observou o perfil de Horácio enquanto ele levantava o abajur de um candelabro que estava sobre o móvel e aproximava o fogo até o seu pavio. Entretanto, mesmo estando acesa, a luz do candelabro era insuficiente para iluminar o corredor, era insuficiente para distinguir sequer os objetos mais próximos. Ele aproximou o fogo dela até quase cegá-la de novo.

— Lembro de você... quase tão linda como é agora! — disse sem voltar a olhá-la, com uma voz tão rica de matizes que suprimia por si só todos os recursos de seus olhos.

Ada, entretanto, não podia apartar seus olhos dele, mesmo que lhe custasse olhar-lhe com aquela luz implacável. E tampouco era capaz de articular palavra, deixando-se embalar por sua voz.

— Reconheceu-me no teatro? Ousaria dizer que sim, que me reconheceu — disse ele com suplicante doçura. — Conheço os costumes do mundo, Ada. Sei que passaram dez anos e não tenho o direito de esperar nada de você — e continuou após fazer uma pausa para recuperar o fôlego, — mas devo dizer que neste tempo não houve afeto feminino que embaçasse sua lembrança. Regressei por você. Agora tenho posição e fortuna para não te envergonhar, meu maior desejo é recuperar sua alma e seu corpo. Antes que você diga uma palavra, permita-me te fazer uma pergunta que é de vital importância para mim. Você tem sua ilusão posta em outra pessoa? — perguntou desejando uma negativa que lhe devolvesse o sossego.

Ada sentiu enfraquecer suas forças, mas proibiu a si mesma cair em desânimo. Era uma certeza inevitável que seu pai a jogava nesse matrimônio, e também que ela mesma, levada ao limite, preferia casar-se com ele antes que com qualquer outro candidato. Mas, Deus bendito, o havia dado por morto por dez anos! E então aparecia de repente! Um morto que voltou à vida com outro nome, o nome daquele com quem devia se casar.

Que foi dele durante esses anos?

O temperamento e os costumes de Ada não tinham mudado muito: o mesmo dormitório na casa de seus pais, a igreja, as conversas com sua amiga Constanza, os livros. Sua vida era como um rio de águas tranquilas, apenas agitadas pela suave corrente do passar dos dias. Lá bem no fundo, o fundo pantanoso da desilusão e amargura permaneceu imperturbável. E ele?

Ada se lembrava do apaixonado jovem que a beijava na adega de sua casa. Descia ao porão muitas vezes para reviver aqueles beijos e voltar a escutar as palavras de amor que seguiam ressonando para ela entre as paredes de pedra.

— Lembra-se da caixinha de música que me deu de presente na última tarde que nos vimos? — perguntou a ele sussurrando.

Horácio rememorou as últimas horas daquela tarde, mas a doce imagem se viu embaçada pela lembrança dos acontecimentos posteriores. O trágico incêndio em seu lar e tudo o que havia perecido com ele.

— Foi uma tarde muito fria — murmurou enquanto procurava conservar a calma.

— Ainda conservo a caixinha — disse Ada buscando seus olhos inutilmente. — A escondi para preservá-la no interior de um baú. Está branca e reluzente como o primeiro dia. Horácio, por que não olha para mim?

— Tudo será... como deveria ter sido naquele tempo — exclamou entre dentes. — Você não deixe de me amar! E eu, em troca, te entregarei minha vida, mesmo que nada valha depois do que ocorreu.

Em continuação tomou a mão de Ada, levantou até seus lábios e a beijou com ansiedade, para logo descansar seu rosto no dela. Ada o escutou gemer uma vez mais.

De repente, caiu a noite, e o fez de forma abrupta, como se um mago houvesse apagado a luz com um estalar de dedos. Outra vez se escutaram passos que se afastavam, até que Ada pôde ver como a claridade chegava timidamente desde o fundo do corredor. Os criados portavam candelabros e, em seguida, a iluminação voltou a ser mais que suficiente. Ao seu lado, León Newman recriminava os criados por sua negligência, enquanto Augusto Cárdenas os observava silenciosamente com expressão de incredulidade. Newman parecia tranquilo. Voltou-se à jovem, olhando-a friamente, e a animou com um gesto de mão a continuar seu caminho até o salão.

A cerimônia foi marcada para o início de janeiro. Era tempo suficiente para levar a cabo os preparativos, pelo menos aqueles que Augusto considerava indispensáveis. Depois de tudo, era desejo de Newman que a cerimônia fosse uma celebração íntima e Augusto não havia colocado nenhum entrave na decisão.

Ao chegar em casa, Ada se fechou em seu dormitório e se sentou em uma cadeira, perto da janela que dava para o jardim. Nem sequer tirou a roupa ou as joias que usava. Pareceu-lhe que naquela ocasião as horas da noite passavam em maior velocidade que as do dia.

Quando o amanhecer despontava, saiu à varanda e contemplou um céu recém-estreado e sem uma única nuvem. As chaminés de alguns telhados exalavam fumaça das primeiras cozinhas que se acendiam. Ada encheu os pulmões de ar fresco, como fazia quando se levantava antes que todos na casa e era tão pequena que não alcançava o corrimão da varanda. Sozinha, imaginava os terraços e telhados como um espaço sem lei, um território onde não havia fronteiras, que podia recorrer saltando de uma construção a outra sem nunca tocar o chão. Uma fronteira na qual apenas os sonhos irrealizáveis, os pássaros sem asas e a fuligem tinham lugar. Uma mãe pátria para todas as crianças órfãs. Em vez disso, parecia a Ada hoje que a felicidade não estava oculta na quietude dos lugares altos. E não era que ela acreditasse merecê-la: se ela não mereceu o amor de seus pais, o que ela poderia esperar do resto do mundo...

E então ele apareceu, ele como a última, como a única esperança, quando a solidão tediosa das crianças já havia sido criada. Logo, Horácio morto, e agora, de repente, o sol voltava à sua vida após dez anos de céus cobertos. Que difícil acreditar que no final lhe era dado viver uma felicidade semelhante. Por enquanto, seus olhos demorariam a habituar-se a uma aurora que brilhava como nunca, deslumbrando-a também com os olhos fechados, quando buscava refúgio entre as conhecidas sombras de seu quarto.

CAPITULO 5

O conselho da fada madrinha



Depois do café da manhã, conseguiu escapulir do estrito controle paterno e pôde correr à casa de sua melhor amiga e mais valiosa conselheira, Constanza Dávalos.

Ninguém a quem se perguntasse sobre a reputação de Constanza teria podido dizer uma palavra sobre o assunto. Tal extremo teria-se considerado uma indiscrição imperdoável.

Aos vinte anos, a dama havia se convertido na protegida de um prestigiado advogado que lhe dobrava a idade e que lhe ofereceu propriedades, joias, dinheiro e posição, deixando com sua morte mais riquezas que a sua própria esposa. Enquanto esta permanecia em casa, as amantes costumavam mover-se pelos ambientes mais seletos de Madrid e a viajar por todo o mundo.

Quando seu benfeitor faleceu, a senhorita Dávalos possuía dinheiro e relações suficientes para continuar ocupando a posição social que gozava em vida de seu protetor, e a ninguém lhe pareceu interessante lembrar quais haviam sido suas origens. Fazer um exame de consciência significaria expor o comportamento hipócrita de todos aqueles que em seus dias a aceitaram como um deles.

Constanza era uma mulher muito bonita apesar da sua idade. A tonalidade verde de seus olhos se destacava entre a espessa camada de cílios escuros, e em seus vales sombreavam umas olheiras que não lhe tiravam um ápice de beleza. Naquela manhã, envolta em um vestido de radiante verde, estava fantástica. Com certeza esperava alguém que não era Ada.

— Por Juno! Quanto tempo se passou desde que você veio me ver? Duas, três semanas? Raça cruel! — exclamou Constanza. — Você deve saber que é indispensável para a minha felicidade. Vem aqui... esqueçamos sua

ingratidão. Dê-me um abraço, querida! — disse aproximando-se de Ada com os braços abertos.

— Coisas incríveis aconteceram nestes dias. Quando eu te contar você entenderá imediatamente a razão de minha ausência.

— Na verdade, parece preocupada, pequena — disse acariciando o rosto da jovem. — Vamos, comece! E não poupe palavras!

Ada ofereceu à sua amiga um pequeno relato de tudo o que havia ocorrido, sem omitir a grave discussão com seu pai nem o precipitado casamento arrumado para ela, dando ênfase especial na misteriosa declaração de Horácio no corredor da sua mansão, e de seu estranho comportamento antes e depois da mesma.

O discurso de Ada provocou em sua amiga um grau de emoção imensurável. Sem pronunciar uma sílaba, ela caiu em uma das poltronas perto da lareira e sentou-se por alguns segundos, observando o crepitar do fogo.

— Sente-se, Ada, e tenha a amabilidade de servir dois copos. Ai tem a licoreira — disse por fim Constanza, mostrando uma preciosa garrafa de cristal vermelho rubi que, perto do jogo de taças, descansava sobre uma mesinha branca com borda dourada.

— É muito cedo para mim, Constanza — explicou Ada.

— Blá, blá, blá! Serve uma para você! — ordenou taxativa. — Estou infinitamente feliz por você ter perdido o medo de seu pai. Ele mais que mereceu suas palavras duras! — disse levantando-se do assento com ar inquieto. — Quanto ao resto, há uma questão que desejo tratar com você desde alguns anos e essas circunstâncias veio a calhar. Sabe o que é o mais importante para uma mulher, Ada? Diga-me, você sabe?

— O amor?

— Não juvenzinha de porcelana! É dançar. Dançar! — disse segurando a roupa e dando rítmicos passos ao som de uma música que não se escutava. — Eu não sei nada do amor! O amor! — pronunciou depreciativamente. — E

desejo por seu bem que você tampouco chegue a sabê-lo nunca! Não tenho dúvida que por debaixo desse título escrevem as castigadas páginas muito poéticas, impregnadas de lágrimas e decepção. Não procure o amor, querida, não é verdade que haja fogo nele! Somente brasas apagadas! Entretanto, o néctar desse sentimento, a paixão denegrida.... Oh sim! Ela é a que te fará dançar. Esvazia essa taça de uma vez!

Ada esforçou para engolir o licor como se tratasse de um remédio milagroso contra a ignorância.

— Por acaso não acredita no amor, Constanza? — perguntou com o paladar ardendo pelo gole rápido.

— E você, amiga, acredita nesse cego insolente e mentiroso? Porque isso é o que importa de verdade — replicou enquanto voltava a se sentar.

— Absolutamente — respondeu Ada ajustando os pezinhos dos óculos em suas orelhas.

Constanza contemplou comovida o rosto da jovem. Lembrou-se dos tempos em que ela mesma havia acreditado em contos de fadas, quando era pequena e dormia em seu leito de princesa, antes de beijar o sapo e comprovar que nunca aconteceria a ansiada transformação.

Sentiu que uma velha ferida se abria no peito e começava a sangrar novamente.

— Se o de Horácio é o primeiro rosto que você repara em uma rua cheia de gente — disse Constanza olhando-a fixamente nos olhos, — se faz com que você estremeça com somente um olhar, se é o homem que seus sentidos estão gritando há anos, que dúvidas seu coração pode abrigar? — disse encolhendo os ombros. — Esta é a única versão do conto que sentirá falta de não haver vivido, e então nenhuma droga aliviará sua dor. Posso te assegurar! — exclamou se colocando de pé para pegar sua taça.

— Tenho medo. Meu instinto me diz que as coisas não vão bem. Há um interesse sombrio em tudo isso. Eu pressinto — disse Ada.

— Explica-me uma coisa, menina. Como é que sua família não o reconheceu? — quis saber Constanza.

— Meus pais nunca o viram. Somente conheceram seu nome, graças à criada que me delatou. Depois, o incêndio... Bem, meu pai ainda assegura que foi a interferência do céu, para nos castigar — explicou a jovem rapidamente.

— O castigo divino! O terror dos justos! — replicou sua amiga com sarcasmo. — Mentira suja! Diga-me, Ada, por quem passa Horácio?

Por um tal León Newman. Mas não sei nada a esse respeito, exceto que é o nome pelo qual minha família o conhece.

— Me pergunto... — disse a senhorita Dávalos introduzindo uma cigarrilha em uma comprida boquilha dourada — que benefícios conseguirá seu pai com esse casamento. Além de se desfazer de você, naturalmente. — Ainda não havia terminado a frase quando Constanza se deu conta de que estava ferindo a mocinha. — Sinto muito, Ada! Não deveria ter dito isso. Sabe que eu falo muito.

— Não acredito que tenha nenhum interesse especial, Constanza. Meu pai é de temperamento difícil, sim, mas não venderia sua filha! Só alguém sem coração poderia fazer tal coisa! — replicou Ada com a vista cravada no chão.

— Mas... baterá um coração naquele peito? Esquece! Tenho outra pergunta para te fazer — disse Constanza acendendo a cigarrilha. — Disse que seu prometido fez sua fortuna na Índia? E de que maneira? — perguntou justo antes de exalar toda a fumaça de uma só vez.

— Diamante — respondeu Ada, — ou, pelo menos, é o que disse meu pai.

— Não diga uma palavra mais! Deve ser o homem que ouvi falar ontem à noite, na casa dos Beltrán! Não pode ser outro! Nem imagina o rico que dizem que é! Bom, talvez imagine, se presenteou você com joias tão valiosas e você viu como reformou Rosas Negras. Já toda Madrid o conhece como “O cavaleiro do diamante azul”. Acredito que leva um muito grande no punho da bengala, não é correto? — perguntou Constanza.

Ada assentiu com a cabeça.

— Ele te ama sinceramente, profundamente — disse Constanza lendo em seu rosto a verdade, como uma bruxa o faria nas entranhas de uma pomba morta. — Nenhum homem conscientemente entra no ninho de vespas. E em Madrid não há segredo que valha a pena para forasteiros, transmiti-los de forma inadequada parece-nos um sinal de hospitalidade. Quaisquer que sejam seus interesses, a razão está do seu lado. Deve afastar-se dos seus a qualquer preço — concluiu Constanza.

Havia passado várias horas conversando quando Ada percebeu que Constanza olhava o relógio com muita frequência. Parecia inquieta e, para seguir o fio da conversação, tinha que repetir algumas frases. Ada resolveu colocar fim à visita, e se desculpou pelo tempo que lhe havia roubado, mas Constanza não permitiu que ninguém que não fosse ela oferecesse as desculpas e se despediu da jovem com incongruentes explicações sobre a visita que chegaria de um momento a outro.

Ada sabia perfeitamente de quem se tratava. Era o jovem e belo Daniel Mendonza. Havia meses que o escândalo de seu relacionamento se espalhou por Madrid como fogo em uma floresta seca. Mas Constanza não temia o rancor de uma sociedade corrompida por padrões duplos. A única coisa que a preocupava era que sua beleza lhe escapava como areia fina entre os dedos, que, em seu relógio do amor, apenas faltavam uns minutos para as doze. Por isso se aferrava àquele rapaz com o corpo de bronze, disposta a arriscar tudo para dançar o último de seus bailes.

Ada não aceitou o insistente oferecimento de Constanza para que seu cocheiro a levasse para casa. Preferia ir passeando, folheando o novo o livro da biblioteca de sua amiga: um exemplar de *Frankenstein, ou O novo Prometeo* de Mary Shelley, forrado em couro áspero de cor coral. A senhorita Dávalos morava a leste da praça de Oriente, a poucos quarteirões da mansão Cárdenas e, apesar de que a noite caía sobre Madrid, Ada assegurou-lhe que o passeio lhe cairia bem.

De modo que se foi rua acima, por seus próprios meios e com o livro como única companhia. Caminhava lentamente, para poder ler sem tropeçar em ninguém, mas a leitura se fazia cada vez mais interessante e a jovem se adentrou em um beco apertado e pouco iluminado em lugar de continuar por sua avenida.

Somente percebeu o perigo que corria quando a ausência da luz a impediu de continuar lendo.

A estreita passagem estava fechada por muros de vários edifícios abandonados. Havia dezenas de tábuas de madeiras, caixas com garrafas de vidro cobertas por teias de aranhas, e também sapatos imundos e botas jogados pelo chão de terra grossa. O caminho ziguezagueava pela frente e por trás do trecho reto em que estava, de tal maneira que não podia ver, nem por um extremo nem por outro, a saída mais rápida daquele labirinto fedorento. Uma só luz iluminava o passadiço, seus vidros estavam quebrados e o vento fazia que a chama oscilasse tremulando sem conseguir apagá-la.

Os barulhos da rua soavam longe. A seu lado, um gato negro ronronava esfregando contra a parte baixa de seu vestido. O pânico começou a tomar conta dela. Devia sair já daquele lugar, rápido, chegar a uma rua conhecida e, se possível, transitada. Agora bem, se continuou andando foi mais impulsionada pelo medo que por uma decisão consciente. A poucos passos, um arrepio na nuca a advertiu que não estava sozinha. Olhou para trás. Eram dois homens altos e de aspecto miserável que a observavam como se fosse um manjar caído do banquete dos deuses.

— Senhorita, se perdeu? — perguntou com o sotaque dos subúrbios e a voz rouca de um tropeiro.

— Não, senhor. É que desejava cortar caminho pelo beco, nada mais — explicou a jovem procurando mostrar determinação em suas palavras, mesmo que o medo tivesse secado sua boca.

— Nós podemos te acompanhar à sua casa. Siga-nos! Por este atalho chegará ainda mais rápido, senhorita — disse o tipo apontando com a mão suja a boca de uma passagem onde a escuridão era completa.

Ada deu vários passos para trás, até tocar em um muro de pedra, perdendo toda a capacidade de fala.

Os rufiões tentaram se aproximar ainda mais dela, mas, nesse instante, dois braços surgiram na escuridão, nas costas deles, e tudo ocorreu de repente.

Ada somente escutou golpes e gemidos durante uns segundos incomensuráveis, mas não viu nada do que acontecia naquele rincão tenebroso. Pouco depois voltou a reinar o silêncio. Estava ficando tarde e apenas escutava o reboliço longínquo das ruas.

— Quem está aí?

CAPITULO 6

Os olhos da noite



O silêncio foi a única resposta.

— Por favor... só desejo agradecer sua ajuda! — exclamou Ada.

— Siga caminhando, está muito perto de sua casa — se escutou uma voz saída da penumbra. — Garanto-lhe que você chegará sã e salva.

Era a voz de Horácio. A última pessoa que ela esperava encontrar ali, mas como conhecia seu paradeiro? Por acaso a havia seguido?

— Não suporto a ideia de que algo mal possa acontecer com você. Nem imaginar o que esses indesejáveis pretendiam fazer com você! Deve ser mais prudente! — protestou a voz cheia de angústia, como se houvesse podido ler seus pensamentos.

— Horácio... Deixe-me te ver! Peço! O que ocorre? Não entendo nada — disse Ada aproximando-se do lugar onde a linha de sombras limitava com a luz.

Horácio também se aproximou dos confins da escuridão.

Eles estavam muito perto um do outro, a pouca distância que os braços estendidos cobririam, somente separados por um véu negro de sombras atrás da qual Horácio a contemplava com veneração.

— Estou tão sozinho sem você! Maldição...! Tudo desde aquela noite! — exclamou mortificado.

Ada ficou com um nó na garganta. Estendeu seu braço para afundá-lo na noite e procurar às cegas um rosto que acariciar. E a noite, desejosa de obedecê-la, tomou sua mão e a cobriu de beijos negros.

— Saia na luz, Horácio, necessito te ver — disse ela sussurrando.

— Não! Ainda não, esta noite não. Volta para casa. Eu te seguirei, mas deve me jurar que não irá olhar para trás nem por um momento. Jura-me! — exigiu.

— Está bem, eu juro. Mas, pelo amor de Deus, compreende-me, vivo em um estado de aturdimento constante. Já não sei o que pensar! Tem que me explicar o que passa!

— A seu devido tempo. Você me ama? — perguntou como um mendigo pediria um pedaço de pão.

— Sim — respondeu ela soltando um suspiro.

Aquela afirmação trouxe paz à sombra que se resguardava da luz.

— Vai agora! — disse. — E lembre-se do que prometeu.

Ada saiu do beco e correu o pouco trajeto que faltava para chegar em casa. Todo o tempo escutou seus passos atrás dela, podia sentir sua presença muito perto. Ao chegar em casa, fechou o portão e apoiou as costas em suas barras. O ruído das botas de Horácio ressoava sobre a calçada, golpes que se intercalavam ritmicamente com as batidas de seu próprio coração. E que se escutava cada vez mais perto: golpe, batida, golpe, batida, golpe...

Ada acreditou sentir como ele aspirava o cheiro de seus cabelos.

Instantaneamente, se virou, quebrando a sua promessa. Entretanto, já não havia ninguém atrás do portão, só o vento que soprava cada vez mais forte levando as folhas secas rua acima.

Todos os sócios do Cassino conheciam o senhor Augusto Cárdenas, e ele estava supremamente orgulhoso de despertar a máxima expectativa desde que ele entrou no prédio pelo porão do Café de Ibéria, frequentado cenário da vida política e literária da época. E o fazia caminhando como somente ele sabia fazer, como um homem que mantinha consigo todo o necessário.

O Cassino do Príncipe havia transferido o luxo de seus salões e móveis para o Palácio do Marquês de Santiago, no número 29 da Carrera de São Jerônimo. Uma contrariedade, naturalmente, mas Augusto era um sócio disposto a suportar qualquer coisa se fosse pelo bem de seu sagrado templo.

Ali se encontravam os mais ilustres representantes do exército, das letras e da política, embora nenhuma dessas profissões interessasse ao senhor Cárdenas. Seu sentimento patriótico se limitava a admirar os trajes de gala do exército; seu amor às letras não ia além da declaração artística em atos privados; e seu interesse pela política morria em uma respeitosa indiferença. Isso era tudo.

Seu lugar estava entre os lugares mais altos, entre aqueles para quem toda vida, que não fosse a de um cavalheiro, era tempo tirado à honra, quase uma indecência. Um senhor não devia fazer mais que ser um senhor, todo o dia, os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, e não era tarefa fácil levar a cabo. Experimentar ante o luxo uma emoção sossegada e natural, um instinto de conservação depurado, não uma propensão vulgar a degustar seus deliciosos manjares com gulodice. Augusto Cárdenas era um cavalheiro, um senhor, e, na flor da mediana idade, o que havia sido filhote de leão havia se transformado no rei da selva.

Estava no salão de jogos, sentado a uma mesa, disposto já a iniciar uma partida de tresillo³ com três cavalheiros, quando percebeu que seus filhos entravam naquele momento.

— Rapazes, rapazes, venham aqui imediatamente! — ordenou em um tom de voz elevado, mas permitido no salão de jogos.

— Boa noite senhores. Tem um magnífico aspecto senhor Tovarís! Como está pai? — disse Alfredo Cárdenas, derramando amabilidade.

— Obrigado, meu filho. Mas nesse tempo a artrite não me dá descanso. Você sim que está esplêndido. Parece-me que vejo a seu pai há vinte anos! O mesmo orgulho! A mesma elegância! — respondeu um ancião tão magro que parecia escapulir de dentro do fraque.

Augusto estava orgulhoso do físico de seus filhos, desde que prestassem a devida atenção à aparência dele, é claro, e esta abordagem dos rapazes de Cárdenas à beleza era diretamente proporcional à distancia que os separava dele. Em uma palavra, quanto mais belos e elegantes seus rapazes pareciam, mais perto eles despertavam em seu pai uma vaga admiração, algo

³ Tresillo: jogo de cartas muito habitual na Espanha durante o século XIX.

que se agitava dentro dele, avivando a chama do amor. De qualquer maneira, o físico era coisa muito importante para Augusto, pois tinha firme convicção de que o exterior de uma pessoa conformava sua natureza, por isso acreditava que todos os seres belos eram intrinsecamente bons e que beleza e bondade caminhavam juntas de mãos dadas.

Como de costume, Alfredo e Aníbal estavam impecáveis. Os dois usavam fraque e o mesmo bigode recortado que seu pai. Alfredo era mais alto que ele, mais forte e mais arrumado. Apesar do rosto de Aníbal ser mais bonito que o de Alfredo, onde quer que ele estivesse, nunca haveria uma comparação em que Aníbal saísse ganhando, pois a ânsia de protagonismo de Alfredo devorava tudo.

A maioria das pessoas via em Aníbal um apêndice de seu irmão e, por isso, entender-se com o mais velho já era suficiente amabilidade para ambos. De todos os modos, Aníbal jamais havia dado mostras de estar em desacordo com a real posição que ocupava na família. Ele preenchia o espaço que sobrava do clã, aquele que seus irmãos haviam deixado depois de disputar suas personalidades e carinho entre os mais velhos. Além disso, Alfredo não teria permitido que fosse de outro modo. Suspeitar de todo mundo que pudesse oferecer o carinho que o cercava era algo que o consumia. Entretanto, Aníbal não representava um problema para ele, a pedra no sapato havia sido sempre Ada, a verdadeira, a única culpada.

Ela significava um manancial de angústia e dor inesgotáveis porque sabia conseguir afetos próprios, exclusivos. Alfredo deveria ter sido o único a ter nascido de seus pais. E durante sete anos felizes foi assim. Então nasceu Ada, e depois Aníbal quando tudo já estava perdido. Alfredo era uma versão melhorada de seu pai, e os limites que o senhor Cárdenas não ultrapassou, graças a uma covardia mais que proverbial, dado seu temperamento irascível, foram amplamente ultrapassados pela coragem de seu filho.

Mas, por mais convencido que Augusto se sentisse, esta não deixava de ser uma emoção tão fugaz quanto o sopro do vento. E em seguida dava um passo a um de seus passatempos favoritos: semear a discórdia entre seus filhos.

— Desculpem-me cavalheiros — disse levantando-se da mesa de jogo, — mas os deveres me chamam. Devo tratar de assuntos muito importantes com meus rapazes.

— As luzes brilhantes do cassino o favorecem, pai. Seu rosto parece menos vermelho do que exposto à luz do dia impiedosa— disse Alfredo quando sozinhos.

— Sim... é possível que alguém mais tenha dado conta — replicou Augusto correndo o salão com o olhar, — entretanto, você, reconhecendo que causa um primeiro impacto sugestivo, visto de perto resulta decepcionante, com esse nariz e esse olhar estúpido. Sua irmã opina o mesmo que eu, ontem falamos sobre isso tomando café — disse Augusto soltando o dardo envenenado.

— Minha irmã não deveria opinar mais que o sapo da lagoa. E lembre-lhe, pai, que, apesar de ter sido o homem mais atraente de Madrid, sua atratividade diminuiu à medida que a minha aumentou. Lembre-se de seus ensinamentos: “O mastro mais resistente é o que aguenta mais bandeiras” — lembrou Alfredo enquanto passeavam entre as mesas de jogos a caminho do bar.

— Umm! Pode ser... mas seu irmãozinho é um título que está sendo negociado para cima. Deixe o tempo terminar seu trabalho e ele levará sua preciosa coroa. Isso já aconteceu com todos nós. É a lei da vida! Você terá que se acostumar a morder todas as suas sobras sem dentes. Sua irmã diz que, em um par de anos, sua atratividade terá decaído por completo — mentiu, — que já existem sinais incipientes em seu rosto e que, ao contrário de outros homens, como no meu caso, sua maturidade será um pálido reflexo da glória que você herdou — exclamou Augusto esmagando seu filho como um inseto.

Alfredo sabia que sua paciência havia atingido o fundo do poço, mas não queria abandonar o cassino sem abordar o assunto que o havia levado até ali. Respirou profundamente e pediu ao barman outra taça de brandi. O espelho veneziano atrás do balcão do bar lhe recordou que ele era um ganhador entre os perdedores, e se colocou reto como uma tábua.

— Está bem, pai. Vim aqui para te dizer algo — explicou Alfredo cravando os olhos em Augusto. — Lembre-se de que, nos negócios com os quais você está lidando, também precisa contar comigo. Estou arruinado, pai, e necessito dinheiro com urgência.

— Negócio? De que negócio está falando? Arruinado? Com a generosa quantia e a mansão que te deixou a avó? — respondeu Augusto horrorizado.

— Pai, lembre-se que estamos no meio do caminho. Sim, a herança da avó se esgotou; e saiba que somos dois, entenda que cuidei do meu irmão anos atrás— disse voltando o olhar para Aníbal que, apoiado com estilo no balcão, tomava seu segundo coquetel.

— Não sei como não te esmaga a vergonha.

— Outro dia suportarei o sermão. Esta noite tenho pressa — adicionou Alfredo. — Aquele idiota do prometido de minha irmã nos trará sorte. Estou certo de que o senhor já pensou em tudo. Agora, adeus pai, continue assim tão bem.

O jovem Aníbal se despediu com uma ligeira inclinação de cabeça e seguiu os passos de seu irmão mais velho, esquivando-se das mesas e dos sócios que costumavam encher o Cassino do Príncipe a estas horas da noite.

CAPITULO 7

O vestido de noiva



As festas de natal transcorreram para Ada da mesma maneira que os outros anos. A família Cárdenas se reuniu em casa tal e como mandava a tradição: saboreando gostosos ensopados de perdiz, bebendo os melhores vinhos de *Castilla* e cantando versos e canções de natal populares ao amor de um bom fogo. Augusto vivia o Natal com o espírito e a ilusão de uma criança de sete anos, e por estas datas voltava sempre com o coração limpo da infância. Em troca, Ada não tinha notícias de seu noivo além de um cartão que desejava a todos umas felizes festas e um próspero 1951. E dado que Constanza sempre passava os dias longe do barulho de Madrid, reclusa em sua residência de verão na costa do Levante, por dias, Ada mal saiu de casa, exceto para ir à igreja.

Tudo que concernia à cerimonia havia ficado nas mãos de seu pai e, pelo que ela sabia, Augusto havia cedido de bom grado aos desejos de Newman: o casamento se celebraria na capela de Santo Antônio da Flórida, seria oficializado sem haver a menor publicidade do noivado nem do casamento e somente estaria presente o mais reduzido núcleo familiar. Obviamente, Augusto seria o padrinho da noiva, e, ante a ausência de familiares por parte do noivo, sugeriu que aceitasse a senhorita Dávalos como madrinha. Newman não rechaçou tal proposição e Constanza aceitou de mil amores.

Ada somente tinha que se ocupar do seu vestido.

Cumprindo as ordens de Augusto, sua confecção fora confiada à renomada firma Olimpo, a cargo da modista que vestia as noivas mais distintas da cidade.

A senhora Olimpo atendeu à chamada de ajuda com a rapidez que exigia a ocasião. Assim, o salão da mansão Cárdenas se cobriu de sedas, tules

e gazes que, dispersos sobre os móveis em amostras de branco e marfim, transportaram Ada ao harém do palácio de um sultão. A consagrada rainha da agulha cumpriu a difícil tarefa de misturar o gosto simples da jovem e as vanguardistas tendências do patriarca em um projeto cativante. Concordaram com duas provas semanais, segunda e sexta, e a data da entrega foi fixada, desde que o trabalho não sofresse contratempos inesperados, para três dias antes da cerimônia.

Ada viu sua paciência posta à prova nas sessões cansativas. Em pé, na frente do espelho de seu quarto, tinha que permanecer mais de uma hora sofrendo alfinetadas e fricção de agulhas. As jovens costureiras enviadas pela senhora Olimpo pareciam três sereias recém-saídas do mar, eufóricas por sua primeira visita a terra. A loira, sentada sobre o tapete, se encarregava das anáguas e da roda do vestido, enquanto suas companheiras, uma morena e outra ruiva, situadas em ambos os lados da modelo, completavam o trabalho do corpete. Sempre traziam notícias de última hora sobre algum escândalo da sociedade, rindo de qualquer minúcia, especialmente quando a conversa girava em torno de alguma bagunça de saias ou um deslize de juventude.

Quanto a Ada, teve que suportar suas brincadeiras e fingir um entusiasmo que não sentia.

Desconhecia o futuro que lhe aguardava ao lado do estranho em que Horácio se havia convertido, mas a intuição lhe dizia que seu caminho não seria de rosas. Entretanto, o que poderia ser pior do que o que ela deixava para trás? Um lugar destroçado, uma família carregada de dívidas morais e de antigos rancores. Somente sua mãe deveria preocupá-la.

Como as ausências de Isabel haviam se transformado em longos períodos de crise, e após o casamento, ela seria deixada sozinha com o grande lobo mau. Possivelmente a situação pioraria, mas Ada não poderia fazer outra coisa senão lamentar. Isabel havia sido para todos eles uma figura maternal decaída, que perambulava languidamente pela casa como um fantasma abatido. Na melhor das hipóteses, ela tinha sido mais uma filha de sua sogra, mais uma irmã dos filhos, e aquele nervosismo... Sempre exibindo sem recato todo seu medo ante as crianças, um medo tanto conhecido como

desconhecido, e que ela mitigava como podia rezando a todo um elenco de santos compassivos e de reputação milagrosa. E seu pai? Aquele proscrito da maturidade. Aquele coração de gelo. Os três irmãos haviam sido resgatados do desastre de seus nascimentos pelas únicas pessoas capazes de salvá-los: a tia Paula e seus avós paternos, Aristides Cárdenas e a Senhora. Esta foi a semente do mal entre os irmãos. Ministrado por diferentes professores, herdeiros de diferentes rancores.

Assim, os avós educaram os netos em vez dos pais, os filhos. E os dois progenitores viram o céu aberto para se entregar ao que mais amavam: Augusto, passear pelas cálidas águas da paixão; e Isabel, entregar-se ao sofrimento, ao terror e ao desespero de corpo e alma. O certo era que os três tinham razões de sobra para fugir do mundo Cárdenas, aquele reino de sutilezas e máscaras de normalidade, em que a expressividade e o sentimento livre eram tão desaprovados.

O amanhecer de janeiro foi tão frio como se esperava. Ada despertou com a sensação de haver descansado pouco e o sabor amargo que deixam os maus sonhos. Espreguiçou-se na cama, como costumava fazer: esticou seu corpo ao máximo, como uma corda bem tensa. Então viu as rosas negras e um envelope lacrado sobre o travesseiro de sua cama. Levantou de um só golpe. Abriu o selo vermelho rapidamente e, enquanto corria o quarto com o olhar, assegurando que não havia ninguém mais ali, começou a ler a mensagem com viva excitação.

Meu amor:

Você passou a noite muito inquieta e presa de uma agitação tal que, por momentos, chegou a me alarmar. Sim, eu estive junto ao seu leito toda a noite! Me perdoe!

Não tema nada! Sou eu! Retornei!

Não suportaria pensar que esse episódio febril foi por minha causa. Se você tiver dúvida com respeito ao casamento, deixe-me saber e permitirei que se afaste de mim,

Não! Não posso permitir!

Se soubesse que poderia ser feliz ao lado de outro homem e que ele contemplaria seu rosto todas as noites como eu faço agora, eu imploraria a Deus que me devolvesse ao inferno de chamas das quais ele me resgatou há dez anos e que seu fogo me consumisse.

Consente ser minha rainha e ordena que faça o que deseje! Dois espíritos bem feitos te coroaram durante a noite. Olha a grinalda de estrelas que colocaram em seus cabelos...

Esta tarde te verei de novo em frente ao altar

L. N.

Soltou a carta e levou as mãos à cabeça. Era verdade, tinha um objeto de toque frio e cristalino entre seus cabelos. Saltou da cama e correu até o toucador para olhar no espelho de borda esculpida. Era uma grinalda de diamantes incrustados em ouro branco e amarelo, uma coroa de pedras preciosas em forma de coração que, expostas aos raios do sol, emitiam brilhos fugazes de intensa e variada tonalidade rosada.

Havia estado em seu quarto! Ele a tocou! Ada se aproximou da janela que dava para o jardim e comprovou o estado da fechadura. Tudo parecia normal. Não havia marcas de que havia sido forçada. Talvez ele não tivesse precisado disso. Ada se trancou atrás da porta e descobriu que ela podia ser aberta do lado de fora. E os cachorros? Mesmo que houvesse conseguido entrar no jardim da casa, como havia evitado seus latidos? Apoiada na balaustrada observou que os galgos corriam alegremente entre as hortênsias azuis. Voltou ao seu quarto e fechou a janela da sacada sem entender como Horácio havia conseguido seus propósitos.

Às dez da manhã Constanza chegou, disposta a ajudar a noiva. A cerimônia não se oficiaria até as cinco da tarde, mas não havia tempo a perder. Ada achou oportuno manter a mãe a margem do horário e dos preparativos e, temendo que tanto reboleço a alterasse excessivamente, deixou tia Paula encarregada de seus cuidados. De sua parte, Constanza fez cargo da situação com a ternura que se dá apenas quando existe amor verdadeiro.

Ada estava muito nervosa, mas Constanza, dando mostra de previsão admirável, havia levado com ela todo um arsenal de tônicos e ervas relaxantes para que, na hora da chegada do cabeleireiro, a noiva se encontrasse tranquila.

Pablo Salvatierra conseguiu que seus cabelos luzissem sedosos e brilhantes, num coque grego que ressaltava com naturalidade o suave ovalado de seu rosto.

O vestido havia sido confeccionado em seda listrada na cor bege e era composto de duas peças. A jaqueta era ajustada na cintura, com nervuras na frente e nas costas; tinha pregas no peito e dois ramos de flor de laranjeira no lado esquerdo. O pescoço, fechado com fitas, e as mangas compridas e estreitas, de forma curva e sem franzidos. A saia consistia em uma parte da frente, recolhida em ambos os lados da cintura com laços, e uma parte de trás, que caía formando uma cauda medindo um metro e meio de comprimento.

O véu nupcial foi presente de casamento da senhorita Dávalos. Uma delicada peça de renda de Bruxelas, na cor marfim. Constanza se encarregou pessoalmente de colocá-lo em sua cabeça e, por último, colocou a belíssima tiara de diamantes, completando o conjunto requintado da noiva.

Ada estava simplesmente radiante. A cor dourada de seus cabelos e a tez cristalina combinavam a perfeição com a seda bege. A linha entalhada da roupa ressaltava sua esbelteza e a graça de suas formas, e a excitação que a envolvia coloria suas bochechas de uma cor que a favorecia como nunca. Constanza a contemplava com os olhos cheios de lágrimas e o coração carregado de bem-aventuranças.

Antes de ir, Ada olhou os velhos óculos que repousavam sobre um livro aberto na mesinha de cabeceira. Depois respirou profundamente e se dirigiu com passo firme para a porta.

Ao passar diante do quarto de Isabel, Constanza se deteve e olhou fixamente para Ada.

— Deveria dar um beijo em sua mãe, querida.

— Oh! Não, não, será melhor que não a molestemos. A tia Paula se encarregará dela. Claro, não te contei, verdade? Com toda a bagunça... — disse Ada de forma incompreensível.

— Não, o que passou?

— Ontem à noite. Era muito tarde e eu ainda estava acordada — explicou a jovem pesarosamente. — Escutei seus passos no corredor. Levantei-me de um pulo e saí rapidamente de meu quarto. Nestes dias estamos muito atentos à minha mãe. Sabia que era ela. Vi seu rosto, porque se houvesse estado de costas me haveria confundido com um fantasma, acredite. Colocou seu velho e amarelado vestido de noiva. Através do véu roído se mostrava o horror daqueles olhos, Constanza, uns olhos que continham toda a angústia do mundo. Se você a tivesse visto com seu antigo buquê de flores, flores secas, consumidas! — sussurrou Ada, olhando seu ramo de rosas recém-cortadas. — Me aproximei dela e tratei de levá-la para a cama, mas estava tão confusa e alterada que demorou um tempo para me reconhecer. No final o fez, e então foi muito pior. Começou a gritar e a me dizer coisas espantosas que não quero voltar a repetir. Estava fora de si. Todo mundo acordou e foi para o quarto dela para ver o que estava acontecendo, mas ela não se acalmou até ver meu pai. Ele ordenou que ela fosse dormir. Ela não permitiu que ninguém tirasse o vestido, então eu a deitei na cama, tirei os sapatos e a cobri com o cobertor. Enquanto eu fazia isso, ela me disse algo que não consigo apagar da minha mente, por mais que tenha tentado desde ontem à noite.

— Que foi que te disse, querida?

Ada engoliu saliva e deixou o olhar suspenso no ar.

— Ela disse: “Você está condenada. Sua sorte no amor não será diferente da minha”.

Durante um segundo reinou um silêncio sepulcral. Depois Constanza mordeu a língua e tratou de distrair a jovem com uma série de histórias absurdas.

Atrasado, o velho relógio do vestíbulo deu a quarta badalada quando já passavam cinco minutos da hora em ponto.

Ada e a senhorita Dávalos começaram a descer pela escada principal. Constanza brincou sobre o funcionamento do relógio.

— Se isso ocorre quando dão as quatro, o que não ocorrerá quando deva anunciar as doze? — perguntou Constanza.

— Seu mecanismo antigo precisa de descanso entre as badaladas. É igual um ancião subindo escadas — explicou Ada com um sorriso nos lábios. — O relojoeiro disse que não tem remédio, mas nos dá tanta pena nos desfazer do nosso velho relógio...

Quando chegaram ao patamar da escada, viram Anita de pé perto do grande espelho com moldura de carvalho que cobria toda a parede do patamar. Parecia um pouco inquieta, balançava seu corpo para a esquerda e a direita, sem deixar de retorcer o avental entre as mãos.

— Senhorita! A senhora está mais linda que a virgem do meu povoado quando sai em procissão! — disse a criada esquecendo por um momento a razão da sua impaciência.

— Obrigada, Anita. Você é muito amável. Já saiu minha mãe e tia Paula? Anita? Está nervosa? Se sente bem?

— Sim, senhorita. Perfeitamente. As senhoras já saíram para a igreja, e eu devo lhe dar um recado urgente do senhor Newman.

— Do senhor Newman? — exclamou Ada virando seu rosto para Constanza. Ela lhe respondeu encolhendo os ombros.

— Está bem — adicionou a noiva, — desceremos ao salão e me...

— Não! — interrompeu bruscamente a criada. — Tem que ser aqui, senhorita, em frente ao espelho do patamar. São ordens do cavalheiro — explicou Anita.

— Não entendo uma palavra querida — interveio Constanza. — Pode me dizer por que é que minha amiga tem que permanecer nesse lugar? Que

mais te disse o senhor Newman? Diga de uma vez que você nos tem *in albis*⁴! — a dama insistiu.

— Ai! Eu não sei e nem pergunto essas coisas, senhora, que logo minha mãe briga comigo por ser intrometida. Não, não, não. O cavalheiro somente me ordenou que a esperasse nesse lugar — disse movendo o primeiro dedo de seu punho direito para lembrar tudo o que deveria fazer, — que lhe dissesse que aguardasse aqui até as quatro em ponto, e que a senhorita, ao chegar a hora, olhasse aquele canto do espelho — explicou. — E, por último — disse movendo o quarto dedo de seu punho, — que eu vá imediatamente continuar com minhas tarefas. Desejo-lhe muita felicidade senhorita! — exclamou enquanto segurava sua saia para fazer uma rápida reverência, antes de correr para baixo com um suspiro.

Ada não decifrou o enigma até que Constanza lhe deu uma cotovelada nas costelas e lhe mostrou com a mão o misterioso canto do espelho. A enorme lua de cristal refletia, graças ao seu ângulo de inclinação, todo o vestíbulo da casa, que era acessado descendo o último lance de escada. No canto inferior esquerdo, León Newman e Augusto foram vistos de pé um em frente ao outro.

León Newman se assegurou que ela estivesse no lugar certo, olhando rapidamente para o mesmo lugar no espelho em que Ada estava servindo como referência.

Ele ali? Que demônios o noivo estava fazendo em sua casa antes do casamento? E o que ele entregou ao seu pai? Parecia um pedaço retangular de papel, do tamanho de uma nota.

Nesse momento escutou a voz do senhor Cárdenas que, após assegurar o conteúdo da folha, pronunciou essas palavras.

— Vá rápido, senhor Newman. A noiva está a ponto de descer. O acordo está fechado. E a quantidade está correta.

Essa foi a razão pela qual seu pai tinha aceitado aquele casamento e seu insípido anonimato, a falta de publicidade em seu círculo social, a ausência

⁴ In albis: expressão em Latim que quer dizer *em branco*.

de um banquete de acordo com o nome de sua casa. Agora as peças encaixavam à perfeição.

O desalento tirou suas forças. Confirmar as predições da sua amiga, a frieza, para não dizer o entusiasmo, com o qual seu pai aceitou as condições de um negócio pactuado de antemão, em um acordo que claramente colocava um preço em sua felicidade, ele a atingiu profundamente em sua alma.

De repente, a percepção da realidade ficou embaçada, sentiu que tudo girava ao seu redor e teria caído se não fosse o fato de Constanza ter corrido para segurá-la.

— Coragem! Coragem, querida! Não desmaie agora! — disse segurando a noiva.

— Mas, Constanza, ser vendida por seu próprio pai!

— Blá, blá, blá! É o Horácio, afinal, certo? Agora, nada mais importa, exceto o seguinte: você está linda. Olhe para você! — exortou Constanza enquanto a pegava com firmeza pelos ombros e a encarava no espelho.

— O que você quer, Ada, não é mais impossível e está esperando por você na igreja — ela escutou uma voz vinda de muito longe. — Certifique-se de tomar o que lhe pertence. Vamos! Chegaremos atrasadas para o seu casamento, e eu sou a madrinha. Eu deveria estar acompanhando o seu futuro esposo há muito tempo! — exclamou Constanza enquanto empurrava Ada escada abaixo.

CAPITULO 8

Um casamento pouco convencional



Às cinco em ponto, o carro da noiva chegava na Capela de Santo Antônio da Florida, sem contratempos e na hora prevista.

O cocheiro desceu do assento e abriu a portinhola com semblante cerimonioso. Augusto desceu primeiro. Ajustou seu casaco, passou a mão alisando o cabelo para trás e aspirou profundamente o ar úmido que chegava desde o rio. O entardecer invernal daria lugar à noite mais fria. Augusto contemplou ao longe a paisagem avermelhada da cidade. O horizonte parecia como um quadro de inquietantes conotações: no centro se erguia desafiante o Palácio Real, resplandecendo sob a lua; à direita, as duas fileiras de ciprestes que ladeavam o passeio da Florida, marcando o caminho de volta, já haviam mergulhado na escuridão.

O senhor Cárdenas ajudou a noiva a sair da carruagem. Ada tomou o braço de seu pai e percorreu os poucos metros de terra que os separavam das portas da capela, abertas para ela de par em par, como estavam as portas do inferno para todos os condenados.

Augusto caminhava junto a sua filha com o peito inchado de satisfação paternal. Ele desejava amá-la, na verdade desejava amar a toda sua prole, só que a educação sentimental que havia recebido havia nascido e morrido no amor de sua mãe. Agora acompanhava a noiva em sua travessia nupcial, evocando as poucas lembranças que conservava da infância da sua filha, desejando que aqueles momentos se multiplicassem como por arte de magia. Agora, já não havia tempo para lamentar.

Não reparou nos rostos familiares que os observavam em seu caminho entre os bancos de madeira, não escutou a música do violinista nem saboreou o protagonismo que a ocasião lhe brindava. O senhor Cárdenas avançava sem afastar a vista do homem que aguardava no altar, compreendendo, muito

tarde, que entregava a um estranho o bem mais precioso que possuía. Esse pensamento arrastou seu ânimo pelo frio chão de azulejos brancos e negros. Sentiu o angustioso vazio e, sem pedir permissão, a dor abriu passo em seu peito. Augusto parou e, encarando a sua filha, tratou de articular palavra, mas o cheque que guardava no bolso havia comprado seu silêncio. Então ele sorriu tristemente para ela e ambos continuaram em direção ao altar.

O interior da capela estava enfeitado com ramos de flores. Oito gigantescos candelabros a iluminavam, quatro em cada lado dos corredores em arcos e outros dois junto ao altar. A cera vermelha se derramava nos círculos de ferro que, dispostos uns em cima dos outros, de menor a maior tamanho, sustentavam várias dúzias de velas. Não havia outro ponto de luz na pequena igreja, um edifício neoclássico de sóbria arquitetura, cujo maior tesouro eram as maravilhosas pinturas de Goya.

Em um balcão incrustado na parede, a uns dois metros de altura sobre os arcos, um violinista com bigode de pontas encaracoladas e cabelos divididos ao meio tocava com sentimento. Pareceu a Ada que aquelas notas contavam a triste história de um amor impossível. Talvez de um homem que veio do mar e se prendeu a uma moça solitária; depois, uma promessa, uma partida... e jamais regressou. Imaginou que em sua tumba carpetada de flores alguém escreveria *Seu coração está no mar*.

Com os últimos acordes, chegaram ao altar, e Augusto entregou a mão da noiva ao futuro genro. A princípio, Newman parecia tão indiferente e distante como de costume, entretanto, em um arranque de expressividade de todo inesperado, voltou seu rosto para ela e a olhou durante um minuto com os olhos cheios de dor. Depois girou de novo para o altar e cravou o olhar no Crucificado.

Da estreita porta da sacristia saiu um padre acompanhado de um jovem coroinha.

O sacerdote era um homem de uns sessenta anos, que havia perdido oitenta por cento da visão de cada olho. O garoto que o serviu de guia o levou ao púlpito para começar a ler o Evangelho. O velho sacerdote deu as costas ao pequeno rebanho e pronunciou uma oração de boas-vindas.

Atônitos, os convidados se olhavam uns aos outros sem saber o que deveriam fazer. Augusto resolveu interferir, aproximar até o banco situado ao pé das escadas do púlpito, onde o sacristão começava a fechar os olhos vítima de um ataque de tédio. Ele o sacudiu várias vezes e pediu que ele corrigisse rapidamente a atitude do pároco. O garoto subiu a escadinha com uma calma surpreendente, tomou as mãos do velho padre e o girou nos calcanhares como se fosse um peão.

O resto da cerimônia se desenrolou com absoluta normalidade até o momento em que os noivos tiveram que dar seu consentimento. Os presentes guardaram absoluto silêncio no instante de máxima expectativa.

Nas arcadas que corriam ao longo das laterais da igreja, escondidos atrás das grandes colunas de granito, um punhado de homens em grossas capas negras aguardavam o momento previsto.

Ao escutar a palavra chave pronunciada dos lábios do sacerdote, os oito encapuzados saíram de seu esconderijo e, com a rapidez de um raio, cobriram com grossas telas os oito candelabros.

A penumbra envolveu toda a zona de bancos.

O murmúrio dos convidados ensurdeceu a nasalada voz do sacerdote. O ancião foi informado do incidente por Augusto, já que por si mesmo não teria percebido a considerável diminuição de luz. Enquanto a confusão geral reinava, unicamente os dois candelabros do altar seguiam iluminando, mas por pouco tempo. De repente, atrás do vigário, a porta da sacristia e a que levava ao antigo convento, situadas uma de frente para a outra, se abriram e uma corrente de vento apagou as luzes restantes. O templo submergiu na noite e todos os presentes emudeceram por uns instantes; somente o assobio do vento uivava entre as paredes frias de pedra. Ninguém se atreveu a dar um só passo.

Ada soube que tudo aquilo obedecia a um propósito sinistro.

Alguém, em voz alta, exigiu que voltasse a luz, que se tomassem medidas de imediato. O sacerdote enviou o coroinha para buscar os candeeiros da sacristia e, embora o menino se queixasse de que não tinha

olhos de gato, se viu obrigado a mover-se no escuro. O coroinha regressou pouco depois com uma estranha notícia: as lâmpadas de óleo haviam desaparecido da estante e também as caixas de fósforo.

O senhor Cárdenas perguntou quem tinha fósforos. Após uns instantes, Alfredo disse que Aníbal tinha uma caixa; entretanto, quando este apalpou a caixinha, comprovou que não havia nenhum. Então Augusto resolveu enviar seus filhos em busca da lanterna da carruagem, mas, para o espanto dos irmãos, as portas da capela também haviam sido trancadas por fora, e logo perceberam que qualquer esforço para abri-las era em vão.

Ada sentiu que umas mãos frias tomavam as suas e as retinham acariciando-as ternamente. Todo seu corpo estremeceu ao contato daquela pele.

— Eu — disse Horácio — te aceito, Ada, e prometo ser fiel e cuidar de você sempre. Quer ser minha esposa? — ele perguntou do escuro.

— Mas, meu filho! — disse o padre com sua voz anasalada. — Compreendo a pressa, entretanto, nestas condições... isso é muito irregular! Deveríamos esperar a chegada da luz! Porque ainda não há luz, correto?

— Não há sombras para Ele, padre. Faça seu trabalho. Nos dê a sua benção!

— De... de... de acordo, meu filho. Mas, antes, a noiva tem que prestar seu consentimento. Deseja se casar com León Newman, minha filha? — perguntou o sacerdote incrivelmente assustado.

Os irmãos Cárdenas seguiam tentando abrir as portas da capela, golpeavam as grossas pranchas de madeira e gritavam para os cocheiros, que certamente seriam os únicos em posição de ajudá-los.

— Sem dúvida é o casamento mais extraordinário que assisti! — concluiu Augusto — entretanto, opino como o senhor Newman, a ausência de luz não deve ser impedimento. Responda Ada, responda!

— Ada, minha menina, se sente bem? — quis saber a madrinha.

Todos os ruídos cessaram, os golpes na porta, as vozes, o burburinho dos familiares.... Somente o silêncio, um silêncio pegajoso e espesso como a resina, que selou os lábios dos presentes.

— Sim... aceito me casar com ele — afirmou ela em um fio de voz.

Assim que o sacerdote abençoou o casal, Ada sentiu os lábios de Horácio sobre os seus, beijando-a como tantas vezes havia feito às escondidas na adega da mansão, dez anos atrás.

As portas da capela cederam por fim, destrancadas por fora pelos cocheiros. E o resplendor da lua escorregou até o fundo da igreja, desdobrando um tapete de prata até os pés de Cristo.

CAPITULO 9



Na simples celebração que seguiu a cerimônia não faltou nem caviar nem o melhor champanhe francês, além de outros deliciosos manjares e um bolo nupcial elaborado com chantili e morangos de estufa. Os rapazes Cárdenas deram boa conta do conteúdo das bandejas e garrafas, e, ao soar as dez badaladas, Augusto, o tio Ernesto, Alfredo e Aníbal se sentiam tão saciados e relaxados como seu anfitrião desejava.

Após o maravilhoso banquete, enquanto as senhoras conversavam no salão, os cinco cavalheiros se retiraram à biblioteca para fumar e beber à vontade, em fraternal camaradagem masculina.

Augusto, um entusiasta dos utensílios domésticos, desfrutava contemplando o selete cristal das taças.

León Newman se dirigiu à escrivaninha de mogno e tirou do bolso do colete uma pequena chave dourada. Então, abriu com ela a gaveta do móvel e tirou de seu interior uma maleta exótica forrada com pele de crocodilo. Deixou em cima da mesa, exposta à vista de todos, e logo se serviu de uma taça de brandi.

— León — espetou Alfredo — agora que somos cunhados, ousou sugerir que você compartilhe com a família o seu grande faro para os negócios. Que lhe parece?

León estava de costas para os outros cavalheiros, derramando licor próximo ao armário do bar. Quando escutou as palavras de Alfredo, sorriu para si mesmo.

— Pegue minha experiência, está à sua disposição — replicou Newman enquanto fechava com um giro de seus dedos a tampa de cristal da garrafa.

— Bem, veja— começou a dizer Alfredo, caminhando até ele com o encanto escorregadio das serpentes. — Você deve começar compartilhando

conosco o modo como um homem empreendedor pode fazer uma fortuna. Talvez com investimentos na Índia?

— Naturalmente, o farei com muito gosto — respondeu complacente. — Na Índia se forjaram grandes fortunas nesses tempos, atesto isso. É a terra que enriqueceu quem investiu na extração mineral. Eu mesmo estou negociando agora a concessão de novas explorações no Sul, para ser exato, na região de Andhra Pradesh — disse, bebendo o último gole de sua taça. — Tenho grandes expectativas nesse negócio — assegurou com voz neutra.

— Não é um investimento muito arriscado? — quis saber Ernesto Cárdenas. Ele e seu irmão Augusto estavam sentados em duas poltronas que repousavam sobre uma enorme pele de tigre.

— De certo modo, sim, é. É um negócio que exige um importante desembolso inicial, é certo — disse Newman aproximando-se novamente da escrivaninha. — Mas... — explicou enquanto abria a maleta e percorria a biblioteca, expondo seu conteúdo à vista dos cavalheiros — os resultados excedem em muito qualquer investimento, por mais importante que seja, como vocês podem ver.

— Nossa! Realmente são umas pedras maravilhosas, nunca havia visto um brilho semelhante. Você concorda, irmão? — disse Ernesto.

Newman sustentava a caixa sob os olhos de Augusto, que assentiu com a cabeça enquanto o brilho das pedras projetava em sua cara um resplendor iridescente. Em uma fração de segundo, o arrogante *rictus* desapareceu. A sobancelha esquerda, sempre pendurada nas rugas de sua testa, se desprendeu, e os lábios contraídos se distenderam sob o bigode. Era como se a própria essência da humildade se apossasse dele e o convidasse a se jogar do auge do egoísmo.

León comprovou que a beleza obrava prodígios em Augusto.

— Estimado León — disse Augusto sem levantar os olhos dos diamantes, — se lhe parece bem, marcaremos uma reunião para tratar do tema, como diria, mais a fundo. Desejaria ter a oportunidade de assessorar-me com um expert como você. Talvez, eu... bem, conversaremos.

— Não tenho inconveniente em fazê-lo. Se desejar, dentro de uma semana o senhor Krishnam chegará, ele conhece tudo relacionado aos meus negócios na Índia — adicionou solícito o senhor Newman — Pode ser uma boa ocasião para o senhor. Trará os planos e documentos dos novos depósitos. Mas, deixe-me dizer, senhor Cárdenas...

— Com mais familiaridade! Com mais familiaridade! Pode me chamar de Augusto, se estiver tudo bem.

— Vou considerar, obrigado. Bem, e agora, cavalheiros, compreendam que é minha noite de núpcias — disse Newman pressionando lentamente o fechamento de segurança da maleta, para depois encarar a sua nova família com um falso sorriso nos lábios.

— Certamente, certamente — respondeu Ernesto Cárdenas. — Mas me permita encher outra taça dessa bebida maravilhosa antes de nos retirar. A propósito, León, para onde os noivos viajam em lua de mel?

— Devido a certos negócios, é impossível ausentar-me de Madrid agora. A lua de mel ficará adiada até o verão — devolveu Newman, enquanto enchia até em cima sua terceira taça.

Enquanto isso, no salão de troféus de caça, as senhoras suportavam a duras penas um ambiente rarefeito de silêncios e olhares furtivos.

Anita levava horas celebrando o casamento da senhorita e, quando chegou a hora de servir os doces de nata, estava completamente bêbada. Chegou cambaleando até o aparador e pegou uma das taças ambarinas em que ainda ficava uma gota de anis, o líquido por qual sentia delírio. Levou a taça aos lábios e levantou a cabeça para trás, tratando de que a gota escorregasse, mas o escasso licor havia secado no fundo. De modo que, sem duvidar, se serviu de uma taça até em cima e bebeu de um único gole. As senhoras estavam aturdidas; em realidade, se encontravam quase em estado de choque depois das estranhíssimas circunstâncias em que se havia desenrolado a cerimônia, algo que Anita soube aproveitar em seu benefício.

O firme propósito de não perturbar a noiva parecia pesar mais que o prazer de levar em análise o ocorrido no casamento. Ada estava sentada no

sofá, perto da lareira, tão pálida como um floco de neve; a seu lado, Constanza; e, em outro sofá em frente a elas, a tia Paula e Isabel.

— Se não fosse pelo fato de o noivo ser um homem muito bonito, eu diria que você deveria estar feliz — começou a dizer Margarita. — Mais da metade das mulheres deste mundo, e creio estar aquém, apagaria a luz cada vez que visse o esposo entrar. Inclusive até pagariam para celebrar um casamento às cegas como o seu. Oh Céus! — Suspirou perdendo absolutamente a vergonha. — Acredito que a escuridão é um maravilhoso estímulo para a fantasia feminina. Pessoalmente, tenho por norma empregar sempre a imaginação ali onde a beleza seja, como dizer... distante? — disse sorrindo com malícia — que opina, Constanza?

Constanza teria rido às gargalhadas se o estado de sua amiga não a preocupasse tanto. Esperava-se que Ada reagisse de um momento a outro. Que começasse a chorar lamentando a sua sorte ou algo assim. As outras não tiravam os olhos dela e o silêncio parecia cortar o ar.

Por fim, a noiva levantou a cabeça e sorriu tristemente para Margarita. Então, Constanza olhou Ada atentamente tentando fazê-la rir. A tia Paula tinha a vista cravada no fogo, mas também parecia estar a ponto de explodir.

— Que diabos! — exclamou a noiva.

E começou a rir.

Constanza, Paula e a senhora Margarita olharam umas às outras e, neste precioso momento, começaram a gargalhar.

Confiantes na frente comum que dona Margarita liderava e no êxito de seu comentário, elas tiraram conclusões positivas da cerimônia e, ato seguido, o assunto foi resolvido graças a um pacto implícito entre as mulheres. Todas concordaram sobre o tema; exceto Isabel, que levava dias encerrada em si mesma.

Ela havia passado o tempo entretida com uma boneca russa, sem levantar a vista do brinquedo ou dizer uma palavra. Constanza observava Isabel com a certeza de quem descobriu o desenlace da velha criança em que

se havia convertido, enquanto a senhora Paula se desmanchava em atenções com sua irmã.

Uma hora depois que os cavalheiros se reuniram com as damas no salão, a família Cárdenas abandonou a casa deixando o casal na mais estrita intimidade conjugal.

Uma vez sozinhos, León Newman pediu à esposa que o acompanhasse.

Os dois braços da escada, abertos à esquerda e à direita do vestíbulo, se uniam formando uma só e majestosa escada no ultimo trecho ascendente. Já no primeiro piso, atravessaram um escuro corredor de paredes decoradas com estranhos retratos em molduras com arabescos de ouro. As pinturas mostravam a cabeça e os ombros, e Ada se fixou em que todos os rostos estavam cobertos com máscaras de carnaval. À luz das velas, os olhos das figuras pareciam observá-la de maneira zombeteira.

Agora caminhava à frente, mesmo que levasse o seu marido colado às costas. O cheiro de licor o delatava. Havia bebido, talvez não muito, mas o suficiente para que ela se sentisse ainda mais reprimida. Por fim, ele se deteve em frente a uma das portas que havia no corredor e Ada se virou para olhar enquanto Newman girava a maçaneta de bronze, empurrando as folhas para abri-las de par em par.

— Encontrará todo o necessário para sua comodidade, acredite-me — disse Newman esquivando do olhar de Ada.

Parecia agitado, e tinha os olhos mais úmidos e brilhantes que de costume. Se Ada não houvesse estado tão nervosa, teria sido fácil adivinhar que, apesar de estar bêbado, travava um combate feroz com vontade de olhá-la.

— Por que não me trata com familiaridade? Sou tua esposa — conseguiu dizer Ada com voz débil, mal audível.

E mesmo que os lábios de Newman não deixassem escapar palavra, seu olhar azul se derramou sobre ela. Logo se inclinou para beijá-la.

O aroma do brandi misturado com a sua respiração fez com que Ada alcançasse um estado de embriaguez semelhante ao de seu esposo. Fechou os olhos. Começava a se sentir igual à bailarina de sua velha caixa de música, tudo lhe dava voltas. Então León se separou dela bruscamente. Quando Ada voltou a abrir os olhos, o viu fechando as portas do quarto atrás dele.

Suas emoções a deixaram um tempo flutuando à deriva, até que a corrente a trouxe de volta à conhecida margem de contenção. Deixou a caixa de doces sobre uma cadeira e olhou ao seu redor. A sala que precedia o quarto havia sido decorada para provocar estalos de gozo em uma mulher.

Imperavam os tons rosados. Delicados tapetes persas cobriam o chão de madeira brilhante, e as paredes estavam cobertas com damasco de cor salmão. Ao fundo da sala havia um sofá de três lugares em estilo elisabetano com estampado de rosas e uma mesinha de centro com tampo de mármore rosáceo. Junto à janela da sacada, coberta com elegantes cortinas de seda branca, destacava um conjunto de papelaria e escrivaninha em estilo eduardiano. Além disso, havia várias figuras de porcelana oriental, um jarro de opalina com esmaltado de flores sobre a mesinha, um par de candelabros de prata lavrada e um relógio de pé de maquinaria suíça em um dos cantos.

Tudo cheirava a novo, feito recentemente, como cheiram as coisas que acabam de ser desembaladas e não tem uma história para contar.

Ao entrar no dormitório, Ada descobriu surpresa seu leito nupcial.

Era uma cama oriental com antessala, talhada em madeira de mogno, com maravilhosos detalhes de pássaros e flores na treliça de suas três paredes. Ada se aproximou e examinou seu interior com curiosidade infantil: lençóis de renda de gripir e colcha de cetim branco, e tantas almofadas e almofadinhas que sua primeira visão a convidava a sonhar. Até o teto do dossel escondia um pequeno tesouro de uma pintura de três jovens chinesas tomando banho em um lago. Depois se virou e viu um quadro de Horácio. Era um retrato em tamanho natural, mas o que chamou mais atenção foi que o modelo estava postado de costas, com uma mão sustentando uma bengala brilhante. Somente o perfil direito de seu rosto ficava à vista, já que Horácio tinha a cabeça virada para um lado. Estava de pé na borda de um penhasco.

Ao fundo não havia mais que a paisagem de um céu tormentoso sobre o mar bravio.

De repente, escutou um barulho que pareceu vir de uma pequena porta entreaberta no outro lado da alcova. Dirigiu-se ali e a empurrou até aparecer um fino feixe de luz que se desenhava no chão.

— Ah! Senhorita, me deu um susto de morte! Bem, quero dizer, senhora! — disse Anita ofegando, enquanto segurava o peito como se fosse explodir o coração.

— Anita! O que faz aqui? — perguntou Ada.

— Recebi uma carta do senhor Newman, o senhor seu esposo, pedindo-me, quase me rogando, que seguisse sendo sua donzela, aqui, em Rosas Negras. Eu tinha um pouco de medo da mansão, a senhora sabe o que dizem, a história do fantasma e tudo isso, o mesmo que faz com que as rosas nasçam negras; mas o senhor me ofereceu um salário muito maior que o que ganhava na casa do senhor seu pai, assim que... — exclamou Anita muito orgulhosa, fazendo pequenos giros de cintura que faziam rodar a sua saia alegremente.

Ada se deu conta de que estavam no quarto de vestir.

Na parede, em frente à porta, havia um lindo espelho que a cobria quase por completo, do chão ao teto. Além disso, havia quatro enormes armários de nogueira, um móvel para os calçados, uma *chaise longue* encapada de veludo vermelho sangue colocada no centro do quarto e uma maravilhosa penteadeira escarlate. Ada pensou que até seis damas poderiam se arrumar folgadoamente sobre a grande e almofadada banquetta.

Anita ia como louca de um armário a outro, abrindo para Ada todas e cada uma de suas portas e gavetas, deixando à mostra os valiosos tesouros que continham.

— Olha senhora! — exclamou enfeitiçada. — Já viu alguma vez coisas tão belas?

Dentro de cada armário havia um jardim de maravilhas, encantadores vestidos de musseline e crepe, volumosas sedas, luxuoso cetim e preciosos

brocados, alguns com mangas curtas bufantes e peito de renda, cada uma mais elegante; dezenas de capas de pele de raposa do ártico, de arminho e veludos com fitas de marta zibelina; abrigos de seda com detalhes de pele de cordeiro, estolas de visom, xales de renda, cachemira e seda; echarpes de gaze e laços de cetim; punhos de pele e faixas de plumas e também cintos de todas as cores e tecidos.

No móvel de calçados havia uns cem pares de sapatos e botas, tanto de pele, para a rua e uso diário, como os de uso restrito às grandes ocasiões, adornados com filigranas de luxo e incrustações de pedra em relevo.

No guarda roupa destinado à armazenagem de chapéus, dezenas de caixas redondas empilhadas umas sobre as outras escondiam desde os mais clássicos até os mais modernos e atrevidos, também havia cofias e toucados parisienses, além de toda uma coleção de bolsas e leques valencianos.

Anita não dava conta destampando caixas e tirando novas surpresas. Entretanto, foi ao descobrir uma coluna de caixas giratórias que sentiu gelar o sangue de suas veias.

Como poderia uma mulher decente usar aquelas peças. Com certeza o senhor Newman as trouxera do estrangeiro, mas mesmo assim... Anita estava convencida de que colocar sobre a pele essas anáguas e essas camisolas transparentes, com aquelas rendas, era um gravíssimo pecado.

E como Anita entendeu Jesus então. Quão certo estava o padre quando explicava como tinha sido difícil para o Senhor superar as tentações do maligno!

Mas o Altíssimo era Deus! E ela? Quem era ela, Senhor? Uma pobre mortal, um pedaço de costela que Adão banhou na lama da indignidade.

Ah! Que injusto lhe parecia o seu Deus, que insensível ao tormento de seus filhos, que natureza perversa tinha, se estendia armadilhas sabendo que seu destino era cair nelas, uma e outra vez.

Resolvida a mergulhar de cabeça na tentação, renegou o Poder Divino ao tempo que introduzia sua mão entre a gaze negra de um conjunto de noite. Seu toque era suave e escorregadio, e a mão se mostrava abaixo do

transparente tecido revelador. Anita imaginou, horrorizada, o efeito sobre sua pele nua e soltou a peça como se a houvesse queimado.

— Jesus Cristo! — proferiu a criada recobrando a fé naquele deus compassivo, colocando-se arrependida ante seu trono de misericórdia.

— Que ocorre? O que você tem? — perguntou sua senhora muito alarmada.

— Naaada, senhorita, digo, senhora. Sente-se a senhora aqui, faça-me o favor — suplicou a donzela benzendo-se mecanicamente várias vezes, procurando recuperar a paz espiritual que havia perdido após a prova satânica.

Ada se sentou na banquetta da penteadeira e Anita começou a tirar as forquilhas que seguravam seu cabelo.

Sobre a penteadeira estava colocada toda uma coleção de frascos de cristal talhado e porcelana chinesa que continham fragrâncias que evocavam essências florais. Anita voltou a se benzer, mas destampou rapidamente os frascos, passando todos e cada um deles pelo nariz de Ada e, em continuação, no seu. Depois, lhe penteou o cabelo com um pente de sândalo macio. Começava a desabotoar o vestido da noiva quando fixou seus ávidos olhos em um estranho movelzinho com rodas que havia perto da penteadeira. Era do tamanho de uma maleta e tinha um monte de pequenas gavetas decoradas com desenhos chineses sobre a madeira avermelhada.

— Senhora, isso não será...? — disse a criada empalidecendo.

— O quê?

Anita tomou a liberdade de se sentar perto de Ada na grande banquetta e se dispôs a abrir o cofre com mãos trêmulas.

Inseridos no almofadado, havia dezenas de anéis de rubi púrpura, de esmeraldas verdes puro, de opalas de fogo e do Pacífico, de águas marinhas, rosas da França, topázios e ametistas. Também havia em forma de roseta, de ouro branco e brilhantes; bizantinos com zafiras azuis, de pérolas negras e elegantes alfinetes de brilhantes entalhados e safiras de grande tamanho. Nas

pequenas gavetas, brincos isabelinos; de coral mediterrâneo em tonalidade salmonada; de botão de turquesa e diamantes; brincos de argola, brincos pequeninos, gargantilhas; de puros brilhantes e rubis procedentes de Madagascar. Belíssimos camafeus de madrepérola, de espuma do mar e ouro amarelo. Prendedores de Limoges. Broches com formas de mariposa, de folhas de ouro rosado, de panteras cravejado de ametistas, de aranhas de brilhantes. Braceletes de esmeraldas, diamantes e rubis. Colares de malaquita⁵ e de marfim. Também havia um medalhão de ouro coberto com granada e sementes de pérolas.

Impressionada com tanto luxo, Anita havia entrado em uma espécie de transe místico. Ada, entretanto, olhava o porta joias sem reparar em seu conteúdo.

— Anita, assim está bem. Pode se retirar. Eu mesma tirarei o vestido. Boa noite — disse Ada com o olhar perdido no espelho da penteadeira.

— Mas, senhorita... senhora, você está bem? Não tem boa cor. Talvez tenha ficado tonta com tanta opulência. É compreensível. Eu também me sinto meio estranha — disse segurando a cabeça com uma mão. — Quer que te traga um copo de leite quente com umas gotas de brandi?

— Não, querida. Obrigada. Vá descansar — respondeu a noiva sem se virar.

Anita terminou de fechar os armários e saiu do quarto de vestir olhando à esquerda e à direita, acima e abaixo, cada sombra do dormitório, cada objeto e canto daquela casa escura, enquanto rezava em voz baixa uma ave-maria.

Ada tirou a roupa de noiva e se vestiu com as peças que haviam escandalizado a donzela, com a solenidade do guerreiro que coloca a armadura para a batalha final. Logo se perfumou com essências do Oriente, apagou todas as velas e se deitou na exótica cama, que parecia esperá-la ansiosamente no escuro.

⁵ Malaquita: mineral carbonatado básico de cobre, de cor verde, brilho diamantino, vítreo e sedoso que se esfolia facilmente, se emprega como pedra ornamental e em joias.

Pouco depois, escutou alguém se aproximar.

— Horácio?

— Shhhh, quieta, amor... shhhh — respondeu a noite.

CAPITULO 10

Diamantes, diamantes, diamantes



— Há quanto tempo minha irmã está casada? — Alfredo perguntou ao pai enquanto jogava a última de suas péssimas cartas sobre a mesa.

— Dois meses, Alfredo. Estamos no princípio de março. Não sabe nem em que dia vive! — respondeu Augusto recolhendo com satisfação as fichas amontoadas no centro da mesa.

— Sempre leva excelentes naipes, pai! Não sei como faz isso!

— Querido Fredi, não se trata dos naipes! O importante é o que está aqui — disse mostrando a têmpera com o indicador de sua mão direita.

O senhor Cárdenas sempre havia explicado aos seus filhos homens questões importantes usando o dedo indicador. Inclusive, e se diria que de maneira inconsciente, se esmerava em sua manicure mais que com qualquer um de seus nove companheiros. Movendo-o da esquerda à direita, de cima para baixo, sacudindo secamente ou dobrando-o e esticando com grande flexibilidade, sempre conseguia uma representação positivamente gráfica de suas lições.

Seu dedo indicador lhes havia ensinado, de crianças, quais comportamentos devem ser rejeitados por um cavalheiro; com o seu dedo indicador ordenava aos rapazes aproximar ou afastar quando queria, subir ou descer, estarem de pé ou sentados. Mas a lição mais impactante de todas as explicadas com seu dedo indicador foi referente a conselhos de índole amorosa.

— A única maneira de dobrar a indômita vontade da mulher — lhes havia dito com sua voz grave enquanto os rapazes o escutavam atentamente, sentados aos pés do sofá preferido do chefe da família — é apagar o fogo que arde em suas entranhas. E somente há um modo de fazer isso — explicou

levantando lentamente seu limpo e brilhante dedo indicador até deixá-lo rígido, erguido como um mastro de ferro.

Devido à sua pouca idade, os pequenos Cárdenas não apreciaram naquele momento o extraordinário valor prático daquela mensagem em código, mas quando se fizeram homens, compreenderam com exatidão qual era o significado das sábias palavras e da magistral atuação do dedo indicador de seu pai.

— O que o senhor disse — replicou Alfredo recordando seus velhos ensinamentos. — Mudando de assunto, o tio Ernesto se lançou finalmente ou deixará passar a oportunidade de adquirir a concessão das minas?

— Ele não está em nossa situação, Fredi. Margarita era imensamente rica. Demônios! Nem vivendo três vidas em grande forma conseguiria dilapidar sua fortuna! — replicou Augusto com raiva. — Simplesmente, não o necessita. Imagine, eles irão viajar porque uma das bruxas de Margarita lhe havia recomendado estar um ano fora da cidade, para se livrar de energias negativas. Isso lhe disse a muito ignorante! Acredito que partirão logo. Farão um cruzeiro pelo Nilo, e não sei se passarão o verão na Europa. Ah! O Senhor oferece pão a quem não tem dentes — se lamentou Augusto.

— E a reunião com o notário Ferras?

— Oh! Quase havia esquecido — disse Augusto movendo de novo a cabeça. — Amanhã teremos que levar as escrituras de ambas as propriedades, também a do casarão e a fazenda de Aranjuez. Não apareça sem a sua, Alfredo, precisamos hipotecar as três para reunir o dinheiro suficiente. O investimento deve ser proporcional aos frutos que esperamos obter. Ummm — disse dando pequenos golpinhos com a carta sobre a mão de seu filho — devemos ser extremamente pontuais. Quero te ver lá às dez. Não desculparei um atraso injustificado!

— Não te parece arriscado hipotecar o único que nos sobra? Quase não temos dinheiro. O que será de nós se o negócio vai mal? — perguntou Alfredo preocupado. — Não sei, pai, acredito que nos deveria assessorar um expert.

— Precisamente porque o necessitamos, este negócio não pode ir mal. O êxito acompanha somente os intrépidos! — assinalou eufórico — E nós somos privilegiados, contamos com um expert na família. Newman é meu genro, seu cunhado, suficiente garantia para mim. Pelo amor de Deus! Não vê as joias que sua irmã usa? A casa em que vive e as terras que possui Newman no Oriente? Vocês viram como eu os planos dos depósitos, das casas de trabalho e das joias extraordinárias! Você não se dá conta de que nadam em opulência? — perguntou Augusto lançando um olhar de asco ao seu filho Alfredo.

— Eu não gosto daquele homem. Esconde um segredo — disse Aníbal baixo.

Augusto levantou a vista da toalha de jogo e cravou o olhar no último de seus descendentes.

— Ah! Vai! É para isso que você abre a boca? — perguntou tentando esconder sua surpresa. — Esse rapaz não tem remédio! Claro que é compreensível. A idiotice dos Velascos deixou seu rastro em você. Sangue ruim! Não são como os Cárdenas — disse Augusto soletrando cada sílaba de seu sobrenome.

— Deixe que eu fale, Aníbal! Você não entende de negócios — Alfredo disse dando um tapinha nas costas do irmão. — Ainda acho que certas precauções devem ser tomadas.

Aníbal se recostou em uma cadeira e continuou bebendo de seu copo tranquilamente.

— Acaso você questiona meu modo de fazer as coisas? — disse Augusto levantando a sobrancelha.

— Somente digo que...

— Você não tem a menor ideia do que diz, nem do que faz. Por esse motivo que te expulsaram do exército!

— Isso não é correto, pai! — exclamou Alfredo sem levantar a vista da mesa de jogo.

— Por isso e porque é um covarde, meu filho, como era o seu avô materno e, antes dele, seu pai — disse Augusto enchendo a boca com os pecados alheios.

— Eu abandonei o exército quando compreendi que podia chegar a morrer e minha morte seria em vão — respondeu Alfredo com tristeza, — porque você, que era a única razão de eu estar lá, nem sequer o lamentaria. Faria qualquer coisa para ganhar sua admiração, seu respeito! — disse com a voz quebrada pela emoção, tratando de ocultar o brilho de seus olhos.

— Bobagem! Você bem sabe que essas artimanhas não funcionam com Augusto. Não lhe comove sua pose de filho mal amado — repôs com impotência, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa.

Alfredo olhou para o seu pai com expressão desafiante, olhos injetados de sangue. Logo o campo de batalha ficaria semeado de mortos, se alguém não remediasse, se alguém não se retirasse a tempo.

— Não tenho medo de você pai. Não te amo — disparou Alfredo, quebrado de dor.

— E eu não te amo também, Alfredo. Eu não te amo — respondeu seu pai com despeito.

Ambos permaneceram em silêncio com o olhar perdido na toalha de jogos, até que a tensão refletida em seus rostos desapareceu, dando passo a uma expressão inequívoca de cansaço.

Nessa noite Alfredo Cárdenas deixou Aníbal em casa e foi ao único lugar onde costumava recorrer quando necessitava satisfazer seus instintos mais urgentes. Caminhou um bom tempo pelos lotados e malcheirosos becos do submundo. As frases de seu pai martelavam em sua cabeça. Levava na mão uma garrafa de licor e não parava de dar compridos goles da bebida.

A noite primaveril caía sobre Madrid com a mesma frieza que suas irmãs inverniais. As luzes brilhavam no insone distrito do prazer, seduziam os transeuntes sob o colorido das lanternas de papel e das luminárias pintadas. As prostitutas passeavam entre as pessoas ou esperavam os seus clientes nos sombrios arcos, com seus lábios pintados de carmim e seus

olhares cheios de esquecimento. Por um segundo pensou nelas de um modo obsceno, mas a exaltação decaiu por causa do pesado lastro que suportava sua consciência. Qualquer noite teria sucumbido às ofertas indecentes, mas não naquela noite.

Seus passos o direcionaram ao único lugar do mundo no qual se sentia em paz, a salvo como quando era um menino e dormia no colo de sua mãe. À medida que se aproximava de seu destino começou a caminhar cada vez mais rápido, até se introduzir em um deteriorado edifício de paredes ocre. Subiu a grandes passadas a velha escada de madeira. No patamar tropeçou com um homem jovem que o cumprimentou timidamente, tocando a aba do chapéu. Alfredo o olhou ao passar com implacável aversão, como se o estranho fosse um ladrão a quem houvesse descoberto roubando sua casa e comendo o jantar disposto sobre a mesa. Quando o viu desaparecer na escuridão do portal continuou sua subida até o primeiro piso e, uma vez ali, abriu sem chamar a porta que havia no andar.

Maria estava de costas no leito, refazendo as tranças em seus cabelos avermelhados. Não tinha mais que dezesseis anos. Sobre a cama desfeita brilhavam umas quantas moedas. Ela virou a cabeça e deu um sorriso franco, mas quando viu o rosto abatido, virou-se para ele com uma expressão preocupada. Correu até ela e se ajoelhou aos seus pés, rodeando o corpo de Maria com os braços, enterrando seu rosto no ventre recém-manchado. Sentia pisoteada sua virilidade e a vergonha o enojava até a náusea. Se ao menos pudesse desafogar e chorar.... Sem embargo, era óbvio que padecia do mal daqueles que não se permitem nunca. Em outro lugar, em outra vida, Alfredo sabia que a teria amado imensamente.

Constanza Dávalos contemplava Daniel Mendonza como se fosse a mesmíssima reencarnação de Cupido. Há vários dias que chovia a todas as horas, e as possibilidades de ócio do hotel balneário eram muito limitadas. Toda vez, Daniel demonstrava seu aborrecimento e seu mau humor, e Constanza temia que logo exigisse o retorno à capital.

— Não voltarei ao norte jamais! Parece impossível que as nuvens suportem o peso de tanta água e continuem suspensas no céu! — disse o jovem, que contemplava a chuva pelo vidro.

— Logo deixará de chover! Sempre ocorre — exclamou Constanza em tom tranquilizador. — Por que não prova os trajes novos? O casaco de veludo deve assentar uma maravilha.

— Porque eu já os provei duas vezes! — respondeu Daniel, se retirando do janelão e se aproximando da cama para cair nela como um peso morto. — Por acaso acredita que sou um boneco? Que pode me vestir e desvestir à sua vontade?

Constanza se aproximou da cama de dossel, deitou ao seu lado e começou a acariciar com ternura os encaracolados cabelos negros.

— Claro que não. Eu somente tentava te distrair. Sei que a chuva te deixa nervoso.

— Olha, parece que parou de chover! — disse Daniel levantando-se da cama de um salto e correndo à janela.

— Os jovens sempre pensam que a chuva nunca vai parar! — exclamou Constanza sorridente.

— Sim, e os velhos não deixam de nos lembrar — respondeu Daniel com voz áspera, pegando seu sobretudo e o chapéu do cabide que havia perto da porta. — Não me espere acordada, querida. Se houver partida de cartas no salão, jogarei e desfrutarei de minha juventude até o amanhecer. *Bonne nuit, madame!*

— Daniel, espera, eu não queria...!

O barulho da porta ao se fechar a convenceu de que por muito que se desculpasse não conseguiria detê-lo.

Constanza se levantou da cama, consumiu o último gole deixado na garrafa e se aproximou da janela. Colando seu corpo à parede, separou ligeiramente a persiana e se aproximou o necessário para não ser descoberta. Viu uma linda senhorita vestida de malva, esperando perto da cerca do

jardim. Irradiava o frescor de um botão de rosa por abrir. Pouco depois, chegou Daniel e parou à sua frente. Pelo visto, resultava evidente que se conheciam, e a senhorita se mostrou feliz quando ele lhe ofereceu cavalheirescamente o braço. Antes de se afastar, Daniel deu uma última olhada à janela do primeiro andar. Não pode ver Constanza, mas podia intuir que ela o estava olhando. Então lançou à sua acompanhante um de seus sedutores sorrisos e os dois jovens seguiram o caminho da praia até desaparecer entre os arbustos que a ladeavam.

Constanza tomou um trago do brandi e levou os olhos ao céu. Viu como os últimos raios de sol se esgueiravam entre as nuvens, deixando a seu passo um claro que era uma promessa de bom tempo. Ajustou a cintura da bata de seda brilhante que usava e se sentou na banqueta em frente à penteadeira, perto da janela que dava para o pequeno balcão de pedra coberto de musgo. O sol do ocaso ainda esquentava e a luz sanguínea provocava brilhos multicoloridos que se refletiam nos espelhos e vidros do quarto. Através dos raios de luz que se filtravam podia ver milhares de partículas de pó em suspensão. Constanza contemplou-as por uns instantes sem poder piscar. Uma borboleta azul havia entrado pela janela e não parou de dar voltas até que, por fim, foi pousar muito perto dela, perto do colar de pérolas que sobressaía do porta joias de tartaruga. Tomou a bebida e, ao ver que a borboleta pousava na penteadeira, com um gesto rápido e certo deu a volta no copo e aprisionou o inseto.

Acaso aquela jovem era mais bonita que ela? Seria o seu rosto o de uma mulher acabada? Sentada na penteadeira, seus olhos, tão verdes como o jade, rastreavam no espelho os vestígios do desastre, como si se tratasse das provas de um assassinato ou dos restos de um naufrágio.

Sim, ali estavam, os primeiros sintomas da decadência não se fariam esperar. Observou a flacidez das bochechas, as bolsas abaixo dos olhos, as finas mechas de cabelo que começavam a clarear. Permaneceu imóvel por mais alguns segundos, imóvel e artificial como uma figura de cera, sem desviar a vista da imagem dessa outra mulher que, por toda resposta, devolvia implacável o espelho. Um espelho que não dizia mais que a verdade, a verdade mais cruel e obscena.

Quantos anos lhe daria Daniel? Talvez seus jovens amigos tivessem feito comentários maliciosos a esse respeito. A idade de uma mulher! Nem sequer Pandora permitiu que esse mal escapasse de sua caixa. Muitos anos se passaram desde sua felicidade! Nunca havia acreditado possível que lembrar chegasse a ser doloroso. As imagens se tornavam borradas ao olhar para trás, se desvaneciam no ar os rostos daqueles a quem havia amado com loucura, como se a memória fosse incapaz de lhe oferecer uma boa desculpa para sua dor. No entanto, a sensação de ter a juventude desperdiçada, a perspectiva de vastos horizontes de beleza diante dele, era uma memória tão viva e próxima... Ai, aqueles anos em que o tempo era somente um adversário débil, que passava sem deter-se nem reparar nela. Constanza voltou a se olhar no espelho até que as lágrimas correram por seu rosto.

Nascer, florescer e morrer. Dizendo assim resultava tão simples.... mas morrer! Deus! Esta palavra a aterrava. Quem não resiste a envelhecer. Viver é o que conta. O presente é o que conta. O presente, esse cavalo alado preso a uma roda, condenado a dar voltas e voltas sobre seus passos pisando sempre em suas próprias pegadas.

As pegadas do espelho não tinham memória nem sabiam mentir. Os dias dourados de sua juventude haviam transcorrido, eles a deixaram para trás. Por esta razão, o passado significava tão pouco para ela como ela havia significado para ele.

Constanza apoiou os cotovelos na penteadeira e cobriu a cara com as mãos. Então recordou o sofrimento da mariposa e a liberou. O inseto em seguida recomeçou seu voo colorido, como se não houvesse passado nada.

Uns golpes na porta a tiraram de seus pensamentos. Acabou de limpar as manchas negras dos cosméticos que as lágrimas haviam espalhado por seu rosto e retocou o penteado, arrumando-o com as mãos, levando à nuca algumas mechas que haviam se soltado do coque. Logo abriu a porta.

O insolente garoto de recado do hotel sustentava nas mãos uma bandejinha de prata com um envelope. A dama pegou o envelope e leu o remetente: *Madrid, Sra. Ada Newman*. Constanza deu uma pequena

gratificação ao rapaz, fechou a porta no seu nariz e se sentou na otomana⁶ que havia debaixo do janelão.

Rompeu o selo do lacre, tirou as folhas escritas, desdobrou-as e começou a ler com avidez.

⁶ Otomana: cama estilo sofá, sem encosto nem braços que não tem cabaceiras.

CAPITULO 11

A confissão



Querida Constanza:

Espero que se encontre em perfeito estado de saúde e que o retiro no balneário de Santander esteja sendo agradável. Não podes imaginar como sinto falta dos seus conselhos, sua companhia! Lamento perturbar a paz de suas férias, mas devo te contar os inquietantes acontecimentos de minha nova vida e te pedir um favor impagável.

A escuridão se aproxima sobre os meus, Constanza; sobre meu pai e meus irmãos, estou certa. Não sei do que se trata ainda, mas suspeito que meu esposo esteja preparando uma armadilha que será muito tentadora para eles. Visitam com regularidade a Rosas Negras, mesmo que me parece que nenhuma de suas visitas se motiva pelo afeto, senão uma ambição desmedida, Deus me perdoe, que pode lhes causar a ruína. Minha família não sabe que Leon Newman é Horácio Mara — ou, pelo menos, em sua aparência, ele é Horácio —, mas ele sim sabe deles, e se lembra deles, estou segura.

Encontram-se no escritório, a portas fechadas, e não é a primeira vez que escuto como Valentín anuncia a chegada do notário Ferras para juntar-se a eles. Conhece de sobra, Constanza, a bem ganhada fama de ambicioso que tem o notário. Assim que qualquer incidente daqui em diante não me pegará de surpresa.

Mas, que descuido de minha parte não te falar de Valentin. O senhor Valentin é um antigo amigo de meu esposo, um homem mais velho, terno e carinhoso, que às vezes lembra meu avô Aristides. O senhor Valentin leva a casa, dá ordens e organiza todo o pessoal de serviço. Trato de extrair informação sobre meu marido, mas cada vez que tento, me responde com evasivas ou se fecha em si mesmo como uma ostra. Agradará-me apresentá-lo a você, de verdade.

E agora, deixa-me te pedir o favor a que me referia no começo da carta. Talvez não esteja inteirada que meu pai colocou data em uma excêntrica festa à fantasia que se celebrará em minha antiga casa. Por casualidade escutei como meu esposo o

mencionava ante a minha família, que presta a máxima atenção a cada uma de suas palavras com expectativa, já que espera com impaciência a chegada de seu procurador na Índia, o senhor Krishnan. Meu instinto me diz que nesta festa, e apesar das máscaras, todos temos que ver o rosto um do outro.

Se pudesse antecipar seu regresso para estar junto a mim nesse momento seria maravilhoso. Na verdade, me sinto tão confusa e angustiada pelas circunstâncias...

Desde que me casei, Constanza, convivo com um estranho. E não um estranho em sentido metafórico. León Newman é a transformação, talvez a degeneração de Horácio Mara. Desconcerta-me de tal modo seu caráter que chego a distinguir nele dois amantes tão opostos como o sol e a lua.

O Senhor Dia possui minhas horas de sol. É doce, tão tímido, tão diferente do outro.... Entretanto, apenas trocamos algumas frases, pois são escassos os momentos de intimidade entre nós. É possível? Poderia dizer que foge como se tivesse medo de mim. Refugiado em seus silêncios, às vezes o olho enquanto esculpe pequenas peças de madeira com um formão que sempre leva com ele. E outras vezes, Constanza, apesar de lhe pertencer em todos os sentidos em que uma mulher pode pertencer a um homem, o surpreendo perturbado, ruborizando-se na minha frente como se não existisse intimidade entre nós. Mas, quando acredita que estou distraída, ou quando me observa cortando rosas atrás dos cristais de seu gabinete, cada olhar seu me envia uma mensagem de amor. E, mesmo assim, eu aguardo com ansiedade o crepúsculo e, com ele, a transformação de meu esposo, a chegada do Senhor Noite, a paixão que me faz uma mulher infiel.

Sim, sim, Constanza! Já sei que é uma loucura. Olho para trás, e lembro com nostalgia os dias em que a inocência era minha mais valiosa virtude. Confesso a você, e somente a você posso confessar, que o coração enlouquece em meu peito cada vez que o tenho à minha frente; cada vez que o tenho perto anseio esse doce veneno, querida. Que posso fazer se o adoro, mesmo que sua doçura me arraste à tragédia.

Enfim, sou escrava de uma paixão que se debate entre a luz e a escuridão. A pobre Ada é a discípula mais devota de um amante noturno que volta dia após dia, para seduzi-la de novo com uma alma emprestada.

Perdoe-me, amiga, já não dou credito a minha razão. Também eu estou me transformando em uma pessoa diferente. Talvez em mim, como nele, outra pessoa

sempre tenha vivido, agarrada no meu peito. Quem sou? Uma Ada que despertou com seus beijos e está acabando com seu outro eu. Uma mulher capaz de pecar por uma paixão perversa que a consome. E mesmo assim, não pode evitar. Não desejo evitar!

São as onze. Logo meu amor chegará! Apagarei as luzes. Tudo terá que ficar escuro. Então ele virá até a mim. Escutarei seus passos firmes sobre as pranchas de madeira. Deixará sua capa no divã e voltarei a sentir o cheiro penetrante de seu corpo.

Despeço-me de você, confiando em seu bom conselho. Insisto na súplica que te fiz umas linhas atrás. Dentro de quinze dias será a festa à fantasia. Espero ver você lá, Constanza, minha pessoa mais querida, minha fiel amiga.

Tua sempre,

Ada Newman

Não havia um ser na face da terra que conhecesse Aníbal intimamente. Nem mesmo os membros de sua família podiam se gabar de algo assim. E ninguém realmente sabia quem era ele, que classe de homem era Aníbal Cárdenas. Mesmo além de suas origens, em seu foro íntimo, ele se gabava de nunca haver confiado em um amigo, em um cão ou em uma mulher.

Ele gostava de caminhar sem rumo, mas naquela noite seus passos o guiaram a um lugar que costumava frequentar ultimamente.

Ansioso para chegar o quanto antes ao seu destino, seguiu por certas ruas desconhecidas da periferia, assim cortaria caminho. Mas, sem saber como, foi parar em uma zona que somente havia visitado em uma ocasião, havia já muito tempo. Ao passar pelo local exato onde deveria estar as ruínas, parou em seco, e, até passado o primeiro instante de confusão mental, não deu crédito ao que tinha diante dele. A mudança operada era tão surpreendente como inacreditável.

A humilde casinha voltara a estar de pé, ocupando o mesmo solar de antigamente, igual que antes.

Através dos vidros podia ver a cortina de algodão, e as mesmas flores de gerânio adornavam o peitoril da janela. Aproximou-se pouco a pouco, mas não distinguiu luzes acesas. Então passou a ponta dos dedos na maçaneta de ferro e, justo aí, as lembranças assaltaram sua mente como fogos de artifício, deslumbrando-o com imagens tão atrozes que Aníbal perdeu o equilíbrio, cambaleou e caiu de costas no chão gotejando suor. Entretanto, no instante seguinte, o pânico o esporeou de tal modo que, recobrando o equilíbrio, começou a correr como um possesso.

Cruzou correndo vários quarteirões e chegou ao seu destino um pouco mais calmo.

Era uma antiga padaria. As teias de aranha e o pó ocupavam agora as estantes que antes havia ocupado doces, bolos e sanduiches. Teias de aranha penduravam-se do teto até as prateleiras mais altas, e um pó cinza cobria como um véu o balcão onde ainda estavam os utensílios de cobre para pesar o pão. Ao abrir e fechar a porta da rua, sinos pendurados no teto tocaram alegremente. Apesar de oxidado, era o único objeto com vida naquele lugar arrasado pelo tempo. E mesmo assim, se poderia dizer que ali podia sentir o cheiro de pão recém-enfornado.

Escutando um ruído na parte traseira da loja, Aníbal se aproximou até uma portinhola pintada de vermelho, já descascada.

Uma mulher de gigantescas proporções estava sentada na mesa redonda que havia no centro do local, de costas para o forno inutilizado, que parecia dormir num canto como se fosse um cachorro velho e cansado. A mulher tinha os cabelos sobre a cara e comia algo indescritivelmente asqueroso, mastigando grandes bocados com a boca aberta. Ao vê-lo entrar, dedicou ao jovem um meio sorriso e limpou os restos de comida com a manga do vestido.

Entre eles pareciam sobrar palavras.

A mulher tirou umas cordas de cânhamo cheias de nós e as introduziu em uma gaveta que continha sal grosso. Depois, mostrou o lugar onde Aníbal deveria se colocar. Ele tirou o casaco e a camisa, e se segurou aos ferros que sobressaíam do forno.

Três... quatro... seis chibatadas. Ele a mandaria parar. Ainda não. A picada do sal nas feridas tinha que se tornar insuportável. Tinha que chegar até o umbral de sua própria resistência, às raias mesmo da inconsciência. Nesse instante em que, por fim, a dor calaria o resto dos inimigos da alma, nesse instante em que toda a farsa se convertia em algo mais leve. A culpabilidade não reconhecia senhores, não tinha compaixão nem sentia respeito. E suas chicotadas queimavam, mais que o sal na carne aberta.

A ponto de desfalecer, ordenou que parasse. Com as costas ainda sangrando, Aníbal se cobriu com as roupas e deixou cair umas moedas na mesa. Depois a olhou nos olhos, e ela pareceu sorrir ironicamente.

Fechando a porta atrás dele, os sininhos soaram novamente.

Como era habitual nessa época do ano, Rosas Negras havia amanhecido com um sol radiante apesar do frio. Ada estava acordada desde um tempo. Levava várias noites dormindo sozinha, o que a impedia de descansar bem. Além disso, não deixava de dar voltas à cabeça, tratando de adivinhar os planos que Horácio reservava para sua família.

Desafiando o frio, decidiu sair ao jardim e cortar novas rosas para os jarros da casa, um trabalho que desde a sua chegada havia assumido para si e que a relaxava como poucos.

Gostava de pegar sua cesta de vime, colocar o chapéu de palha e ir escolhendo uma a uma as rosas para os arranjos florais, composições que ela mesma fazia com um gosto maravilhoso. Além disso, sabia que se esposo a olhava desde o gabinete. Seus olhares mergulhavam no vidro que os separava, transpassando como se de matéria líquida se tratasse. Este inocente devaneio havia convertido para ambos em um costume. E, entretanto, Ada sentia que nesse ardor havia algo que vulnerava as leis da natureza, algo inapropriado aos olhos de um esposo.

Seguindo as regras do jogo, Ada abaixou a cabeça e seguiu cortando os finos talos, colocando cada nova rosa sobre as outras que estavam no cesto. Ao girar a vista de novo para a casa, viu que ele já não estava detrás dos vidros. Enquanto buscava inutilmente sua figura em outras janelas, Ada era a viva imagem do desespero.

Passou um interminável minuto, e escutou seu nome. Na luz do dia sua voz era quebrada, triste, vencida. Muito diferente da voz da noite. Ada girou a cintura e o encontrou atrás dela, perto da fonte, da que emanava água através da boca de uma rã de pedra. Seu coração voou até ele.

Tinha o aspecto de um homem que havia cruzado o deserto sem uma gota de água, e, quando ela o olhou, seus olhos claros se ensombreceram. Ada se aproximou da fonte, subindo o segundo degrau da escada de pedra que a cercava. Seus rostos ficaram na mesma altura, a poucos poucos centímetros de distância. Newman não se separou, mas apertou com firmeza as mãos atrás das costas, mantendo-as longe dela.

Ada começou a beijá-lo devagar nos lábios. A princípio, foi somente uma cosquinha, e Newman, que permanecia imóvel, pareceu resistir ao impulso dela. Mas, ato seguido, Ada se apertou contra seu corpo musculoso e, então, derrotado, ele se abandonou para entregar-se sem reservas. Os lábios escuros e úmidos de León relaxaram e suavizaram, como seus braços de mármore, antes de assumir o controle. Envolveu os lábios de Ada com os seus e possuiu sua boca inteiramente. Tomou-a pela cintura e a trouxe até ele com firme delicadeza, obrigando-a a se arquear contra ele, ali, a plena luz do dia. Mas com o que Ada poderia importar. Segurou-o pelo cabelo, beijou a pele atrás da orelha, inalando o aroma que escapava, cálido, varonil e penetrante, da borda entreaberta de sua camisa, e o escutou gemer de prazer.

— Quem é você? — sussurrou Ada, se separando lentamente daquele homem, que, apesar de ser Horácio, não falava como Horácio, não cheirava como ele nem tinha seu sabor.

— Seu esposo. Seu... esposo — conseguiu dizer entrecortadamente com sua melancólica voz.

— Horácio... eu...

Ao escutar esse nome, ele mudou a cara.

— Faz muito que ninguém me chama assim. Agora sou León, León Newman. O homem com quem você se casou.

De repente, se desprende dela e cada palavra revelava sua irritação.

— Por que se irrita? Não entendo.

Ele lançou algo parecido com um grunhido. Seus olhos flamejavam de ira sob as sombras das pestanas fechadas.

— Sua voz soa tão diferente de dia. E não compreendo por quê. Até seus beijos são diferentes — assegurou Ada mordendo o lábio.

— Não diga isso! Por mais que queira, não siga por aí! — ele suplicou a ela, ocultando de sua visão um rosto atormentado.

— Horácio! Eu...

— É possível que não entendas? — levantou a voz, enfrentando de novo os olhos dela.

— Por Deus bendito, o que passa? Explique-me o que está passando — insistiu ela angustiada. Mas ele já dava a volta e retornava sobre seus passos, cabisbaixo, dando grandes passadas com suas pernas compridas. — Meu amor, me perdoe! Perdoe-me! — gemeu ela antes de ficar sozinha e começar a chorar com desespero.

CAPITULO 12

A câmara secreta



Faltavam duas semanas para o esperado baile à fantasia e a senhora Olimpo dava as últimas instruções a suas moças. A maioria dos trajes a serem usados na festa havia sido encomendada em sua oficina, e suas garotas estavam cansadas pela sobrecarga de trabalho.

— Oh, senhora Newman! Será a inveja da todas as damas! Seu marido tem muitíssimo bom gosto! Mais que seu pai, se me permite dizer — expressou entusiasmada a alegre senhorita que estava sentada no chão. Suas duas companheiras olhavam o reflexo de Ada no espelho do toucador, assentindo com a cabeça.

Sobre a anágua de época, Ada levava colocado um conjunto de corpinho e saia de veludo azul cobalto que fazia justiça a sua beleza. O corpinho, muito armado, acabava em renda sobre o ventre e exibia um generoso decote quadrado que tinha bordados ao seu redor. As mangas, até os pulsos, acabavam em forma de sino, decoradas nos punhos com a mesma filigrana prateada. A saia chegava até os pés e era enriquecida com um complicado drapeado e aplicações de renda no mesmo tom azul.

— De que irá fantasiado o senhor Newman, senhora? — perguntou a mais morena e ao mesmo tempo a mais indiscreta do trio.

— Não me disse. Outro de seus mistérios — respondeu Ada a meia voz.

— Ah, bela! Belíssima! — se escutou dizer o senhor Valentin desde a porta. — Uma Desdêmona maravilhosa!

Valentin era desses senhores que roubam o coração das pessoas assim que as veem. Usava umas lentes pequeninas e ia vestido como o mordomo de uma casa rica. Entretanto, sua natural humildade fazia que parecesse um mendigo disfarçado.

— Como disse Valentin?

— Desdêmona, querida, Desdêmona! A paixão que enlouqueceu Otelo!
— disse o senhor se unindo ao grupo de mulheres.

— Não foi ela quem o fez enlouquecer — apontou Ada com raiva — foi Iago. Talvez ele a amou a principio, mas logo ela se converteu em sua obsessão. Por isso foi fácil manipular seus sentimentos. O amor é outra coisa.

O senhor Valentin percebeu a amargura que escondiam aquelas palavras e pediu as moças que o deixasse sozinho com a senhora.

— Está bem, senhor Valentin, mas outro dia terá que nos contar a história do fantasma de Rosas Negras. Toda a casa cheira a ele. Cada canto está impregnado de sua essência. É correto que ao morrer a sua esposa, quebrado de dor, tirou a vida para se encontrar com ela no além? — perguntou a ruiva enquanto saía andando de costas com o semblante perturbado.

— O que passa, menina? Não gostou da fantasia que Horácio escolheu?

— De que ele se vai fantasiar? — perguntou Ada.

— Bem, creio que ele será Otelo, o mouro de Veneza — disse com eloquência.

— Você não crê, sabe — alegou Ada virando o tronco para ver os olhos dele. — Você sabe tudo dele, não negue. Está com ele no fundo deste poço de mistério.

— Querida menina, eu sou apenas um tonto mal-humorado. Um malandro muito velho para ocultar ou negar nada.

— Horácio não me ama — sussurrou Ada brincando nervosamente com uma das tiras do vestido. — Não se pode tratar assim a quem ama, nem enganar nem mentir, como ele faz comigo. Obrigada a levar essa vida dupla, me sinto igual uma vagabunda. Casada com o senhor Dia, amante do senhor Noite! Aos olhos de Deus devo viver em pecado mortal! — exclamou ocultando seu rosto entre as mãos — Oh! Já não sou a dona nem de minhas

palavras. Peço que me perdoe, não deveria me expressar assim na sua frente. Onde está a minha dignidade?

— Como pode dizer que Horácio não te ama? Você se esquece que voltou por você? Que conservou seu carinho intacto durante dez anos e que esculpiu um futuro brilhante com a única finalidade de te merecer? Não, menina. Você não pode dizer e nem pensar tal coisa! — disse Valentin, com súbita veemência.

— Não se irrite, Valentin. Tenho medo que um dia, em meio a um desses sufocos, você se sinta mal. O que faria sem você? Sem meu Valentin — exclamou carinhosamente a jovem, acariciando a testa do velho e depositando um beijo em seu rosto.

— Perdoe-me minha menina! Perdoe-me! Tem sido sempre meu maior defeito. Minha condenada natureza! Meu filho, Alejandro era como eu, mas ele... ele foi outra das vítimas de... — se interrompeu para aclarar a garganta. — Mas agora tenho você. Minha doce menina! Horácio te ama, e te coloca acima das outras paixões deste mundo, só que ainda não se deu conta. Não sabe até que ponto é capaz de renunciar tudo por você — adicionou com a esperança que a última frase houvesse passado inadvertida para a jovem. Entretanto, a pergunta não se fez esperar.

— Renunciar a tudo por mim? A que deve renunciar meu esposo? Eu imploro que você me diga! Se você gosta de mim, me diga! Eu imploro!

Quando o mordomo se dispunha a tranquilizá-la, do interior de seu casaco escorregou um objeto escuro que caiu ao chão.

— O que é isso? — perguntou Ada recolhendo-o antes que Valentin o fizesse.

Era um pedaço de couro negro gasto pelo uso. A jovem o tomou entre as mãos. Tinha um buraco em um de seus lados e umas fitas com nós em cada extremo, um pedaço de máscara.

— Devo supor que esta é a máscara que usará seu amigo na festa a fantasia? Nada melhor que meio rosto a descoberto para passar inadvertido! — espetou Ada ironicamente.

Valentin se levantou do assento e lhe arrancou a máscara das mãos.

— Foi um erro. Um defeito de fabricação, nada mais. Vou enviar a queixa e exigir o reenvio do material em perfeito estado — disse Valentin tratando de ocultar sua confusão — E já falamos muito, pequena detetive!

O mordomo abriu as cortinas antes de ir embora e enviou Anita com a ordem de ajudar a senhora a mudar de roupa. Anita havia estado tomando anis, e mais que uma ajuda poderia dizer que foi um estorvo. Quando terminou o seu trabalho, Anita saiu do quarto deixando Ada recostada no interior daquele estranho leito, no qual a criada não se deitaria por todo ouro do mundo.

Ao final de uma hora, despertou assustada. Tão logo abriu os olhos, cravou a vista no retrato de Horácio em tamanho natural. Levada por uma atração inexplicável, levantou da cama e se aproximou do quadro. Contemplou o perfil masculino e esmagou seu corpo contra ele, segurando-se a ambos os lados da moldura. Por um momento, Ada se esqueceu de tudo e ficou em silêncio, abraçada a aquele amante impossível. Pronunciou seu nome e beijou com ardor seus lábios pintados no quadro, como se tratasse de soprar vida com seu próprio hálito.

De repente, notou uma suave brisa nas pontas dos dedos. Rapidamente se separou e tateou com paciência toda a borda do quadro, o lugar de onde saía aquele arzinho fresco. Tentou mover o quadro para os lados, mas a manobra resultou ser inútil, e tampouco conseguiu nada ao empurrar contra a parede. Então, sem saber o que fazer, cansada de tanto intento falido. Deu a volta e apoiou as costas no quadro.

Soou um clic mal perceptível.

Ada se virou na hora e descobriu com assombro que o quadro havia se separado da parede uns centímetros. Puxou a moldura para seu lado, como se fosse uma porta, e ante seus olhos apareceu a entrada de um corredor.

O coração esteve a ponto de sair do peito. Porque se tratava de um túnel, nada menos. Um túnel que chegava até o seu aposento! Agora bem, por que aquele túnel se comunicava com seu dormitório era algo que

escapava de sua compreensão. Entretanto, jurou a si mesma que chegaria até o final. Tomou um castiçal e entrou na escuridão do buraco de pedra.

Primeiro desceu os degraus que havia assim que entrou, e levantou a luz para esquadrihar o fim do estreito corredor. Ao fundo, tudo estava escuro. A chama da vela oscilava pela suave corrente que havia percebido no dormitório, então colocou uma mão para proteger a chama. Pelas paredes rochosas escorriam dezenas de linhas de água que se uniam no chão umas com outras, formando um fino regato que descia declive abaixo. Tudo era silêncio, exceto o murmúrio da água. Tal era sua excitação, que nem sequer notou que ia descalça até que seus pés se molharam. Ela olhou para trás e observou a luz de seu dormitório. Pensou que ainda estava em tempo de regressar, e, entretanto, apertou bem o laço da bata de musseline e seguiu adiante.

Continuou até chegar a uma curva no corredor de onde podia ver a claridade, lá, na parte do fundo de um trecho mais largo que o anterior. Era curioso, no entanto, quanto mais se aproximava da luz, mais sóbrios se tornavam seus pensamentos. Dobrou a última curva e deu de cara com a primeira câmara do subterrâneo.

Aterrada, olhou ao seu redor e teve que tampar a boca para não gritar. Encontrava-se no interior de uma cripta de teto abobadado, iluminada por duas únicas grandes velas. A primeira vista contou oito sarcófagos de mármore, dispostos em quatro nichos à direita e quatro à esquerda, e uma tumba mais situada no centro, sobre um pedestal de granito. A mão do tempo havia tingido o mármore dos sepulcros de um fúnebre tom acinzentado. Ada se aproximou da solitária tumba e retirou a sujeira que cobria a inscrição.

AMANDA PATTINSON

1730-1750

MINHA AMADA ESPOSA

— Amanda Pattinson — leu Ada em voz alta.

O eco repetiu aquele nome várias vezes até que o som se tornou um sussurro agonizante.

Entretanto, o rosto de Ada se tornou da cor de cera. As palavras haviam saído de seus lábios, mas ela não reconheceu a voz que ressoou na cripta. Algo sobrenatural havia servido de sua voz, a utilizou para seus próprios, para seus espantosos fins; uma misteriosa força com uma voz melódica e distinta como a de uma grande dama. Ada experimentou pela primeira vez o temor ao irracional, ao desconhecido, e um imenso desamparo se apoderou dela.

Seguia tremendo quando voltou a aproximar a vela da inscrição. Mesmo que o ferro estivesse oxidado, comprovou que se tratava de uma mulher jovem. Respirou profundamente, tentando se acalmar, mas o ar úmido da cripta a deixou tonta e teve que tampar a boca e o nariz com a ponta da bata. Depois, continuou lendo o que havia escrito nos outros azulejos. Todos os sarcófagos pertenciam à mesma família, e todos — exceto a jovem que jazia na tumba solitária — haviam falecido no mesmo período de tempo, um par de anos. Sem dúvida, a causa de uma das epidemias que haviam assolado Madrid naquela época: o tifo, a cólera ou qualquer outra daquelas malditas doenças que haviam levado centenas de pessoas. Quando se dispunha a sair daquele lugar sinistro, a tumba de Amanda Pattinson girou.

Guiada por um impulso estranho, Ada se atreveu a ficar na ponta dos pés para alcançar a tampa do ataúde e seu pelo se eriçou, pois não estava bem fechado. Tentou aproximar um pouco mais, mas, descalça como estava, os dedos dos pés começaram a doer tanto que manter a postura se tornou insuportável. Então lhe ocorreu usar uma pedra como apoio para empoleirar

no pedestal de granito. Uma vez em cima, ela empurrou com força a tampa de mármore para girá-la no sentido horário. Partículas de pedra rangeram e chiaram esmagadas pelo mármore cinza. Ada recuperou do chão o castiçal e voltou a subir.

E então um espantoso segredo se revelou ante seus olhos.

Na tumba havia dois esqueletos entrelaçados. Debaixo das roupas, os ossos permaneciam na mesma posição em que haviam sido colocados em seu último momento: a mulher de vestido azul e cabelo negro estava deitada de costas, junto aos restos de um homem loiro como o milho, que se inclinava sobre ela, rodeando seu corpo com o que havia sido seus braços. Seu crânio estava de perfil, como se ainda a estivesse olhando.

Então, uma estranha ideia lhe veio a mente. O leque de ossos que havia sido a mão do cavaleiro segurava um frasquinho de cristal vermelho brilhante.

— Veneno!

Seus lábios voltaram a pronunciar cada sílaba movido por fios de um poder invisível e, como antes, tampouco foi sua voz a que ressoou entre as paredes do subterrâneo. Ada soube em seguida qual era o significado daquelas provas. Tratava-se do homem desaparecido, o inglês, o famoso fantasma que, segundo diziam, perambulava pela casa. Resultava evidente que, sem aquela mulher a que ainda permanecia abraçado, a vida lhe havia parecido um despropósito. Veneno...! Era como se a mulher de cabelo negro estivesse contando a Ada seu trágico segredo. E o coração da jovem estremeceu.

Por quais caminhos vagariam juntos agora? As vicissitudes da vida não os separaram, nem sequer a morte havia logrado. Era bonito pensar que eles haviam cruzado a grande cortina juntos, que, embora seus restos mortais estivessem presos entre as paredes frias da cripta, o melhor deles havia escapado como um raio de luz para ocupar seu lugar ao sol.

Ada empurrou o azulejo da tumba desde o outro lado e a selou cuidadosamente. Logo limpou as lágrimas e continuou a busca.

A saída da cripta parecia haver sido usada muito recentemente, pois, espalhados pelo chão, ainda havia algum entulho. Saiu dali e entrou em outra câmara. Para seu consolo, nesta não havia sarcófagos ou quaisquer outros achados aterrorizantes; não havia mais que sujeira e o regato que continuava incansável seu caminho. Ao perceber que uma de suas paredes estava esburacada, entrou sem pensar duas vezes. E ali se encontrou de frente com uma enorme porta de madeira, e, aos seus pés, uma grade pela qual escoava o regato que a acompanhara durante a descida.

Girou a maçaneta de ferro com forma de cabeça de leão e abriu devagar. A porta fez um chiado assustador e logo voltou a reinar o silêncio.

A cálida luz de dois grandes candelabros de pé dava boas vindas ao misterioso lugar, que, apesar de estar no ventre da rocha, à primeira vista era muito aconchegante. O mobiliário era escasso, mas mesmo assim o suficiente para não sentir falta das comodidades de fora. Quase no centro do teto abobadado, no final do buraco cilíndrico de vários metros de comprimento, havia uma claraboia pela qual entrava algo de luz. Justo debaixo dela, havia duas confortáveis poltronas em frente da lareira. O fogo estava aceso e as chamas crepitavam no meio do silêncio. Seus olhos vagaram por todo o local até que se fixou nos biombos de treliça dourada que separavam a zona de descanso.

A cama estava desfeita. Ada se introduziu entre os vaporosos tecidos que pendiam do dossel e passou sua mão pela marca que alguém havia deixado na almofada. Logo se aproximou do armário de carvalho e girou a chave. Casacos e jaquetas, camisas, capas e chapéus com a seguinte particularidade: todas as peças eram negras, e todas eram roupas de homem. Levou seu rosto a uma das peças e aspirou profundamente o aroma. Era a inconfundível fragrância de Horácio.

Girou e viu que sobre a mesinha havia uma compilação das obras de Shakespeare e uma lâmpada de óleo com pé de porcelana. Ada abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e descobriu um montinho de cartas atadas com um deteriorado laço de veludo vermelho que recordava vagamente. Mas, Deus Bendito! Como poderia duvidar que o laço fosse seu! As cartas que segurava

eram as mesmas cartas de amor que ela lhe escrevera, a Horácio dez anos atrás. Envolta no silêncio, mesmo que profundamente consternada por aquela descoberta, colocou as cartas em seu lugar e fechou a gaveta. E já se dispunha a sair do refúgio e regressar ao seu dormitório por onde tinha vindo quando o resplendor dos diamantes a deslumbrou.

Aproximou-se da outra ponta da câmara e os viu brilhar sobre a mesa de madeira gasta pelo uso. Lançavam ofuscantes fachos de luz, desde o interior de umas caixas forradas de seda negra, com múltiplos compartimentos de onde estavam separados de acordo com diferentes tamanhos, dimensões e cores.

Também descobriu uma estranha maquinaria situada entre duas colunas de pedra. Ada desconhecia o nome daqueles instrumentos, mas pôde distinguir disco de aço, tornos de ferro, martelos de madeira, serras circulares, pinças e várias vasilhas com um líquido espesso que parecia azeite. Voltou a aproximar da mesa repleta de diamantes e enterrou suas mãos nas gemas. Uma incalculável fortuna espalhada na palma de sua mão. Escolheu um grande brilhante rosado e se aproximou da vela. Ajoelhou em frente ao fogo e expôs a gema à luz. O diamante brilhou quando ela o girava. Então descobriu a chama encerrada no interior da pedra, a chama gêmea das outras que queimavam na lareira e que se refletia em cada uma das facetas de seu tamanho.

Um brilho enlouquecedor.

Porém, enquanto ela admirava o diamante, Horácio a admirava. Estava oculto atrás do armário, com somente metade do rosto encostado no canto da madeira. Ninguém havia contemplado nada mais belo.

O repentino crepitar de um tronco na lareira colocou o coração da jovem em suspense e a salvou do feitiço mágico das pedras. Deixou o diamante sobre a mesa e, como se intuisse que já havia visto muito, saiu da câmara a toda pressa.

De novo em seu quarto, Ada se meteu na cama e cobriu-se até as orelhas. Tinha os pés gelados e tiritava de frio e de medo. Porque o caso é que não podia contar a ninguém sua descoberta, talvez a Constanza, mas ainda

não. Antes tinha que averiguar o significado de tudo aquilo: as roupas negras, as velhas cartas, por que alguém se refugiava naquela câmara secreta... E esperar, sobretudo esperar o momento adequado para fazer ao seu marido as perguntas oportunas.

CAPITULO 13

A flor do pecado



Augusto Cárdenas queria organizar um baile como jamais fora visto em Madrid. Lógico, os bailes à fantasia que se celebravam no Teatro Real eram suntuosos, eram elegantes, mas não se tratava disso. Ele queria dar um passo mais além, abraçar o inimaginável, cruzar o limite do irreverente e ser selvagemmente moderno.

Além disso, era a ocasião ideal para demonstrar aos seus amigos que a família havia recuperado sua genuína posição econômica, e com isso, o retorno do esplendor ao seu maltratado sobrenome.

Antes da meia noite do dia esperado chegaria o trem de Krishnan, que traria fabulosas notícias sobre os primeiros frutos de seus investimentos na Índia. Era preciso que Madrid estivesse ciente de tudo, por isso não havia de poupar gastos. O pouco que restava ele usaria para sua festa, nada comparado com as riquezas que chegariam de agora em diante.

Aplicou-se durante várias semanas ao desenho da atmosfera e a decoração que desejava dar a seu salão de baile, já um dos mais espaçosos e melhor acondicionados dos que habitualmente se frequentavam. Nem todo mundo podia se permitir ter um salão tão grande desperdiçado quase por completo. O salão de baile da mansão permanecia fechado o resto do ano, somente abria ao público em suas famosas festas de Ano Novo ou outras ocasiões memoráveis. A família Cárdenas havia celebrado ali bailes desde os dias do excelentíssimo avô Alfonso, o pai de seu pai, mas os tempos mudaram e Augusto teria que se esforçar se realmente quisesse impressionar seus convidados.

O segredo foi zelosamente guardado para todos, incluindo sua família, até o último momento. Não contou com um amigo que o apoiasse ou oferecesse conselhos, embora ele também não necessitasse e nunca tivesse

pedido. Augusto sempre fazia as coisas a sua maneira. Como todo artista, trabalhava sozinho e na surdina. Chegaria o momento do aplauso, o momento de contemplar o rosto emocionado de seu público, o êxtase que todo autor persegue. E ele somente conhecia uma única maneira de impressionar: a questão era ser original. Ser original era uma qualidade que sempre pendia na lapela, como se fosse uma flor fresca ou uma insígnia de general. O original era essa pincelada de cor indizível que o distinguia do resto, a mesma essência de sua própria e inigualável personalidade.

Ada não podia afastar de sua mente o sonho da noite anterior. Um sonho em que revivia o último beijo de seu esposo na fonte de Rosas Negras.

Havia despertado empapada em suor e, enquanto tomava um banho morno, perguntou qual era o verdadeiro motivo pelo qual estava incomodada em ter esses sonhos.

Era uma recém-casada, podia seduzir o seu esposo quando e como quisesse. Aliás, ela iria ao quarto dele assim que estivesse vistosa e perfumada, e o beijaria novamente. Sim, nada de sutilezas. E não importava quão envergonhada ela estivesse seduzindo-o em plena luz do dia, não pensava retroceder. Era verdade que o sol a retraía, inclusive a acovardava, que somente à noite ela havia estado com ele, mas nessa dificuldade havia um ponto de excitação que tornava o seu esposo loucamente desejável.

Por outro lado, a perspectiva de ver satisfeita a sua curiosidade acelerou seu coração e tingiu de rubor seu rosto. Disse a si mesma que talvez depois daquilo se atrevesse a perguntar pelo misterioso porão descoberto dias antes.

Depois do banho, passou sobre a pele sua loção de amêndoas, colocou duas gotas de essência de rosas debaixo das orelhas e soltou seu resplandecente cabelo dourado. Colocou uma bata marfim de seda e renda de Bruxelas. Por baixo não levava nada mais que o corsé, as meias brancas e a lingerie mais íntima. Antes de sair do dormitório, tratou de abrir a porta do passadiço secreto. Tentou de todas as formas imagináveis, mais foi tudo em vão.

Pouco depois estava em frente ao quarto de Newman.

Ia bater na porta, mas viu que estava entreaberta e não pôde resistir a curiosidade. Aproximou seu rosto da abertura procurando não fazer barulho.

Ali estava ele. Mais bonito que qualquer ilusão sobre qualquer homem. Sentado perto da escrivaninha, debaixo da janela, concentrado no trabalho de uma de suas pequenas esculturas. A janela estava aberta e o vento que passava pela cortina de renda agitava seus cabelos, normalmente despenteados.

Ada estremeceu ao contemplá-lo, mal estava vestido. O casaco e a camisa penduravam da cadeira às suas costas. Somente usava a calça e as botas de montar. Parecia impossível que aqueles braços musculosos, que saiam de uns ombros grandes e arredondados, pudessem controlar sua força para fazer um trabalho tão maravilhoso, com a precisão que requeria a escultura em um objeto tão pequeno. Entretanto, a matéria mais sensível estava a salvo entre suas mãos, mimada pelo cuidado que o artista colocava em cada gesto. Cada um de seus dedos era por si uma obra de arte: finos e longos, mas mesmo assim de proporções rotundamente masculinas. Suas mãos inspiravam força, controle preciso, mas também a maior delicadeza.

Nesse momento, Newman levantou a vista em direção a porta, como se de pronto houvesse percebido que ali estava alguém.

— Adiante — ele disse com voz aveludada.

Ada empurrou a porta e se deixou ver.

A atração que Newman sentia por ela se havia convertido em uma obsessão em que combatiam a ternura e a luxúria como dois rivais iguais.

Apesar de ter a idade de uma mulher adulta, suas feições, seus gestos, e até a maioria de seus movimentos pareciam o de uma menina. E ele amava aquele gesto infantil dela de afastar o cabelo com o dorso da mão, ou como se inclinava levemente para frente ao andar, e, sobretudo, amava a forma como Ada ria. Quando a admirava a distância, através da janela do gabinete, pensava que ela inteira era feita de um cristal fino e que, ao menor toque de seus dedos, sua figura se quebraria. Entretanto, apesar desse temor, ou talvez

por causa dele, algumas vezes, embriagado pela presença de Ada, não desejava mais que se jogar sobre ela e acariciá-la e apertá-la com força entre seus braços.

Sabia que, se não conseguisse controlar seus instintos, o desejo acabaria deixando-o louco.

Naquela manhã, sua esposa não parecia uma menina.

Com olhos insaciáveis, contemplou a bela mulher em todo o seu esplendor físico. Poderia dizer que, debaixo do delicado tecido da bata, cada canto secreto do corpo de Ada desejava se revelar por completo para ele, lhe enviando um convite velado ao jogo do amor. O feitiço foi tal que, deixando cair o objeto que tinha nas mãos, o homem ficou de pé de repente, como um guerreiro pronto a lutar uma batalha.

De pé, a virilidade de Newman resultava esmagadora.

— Espero que não tenha quebrado... — disse Ada enquanto terminava de entrar e fechava a porta as suas costas.

Esse gesto deixou seu marido desconfortável tanto quanto ela esperava, mas ela prosseguiu com seus planos, apesar do fato de que seu olhar a havia ameaçado com algo que ia além da atraente escuridão de seu rosto, e ela hesitou.

— Oh! Não, não — respondeu León com a testa enrugada, agachando para resgatar a peça e comprovar seu estado — não tem muita importância. Embora eu tenha feito isso para você. Já está acabado — disse pegando seu presente diante dos olhos de Ada. — Deveria colocar uma camisa e um casaco? Sim, sim, creio que deveria colocá-los.

Ela se aproximou e comprovou em que consistia o presente. Era um delicado pingente em forma de cavalo marinho, talhado em coral.

— É um cavalo marinho, não é? Os vi empalhados no Museu de Ciências Naturais — disse Ada impedindo que a mão de seu esposo alcançasse a camisa.

— *Cheval marin*⁷. São criaturas muito extraordinárias — explicou com a vista posta no pingente e um ligeiro tremor na voz — Vivem em águas serenas e cálidas, perto da costa, nas extensas pradarias marinhas, manguezais e corais. No caso de perder o seu parceiro, dificilmente voltam a ter outra companheira; em algumas espécies, jamais voltam a ter outra.

Ada não havia soltado sua mão e, para evitar fixar em seus lábios, se concentrou no colar.

— Agora mesmo ia pendurá-lo numa fita de veludo negro. Gostaria de provar? Sei que tem muitas joias valiosas, então eu entenderia se você não o apreciasse — assegurou com gesto de contrariedade, inclinando sua cabeça para um lado e encolhendo o ombro, como se desse a entender que aceitaria uma negativa mesmo que doesse infinitamente.

— Todas as joias foi você quem me deu. Será tão valioso para mim como as outras que você me deu. Agora estou usando a cruz com o diamante que você certamente poliu em sua oficina... — Ada deixou a frase inconclusa.

Newman se aproximou dela, e com um movimento hábil de sua mão, arrancou a fina corrente do pescoço dela. De imediato, jogou a corrente de ouro pela janela.

Assustada, a jovem levou as mãos ao pescoço, mas comprovou que não a havia ferido.

Seu esposo tinha a mandíbula tensa, os punhos apertados contra as coxas e respirava com violência. Escurecido pela ira, seu olhar era um poço de ódio. Ela não conseguia entender por que estava contrariado, menos ainda assim. Parecia que seus olhos, carregados de ressentimento, a haviam levado consigo.

Ada ficou de costas para ele e puxou seu cabelo para um lado para facilitar a tarefa.

— É lindo.

Newman apertou os dentes e fechou os olhos.

⁷ Cheval marim: do francês cavalo marinho

— Não volte a colocar essas joias. Pelo menos, não a luz do dia. Não quando estiver comigo. — Agora havia uma rotunda firmeza na sua voz.

Passou o cordão por debaixo do cabelo de sua esposa e o prendeu na nuca com dificuldade. O cheiro de seu cabelo lhe nublava a mente, e tratou de separar dela, mas suas mãos resistiram e, como se pudessem desobedecer, buscaram-na com ansiedade. Ao tê-la em seus braços, seu olhar se tornou delirante. E então, ao se inclinar para beijar seu pescoço, viu escondida debaixo dos cabelos a pequena mancha de nascimento. León sorriu satisfeito ao contemplar algo nela que passava inadvertido aos outros.

Ela permaneceu imóvel, mal respirando, enquanto León a acariciava na nuca com suas mãos hábeis. Então ele voltou para encará-la e abriu delicadamente sua bata para admirar cada pinta, cada orifício, cada sombra da pele de seu decote, tratando de imaginar onde acabaria aquela veia azulada que desaparecia debaixo da renda.

Newman não pensava. Perdido o domínio de si mesmo, ele apertou sua cintura com um braço fazendo que se arqueasse para trás enquanto esmagava os lábios em sua garganta. Ada sentiu como se até os últimos poros de sua pele estremecessem.

Ele se separou dela o suficiente para poder olhá-la nos olhos. Ada devolveu o olhar com as pálpebras pesadas pelo desejo e Newman franziu a testa, franziu os lábios e emitiu um grunhido afogado. Tendo-a assim, recostada, começou a abrir os botões de sua bata com a mão livre. Devagar, foi semeando beijos na linha dos seios, nos ossos proeminentes das clavículas, foi aspirando o cheiro que emanava de seu corpo como se pudesse consumi-lo. Um som queijoso saiu do fundo da garganta de Ada. Então ele se deteve, avisado pelo ruído que havia despertado todos os seus alarmes.

Colocou-a em pé e fechou a bata de Ada sobre seu peito. Era preciso que se afastasse, ou não poderia separar seu corpo do de sua mulher.

— Afaste-se de mim — conseguiu dizer quando retomou o fôlego, com olhos flamejantes.

— Por quê? Você não gosta de mim à luz do sol? — ela perguntou assustada.

Ele a segurou pelos ombros com firmeza.

— Apelo a sua vontade! Maldita seja! Você não entende? Não compreende que não tenho mais forças para me afastar de você?

Ada ficou sem palavras. Estava tão confusa que seguiu olhando quase sem piscar até que seus olhos doeram.

— Deve se afastar de mim, Ada — adicionou com súbita tristeza.

— Não vou me afastar de você. Sou tua. Te desejo. Eu também preciso de você — sussurrou Ada se colocando na ponta dos pés para alcançar seu ouvido e roçar com os lábios a afiada linha de sua mandíbula.

Instantaneamente voltou a sentir o corpo de Newman contra ela, pedindo passagem. Enquanto a beijava com avidez, seus dedos haviam desatado o nó da bata e a arrastava pelos ombros. Então ele a pegou pela cintura e levou-a até a parede, esmagando-a contra um grande espelho de moldura dourada.

Ada estremeceu ao notar o toque frio do cristal nas suas costas. Nem sequer percebeu como ele tirou a roupa que o incomodava, somente sentiu o calor que a invadiu quando seu beijo se tornou cada vez mais profundo. Sem dar pausa, deixou-a somente com o corsé e as meias brancas enquanto ele seguia ocupado em fazê-la explodir, acariciando, esmagando, lambendo, inalando, mordendo, empurrando, tomando dela quanto desejava e do modo que desejava. Então ele a puxou até a cintura e a deixou agarrada ao seu pescoço, segurando-a pelas coxas, enquanto a tomava como se fosse a primeira vez que entrava nela.

Úmido e escorregadio Newman.

Enquanto sentia que a cada nova arremetida a lava do prazer se aproximava perigosamente, León via no espelho uma imagem deformada de si mesmo, e mesmo assim uma imagem verdadeira. Aquele homem indigno e depravado diante dele, que era como ele, o observava do espelho reprovando

sua conduta. Os olhos de Newman o miravam impotentes, horrorizados, como se aquele ser que parecia haver estado tanto tempo enjaulado em seu interior tivesse repentinamente liberado, e agora exigisse manejar as rédeas de sua vontade por um capricho. Mas como acabar com a loucura quando a loucura não é real?

León afastou a vista, fugindo de seu próprio reflexo, e enterrou o rosto nos cabelos da moça repetindo uma e outra vez que Ada era dele, que o pertencia. Depois voltou a se concentrar nos rios de lava, até que, em comunhão com a estranha imagem do espelho, ambos acabaram derramando dentro dela.

CAPITULO 14



E o dia que Augusto esperara finalmente chegou.

Às nove e meia começaram a chegar os primeiros convidados e, uma hora depois, o salão de baile estava repleto.

Quando os senhores Newman fizeram sua entrada, o murmúrio jubiloso dos convidados silenciou por completo e os casais coloridos que dançavam sobre o brilhante mármore pararam de dançar. Só a música da orquestra seguia soando enquanto eles percorriam o caminho que os convidados iam abrindo passo. O casal que formavam era a viva imagem da beleza mais radiante.

Nenhum cavalheiro do salão haveria suportado a prova de ser comparado com Newman. Superava a todos não somente em altura e galanteria; era o homem mais atraente de todos que estavam ali. O cabelo penteado para trás ressaltava suas feições, as maçãs do rosto salientes, os lábios perfeitamente delineados. Havia pintado sua pele com uma tinta escura — exigência do disfarce de Otelo — que dava um aspecto exótico e irresistivelmente misterioso. A máscara negra ressaltava a cor verde acinzentada de seus olhos. Usava roupas típicas de um rico mercador da Veneza renascentista: uma camisa de seda vermelha com laço no pescoço e nos punhos, com mangas bufantes tão próprias da época; botas altas de couro negro; um comprido colar de correntes de ouro sobre o peito e um aro na orelha. Mas o maior destaque de sua vestimenta era a cara capa de arminho, que o cobria de cima a baixo. E, claro, a bengala com sua reluzente pedra azul.

Ada ia segura por seu braço, soberba com o cabelo solto e seu vestido azul cobalto. Também havia colocado a gargantilha que Newman a havia presenteado naquela mesma manhã, uma malha de safiras azuis e diamantes, uma joia que destacava a esbelteza de seu pescoço e a brancura de sua pele. Podia sentir a admiração de seu esposo, que, a cada passo, girava o rosto para

olhá-la. Ambos avançavam majestosamente entre os convidados e representantes das mais altas esferas sociais de Madrid.

León deu boa noite ao grupo que acompanhava o seu sogro. Tratava-se do pequeno círculo de confiança de Augusto. Ali estavam as irmãs Cóndor, muito velhas as três. Nenhuma havia sido conhecida na juventude, e enfiadas naqueles trajes brancos, pareciam três velhos lírios de pureza. E outros dois casais mais, os Sánchez Fuentes, cônjuges de assombrosa semelhança entre si, e os Póldar, dois seres elementares com pouco cabelo. Nenhum dos dois estava fantasiado e ambos levavam sua costumeira roupa de noite.

— Bem, Ada. Você não tem nada a dizer ao seu pai?

— Pai? — perguntou Ada assustada.

— Bah! Com o que eu insisti em sua aprendizagem sobre a mitologia grega! Você não se lembra dos deuses olímpicos de Homero? — disse com voz profunda e raivosa.

Ada ouviu a voz de seu pai, mas viu apenas um cavaleiro impressionante, escondido atrás de sua inquietante fantasia. Augusto usava uma capa de veludo de brilhos escuros cintilantes que o envolvia por completo e, sobre a cabeça, um elmo prateado que imitava as características hieráticas de um lobo.

Todo ele parecia resplandecer como uma galáxia; onde quer que olhasse, percebia que sua presença ofuscava.

— Hades, o que reina sobre os mortos — explicou León sem um ponto de interesse ou louvor em sua voz. — Me parece muito apropriado, senhor.

— Querido irmão! Está esplendido! Oh! Se nossa mãe pudesse te ver! Como ela adorava todos os gregos! — explicou Ernes unindo-se ao grupo — Boa noite para todos!

Ernes ia fantasiado de uma interpretação um tanto livre de Eros, o deus do amor. Havia colocado uma malha de cor carne que cobria o corpo inteiro, uma peruca de cachos dourados e uma coroa de louros, e também levava o arco e suas certeiras flechas. Ao seu lado, dona Margarita trajava com extraordinária naturalidade a roupa de uma bruxa ou maga cigana, carregada de broches, presilhas e braceletes.

— Os três irmãos confiaram na sorte — continuou explicando Ernes, como se estivesse lançando um feitiço sobre os presentes — e introduziram três símbolos no interior do elmo. Assim foi como o mundo se dividiu em três partes, uma para cada um deles: Zeus tocou o céu, Poseidon o mar e Hades, em troca, as sombras e a névoa. A Terra e o Olimpo ficaram como território comum aos três — concluiu Ernes satisfeito.

Augusto não deixava de assentir a cabeça, muito contente do improvisado recital de seu irmão. Aquela história que os Cárdenas transmitiam de geração em geração e recitavam com orgulho, com verdadeiro entusiasmo, era como reviver os antigos e respeitados defuntos. Invocando as velhas palavras, todos os mortos Cárdenas haviam saído de suas tumbas naquela noite e agora dançavam felizes entre a multidão. Mas somente Augusto e Ernes compartilhavam essa visão espectral, e unicamente em seus corações instalou uma emoção vibrante que os fez estremecer e umedecer os olhos.

Augusto tirou o elmo e olhou para o seu irmão do auge do orgulho familiar. Depois olhou para os seus filhos, e desaprovou com um triplo gesto de asco sua ignorância.

— Argh! E vocês se acreditam chamar Cárdenas! — cuspiu com os olhos a ponto de sair da órbita — Eu deveria ter arrancado esse privilégio de vocês há anos e honrado outros... outros que o apreciariam com muito gosto.

Os três irmãos sabiam perfeitamente de que “outros” falava seu pai. Ele se referia a “eles”, aos três filhos de Lara Flor, a bela mulher que frequentava com mais assiduidade há anos do que suas outras amiguinhas. Os rapazes não eram seus, por isso já não eram tão belos, mas, quando na casa dos Cárdenas desaparecia algum brinquedo caro, alguma peça de roupa notável ou algum conto da biblioteca infantil, todos sabiam exatamente onde havia ido parar.

Indiferente ao aborrecimento de seu pai, Ada olhava ao redor. Até esse momento não havia percebido a obra de Augusto. Nem nas histórias das novelas góticas havia sido descrito um lugar assim. Seu pai havia transformado o elegante salão de seus antepassados em uma moradia sinistra.

Os candelabros de bronze portavam grossas velas negras; estavam penduradas gases evanescentes de um violeta escuro sobre quadros e cornucópias; incluindo dois grandes castiçais de aranha que o avô Alfonso havia trazido da Áustria, foram utilizados para pendurar lianas de tule de um extremo ao outro do teto de painéis. Os encarregados do fornecimento das bebidas, dispersos atrás das quatro mesas equidistantes coladas a parede do salão retangular, usavam túnicas negras com capuz e, debaixo desta, o rosto e as mãos maquiados de um branco espectral. Sobre as mesas, taças e mais taças de fino cristal decorado foram colocadas umas sobre as outras em forma piramidal, e eram preenchidas continuamente de líquido dourado e borbulhante. E no interior de belos cisnes esculpidos em gelo se conservavam as remessas de caviar.

As criadas iam vestidas com valorosos e brilhantes vestidos violáceos. Usavam luvas até o cotovelo e suaves asas de plumas negras nas costas. Todas elas levavam bandejas com canapés e taças de champagne, e se misturavam entre os convidados para garantir um serviço ágil e eficaz. Ada se deu conta de que não faziam parte do grupo de serviçais da casa. Augusto havia contratado pessoal extra para sua festa, ocupando de que fossem mulheres bonitas; as criadas da casa não andavam exatamente boas de encanto e até o mais insignificante detalhe era crucial em uma noite assim. Eram anjos caídos, almas ambulantes do submundo. Assim Ada escutou seu pai dizer de sua própria boca, o criador daquele universo recém-saído de sua fértil imaginação.

O irreverente estava na moda. Na verdade, a transgressão e o escândalo eram por si armamento próprio dos jovens, pensava Augusto. E o que ele era, senão um jovem imortal? Muitos naquela festa tacharam seu gênio de loucura, outros de despropósito; entretanto, Augusto sabia que somente os grandes podiam pensar grande. Os “anões”, como ele costumava chamar todo aquele que colocasse em dúvida seu indiscutível gênio, apenas levantavam uns palmos do chão. Esta era uma das suas máximas vitais, e experimentava uma fé cega na grandeza que lhe havia sido outorgada.

Depois de uns quantos e merecidos elogios à rainha da festa, as três virgens eternas se foram dando voltas a outro canto do salão para contrastar suas impressões com informadoras mais sagazes. Os irmãos Cárdenas bebiam álcool tranquilamente, e os senhores Baldí e os Sánches Fuentes elogiavam

ante seu criador o talento, enfatizando que nunca poderiam esquecer semelhante acontecimento. Apesar de tudo, quando as duas famílias abandonaram o grupo, correram a compartilhar a opinião de que Augusto Cárdenas havia perdido o pouco juízo que tinha. Havia transformado o salão de baile em um lugar fúnebre e aterrador em que somente os mais jovens, tão propensos ao riso e a irreverência, pareciam estar desfrutando.

León Newman parou na frente de Ada e, sem dizer uma palavra, ofereceu sua mão para dançar a valsa seguinte.

Dançaram entrelaçados, misturados com os outros casais que davam voltas pela pista. Todos pareciam estar passando uma noite agradável, mas eles se viam absolutamente felizes. Newman era o paradigma do homem apaixonado e o coração de Ada só gravitava ao encontro desse amor. Ela seguia os passos que ele marcava, mas seus pés não tocavam o chão, não enquanto aqueles lábios continuavam sorrindo assim para ela.

Quando a valsa acabou, León beijou sua mão e voltou a abandoná-la sem mais explicações.

Nesse instante, Constanza fazia sua triunfal entrada no salão de baile acompanhada por um jovem fantasiado de Thor, o deus viking. Estava belíssima, vestida de um eletrizante vestido de moaré⁸ vermelho e estola de plumas brancas. Também levava não mão uma linda máscara veneziana de tirar e colocar, com um pau na base para segurá-la. Viu Ada assim que entrou, e, sem parar para cumprimentar ninguém, percorreu rapidamente a distância que as separava.

— Oh, querida! Você se converteu em uma linda mulher! — disse a senhorita Dévalos enquanto a beijava e a abraçava — Olhe-se bem! — exclamou segurando no alto o queixo de Ada — Onde está a menina que deixei há uns meses? Não. Este é o rosto de uma mulher, de uma mulher que provou a maçã do Éden. Ah! Sim, sim, já vejo.

— Você está me fazendo ruborizar, amiga. É você a que, como de costume, iluminou o salão com sua chegada. Acaso não deseja que...?

— Blá, blá, blá. Acredita nisso? — interrompeu Constanza tirando e colocando de forma provocativa sobre seu rosto a bela máscara — Não,

⁸ Moaré: tela com padrão de ondas ou raias

minha amiga, não. Este corpo, que em seu dia conheceu a glória, está sendo arrasado pelo tempo e, muito logo, somente será o cenário de uma derrota. Além disso, já deveria saber que o desejo de uma mulher começa nos olhos famintos de quem a olha. — explicou com uma expressão grave nada usual nela. Ada estava tão preocupada com seus assuntos que não percebeu a dor que se escondia atrás da máscara de Constanza.

— Constanza, tenho tanto que te contar! Preciso que me escute atentamente. Tomei uma decisão! Mas não devemos falar aqui. Vamos! — pediu Ada puxando sua amiga pelo braço e levando-a quase arrastada para fora do salão.

As duas mulheres subiram ao primeiro piso e se meteram no último cômodo que havia no corredor.

— Aqui, aqui ninguém vai nos perturbar — disse em voz baixa, olhando ao seu redor — Esta casa tem ouvidos, Constanza, acredite em mim.

— Mas, querida, estamos no banheiro. Parece-me medida demasiado extrema, de verdade. O que planeja, que oculta, pequena? Diz ou morrerei de angústia, pelo amor de Deus!

As duas sentaram num divã situado debaixo de uma claraboia circular de cristas ambarinos.

— Espero que tenha recebido minha carta.

— Claro que a recebi, mas não entendi uma palavra do que contava nela. Pode me explicar o que é que está passando pela sua romântica cabecinha? — disse Constanza sorrindo, enquanto acariciava suavemente as mãos de Ada.

A jovem levantou do divã e começou a caminhar pelo espaçoso espaço sem deixar de girar a aliança no seu dedo. Tinha o olhar vidrado dos acometidos de febre.

— Estou apaixonada por dois homens ao mesmo tempo, Constanza.

— Bem, isso é algo muito natural, passado certo tempo. Mas em seu caso, de qualquer maneira, é uma noiva recente, o matrimônio ainda está saboreando o mel do desconhecido, explorando suas terras virgens. Não entendo muito bem.

— Não, não, Constanza, não me refiro a ter conhecido outro homem. Já te disse na carta. É ele. Ambos são meu esposo.

— Talvez esteja doente. Não sei — duvidou Constanza.

— Talvez. Por outro lado, não sei se eu gostaria que ele se curasse, se é que isso é uma doença.

— Por muito empenho que coloque não entendo uma palavra. O melhor é que não te interrompa. E que você me explique com detalhe isso que não tem explicação. Vamos, começa! Juro que não te interrompere! — alegou Constanza, buscando uma postura mais confortável e acendendo uma de suas compridas cigarrilhas douradas.

— Pode ser necessário ter passado por isso para me entender. Não creio que eu encontre as palavras certas. E, verás, compreendo que deve parecer confuso. Assim é como eu me sinto, sozinha com meus temores, incapaz de eleger entre os caminhos que tenho à minha frente, nesta fatídica encruzilhada — disse sussurrando, e tomou ar para fazer uma nova tentativa.

Constanza elevou os olhos ao céu.

— Como eu gostaria de te dizer que meus sentimentos são puros. Mas isso não seria certo — continuou Ada sem nem levantar os olhos do chão. — Amo o Horácio que regressou depois de dez anos, mas também amo o homem que vive nele e que já não é um desconhecido para mim.

Constanza fazia grande esforço para não interromper sua amiga, mas se remexia em seu assento vítima da impaciência.

— E apesar de tudo, isso não é o mais importante — continuou passeando com ar melancólico — o preocupante é que, desde sua volta, não cabe em meu peito outro sentimento. Converteu-se em uma obsessão que devora tudo. Não sou mais a Ada que vive em seus braços, partilhando suas duas vidas opostas.

— As coisas que antes me agradavam — prosseguiu — as que me faziam feliz, já nem conseguem me distrair sequer. Nem meus livros. Nada! Somente anseio passar de umas mãos a outras, me saciar do amante que posso contemplar e correr até meu dono noturno. Assim, dia após dia. Mas cada vez que me entrego a um deles, o remorso se apodera de mim, como se cometesse um terrível pecado. E este sentimento de culpa, Constanza, já

quase não me deixa respirar — disse abrindo o decote para que entrasse algo de ar — tudo o demais me é indiferente. Vivo sem recordar que devo comer ou beber, não sinto o menor cansaço, e isso que apenas durmo. Pensar em qualquer outra coisa? Não. Desde que retornou para mim, infecta qualquer pensamento que ocupe minha mente. Ada não importa mais! Nem tampouco importa o risco que podem correr os meus. Jamais o delataria. Jamais permitiria que lhe fizessem o menor dano. Isto suporia algo pior que o suicídio para mim — explicou voltando a se sentar ao lado de Constanza, que não deixava de olhar para ela com séria preocupação — E esse obstinado abandono de mim mesma — continuou quase sem fôlego — essa entrega incondicional a quem é e será a causa da minha perdição, Constanza, é a corrente que me ata a dois leitos e faz com que não possa me afastar de meu esposo. Apesar de que seu fogo esteja me consumindo. Uma luz vermelha, aterradora, se acende em minha cabeça, abrasando minha mente cada vez que se afasta, mesmo que somente seja a uns passos de mim — disse com os olhos apertados e os punhos colados às têmporas. — Entretanto, um maravilhoso imprevisto, algo com que apenas contava, mudou meus planos e me deu a força necessária para abandoná-lo definitivamente...

Enquanto isso, no baile, todo mundo se divertia às custas das últimas fofocas da sociedade.

— Nãããooo. Não, não, não. Não são turbantes! Senão diamante, querida! Di-a-man-tes! — disse em voz alta e estridente a ave mais velha, mais alta e mais seca das irmãs Cóndor, para a mais baixinha delas, que era quase cega e surda como uma parede.

— Ah! Já me parecia que os turbantes eram uma profissão decente, mas, enfim, como hoje em dia os jovens fazem coisas tão estranhas, nunca se sabe o que fazer com eles — respondeu sua irmã sorrindo.

— Dizem que Augusto Cárdenas fez um bom negócio com o matrimônio clandestino de sua filha. Porque vão concordar comigo que foi um matrimônio completamente secreto! — soltou a irmã gordinha enquanto chamava uma das belas e morenas criadas, que passava perto com uma bandeja de suculentos aperitivos.

— O que diga Madrid não tem a menor importância! — voltou a dizer a mais alta — O que importa são os fatos. Prestem atenção que festa preparou. Mesmo que a decoração não seja do meu gosto, não podemos ignorar que não poupou em gastos. Mas, pelo amor de Deus! Prestaram atenção nessa moça? A menor e mais feinha de todas as criadas. Sim, sim, essa mesmo — assentiu a dama enquanto apontava Anita com o leque fechado.

Anita havia ido à mansão na qualidade de donzela da senhora, por se durante o baile necessitasse recompor o penteado ou dar qualquer retoque em seu vestido, ou por se sentir indisposta. As mulheres ricas sempre corriam o risco de caírem indispostas, pensava ela. Anita fez o que a ordenaram: ficar na cozinha enquanto não fosse requisitada por sua senhora. Nada mais. Mas enquanto esperava e se aborrecia, viu a trajetória de bandejas com bebidas espumosas, viu as asas de plumas negras e os vestidos de cor violeta e não encontrou razões para resistir a tentação por mais tempo. Tomou um par de tragos de uma garrafa muito útil e se enfiou em um dos maravilhosos vestidos brilhantes, que teve que roubar do roupeiro das criadas. Ao final de meia hora, Anita passeava pelo salão de baile com uma bebedeira formidável, sem parar para pensar no evidente do seu estado.

Era um espetáculo circense vê-la segurando a bandeja de canapés sem jogar ao chão seu conteúdo. Mas o pior que podia passar estava a ponto de ocorrer. Uma senhora com penteado egípcio abriu com desenvoltura seu leque de plumas rosadas e o enfiou sem se dar conta no nariz da criada. O espirro teve as consequências de um cataclismo. Todas as taças saíram voando até a custosa fantasia da dama egípcia, que não duvidou um instante em pedir a cabeça da responsável. O alvoroço ocorreu em um canto longe de Augusto, apesar de que, o dono da casa, percebendo o burburinho que chamava a atenção dos convidados, se moveu até ali com vivo interesse.

Quando chegou ao lugar do ocorrido, Anita havia desaparecido. Augusto ofereceu a dama, esposa de um afamado militar, em sem fim de explicações e desculpas, e prometeu à prejudicada que a culpada seria severamente corrigida. Mas quando pediu a senhora que identificasse a agressora, a dama não viu em todo o salão a cara da culpada. Na espera da sua resposta, Augusto ordenou a um par de criadas que acompanhassem e cuidassem de arrumar a senhora e logo seguiu atendendo o resto dos convidados.

Anita, oportunamente, havia desaparecido atrás das cortinas dos janelões que davam para o jardim. Umas mãos salvadoras a haviam arrastado e ocultado da vista de Augusto em um instante.

Já no jardim, Anita pôde agradecer o detalhe a seu anjo da guarda. E mesmo que o álcool que levava em cima a fizesse ver em dobro, podia intuir que se tratava de um só homem. Um homem alto e bonito cuja silhueta reconheceu facilmente.

— Não sei como lhe agradecer, senhor Newman, Hip! Senhooooorrrr — disse, e tratando de recuperar a compostura, ajustou o brilhante vestido que ficava muito folgado no peito.

— É uma imprudente, mocinha. Você não conhece Augusto Cárdena? Se descobrir que foi você ou te descobrir assim... — disse Horácio com voz suave.

— Sua voz parece diferente, senhoorrrr! Deve ser esta odiosa bebida que me tampa os ouvidos e me, me... — disse Anita metendo o dedo na orelha, sacudindo como si houvesse entrado algo.

— Na verdade é muito mais insensata do que eu pensava, mocinha. Deve voltar à mansão e deitar, não está para outra coisa. Eu falarei com a sua senhora, não se preocupe. — disse o cavalheiro com visível pressa — Mas será capaz de chegar sozinha até a casa? É algo que duvido.

— Não se preocupe por mim, senhor. Poderia fazer com os olhos fechados. Mas, escute! — disse com o cérebro empapado de álcool, esquecendo por um momento quem era a pessoa com quem falava — como sabe onde vivo? É você talvez um depravado que persegue belas jovens como eu? Exijo que me diga como conhece o domicílio de minha senhora! — disse cambaleando — Eu sou humilde, senhor, mas não sou uma perdida! Eu sou uma... uma... filha da lama! — respondeu a criada golpeando o peito repetidas vezes e rompendo a chorar amargamente.

Confirmando suas piores suspeitas, Horácio conduziu Anita suspensa nos braços até uma carruagem que esperava nas portas dos fundos, colocou-a no coche e, após sussurrar umas palavras no ouvido do cocheiro e soltar umas quantas moedas em sua mão, deu ordem de partida.

Haviam passado duas horas desde que começaram a chegar os primeiros convidados e, apesar das extravagâncias de Augusto, todos concordavam que a festa estava sendo um êxito. Os convidados desfrutavam animadamente e a balada transcorria com normalidade, excetuando, com certeza, o incidente da dama egípcia. Mesmo isso podia dizer que foi esquecido com rapidez, pois a senhora havia voltado à pista de baile e não parava de dar voltas como uma consumada bailarina.

Ada e Constanza desceram as escadas quando o velho relógio mostrava dez e quarenta e cinco. Ada se deteve em um canto da escada, em frente ao grande espelho através do qual havia visto como seu pai a intercambiava por um cheque no dia de seu casamento.

— Não creia que voltarei atrás, Constanza. Abandonarei o meu esposo, aguarda a minha chegada — disse Ada, procurando nos olhos de sua amiga a confiança que faltava em suas próprias palavras. — Mas não lhe ocorra dizer nada a minha família. Não quero que saibam, me entende?

— Claro. E não duvido de você, querida — replicou Constanza. — Duvido da resistência que possa opor a essa droga que já corre em suas veias. É difícil resistir a ela, de verdade que sim. Quando um homem possui toda a paixão de uma mulher, se apodera de sua vontade e de seu juízo. Já aconteceu com as mais afortunadas, com aquelas que sofreram o tormento do amor — disse olhando-a com ternura — Meu conselho é que se deixe levar! Mesmo chegado o final, quando angústia e solidão sejam o único que fique, te juro que não se arrependerá. Se é que este é seu destino, porque é possível que a você vá tudo bem, que está a tempo de ser feliz. De todas as maneiras, o tempo — concluiu observando languidamente seu rosto no espelho — vai aclarar tudo.

Quando entraram no salão, quase todo mundo estava dando voltas ao som da valsa. Os bailarinos ocupavam já mais do espaço disponível para dançar, e o grupo de damas mais velhas que descansavam na beira dos sofás temiam que, em breve, seu ímpeto as arrolasse como uma repentina maré crescente.

Seguindo o compasso da música, Constanza foi arrastada ao baile por um velho conhecido. Era um prazer ver Constanza assim, bailando e

sorrindo. Sempre parecia o mais apropriado. Poderia dizer que havia nascido para o prazer, como as uvas nascem para ser vinho.

— Meu amor?

Ada girou imediatamente ao ouvir a voz de seu antigo dono.

Horácio inclinou a cabeça e jogou para trás a capa de arminho. A olhava com uma firmeza que raiava ao indecente, enchendo o peito de ar com se temesse que lhe faltasse.

— Devo te tirar para dançar, é o mais oportuno. Estamos no meio da pista. Se não dançamos, os outros pares nos levarão — disse aproximando até roçar com seus lábios a orelha de Ada.

Todos os outros pensamentos voaram de sua mente e se ofereceu com os braços dispostos na posição de dança.

Horácio a pegou pela cintura e puxou-a para ele, começando a dançar. A música ressoava com força, entretanto, Ada mal podia escutá-la. Escutava-a vindo de longe, muito longe do abarrotado salão que girava inexplicavelmente em torno deles enquanto eles permaneciam imóveis.

— E esse colar? Não me lembro de tê-la presenteado. É talvez um presente da senhorita Dávalos?

— Exato — mentiu Ada.

— Ummm... Creio que no começo da noite dançava com mais entusiasmo. Está cansada? — perguntou com sua voz áspera e firme.

— Não especialmente — conseguiu dizer ela.

— Não se empenhe em negar, é obvio. Antes sorria para mim continuamente e agora parece entristecida. Só posso imaginar que seja essa a razão. Que outra poderia ser? — disse em tom raivoso.

— Te surpreenderá saber que uma dama pode olhar e sorrir desse modo quando queira — respondeu Ada com veemência.

— Você quer me dizer que não tem vontade de sorrir ou me olhar como antes?

— Não. Estou tentando lhe dizer que posso fazer o que quiser — explicou provocadora.

— Não ousa negar que me ama? — disse mostrando abertamente sua contrariedade. — Que se sente atraída por mim? Pelo amor de Deus... — exclamou tratando de controlar o pânico que se apoderava dele.

— Baixe a voz, Horácio. Antes eu queria e agora não, isso é tudo. Não é meu dono.

— Claro que sim! Eu sou! Você é completamente minha! — ele estalou em seu rosto.

— Somente é meu esposo, senhor León Newman.

— A que vem me chamar assim quando estamos sozinhos? — disse se separando ligeiramente dela para estudar melhor a expressão de seu rosto — Não quero que volte a me chamar desse modo. Eu sou Horácio. *Seu* Horácio.

— De novo o jogo de máscaras? Está com ciúmes de você mesmo, de seu outro eu? Do homem que vive no porão de Rosas Negras, talvez? — soltou Ada com ousadia.

— Como diz? — perguntou intrigado, fingindo não ter escutado.

— Diga-me uma coisa, León — continuou Ada, levantando a vista para poder enfrentar seus olhos, vendo como ele franzia os lábios com ar de contrariedade. — Pretende que eu perca o juízo, igual a você, correto?

— Não sei do que está falando, desculpe-me — disse olhando os outros casais.

— Quero dizer que deverá se acostumar com minhas mudanças de humor, a encontrar com uma Ada diferente em diferentes horas do dia. Tenha em conta, querido, que no nosso matrimônio, a partir de agora, seremos quatro.

— O quê? — disse levantando a poderosa voz, parando no meio da pista para lançar um olhar envenenado a ela.

— Não seja covarde! — cuspiu ela em sua cara — Se você chegou aqui com suas mentiras, não abandone às primeiras mudanças! Vamos! Responderá as minhas perguntas, sim ou não?

Ele a observou um instante com incerteza. Quis deixá-la, mas se sentiu tentado pelo desafio e, apertando a mandíbula, assentiu com a cabeça.

— Está bem! — disse Ada, vendo como alguns casais haviam parado de dançar e os observava, com expectativa — Me acompanhe.

Saíram da casa ao jardim, misturados entre a multidão que enchia o salão de baile. Ada contornou a primeira curva e caminhou alguns passos mais perto da beira do caminho de cascalho até chegar às portas da adega, duas folhas de ferro caídas quase no nível do chão.

Começou a chover e Ada chamou os cachorros.

— Héctor! Aquiles! Vamos, dentro! — ordenou em voz alta.

Num minuto um par de galgos chegou trotando alegremente.

— Não gosto que se molhem. E os criados não se ocupam deles. Acham que querem os animais contra as pessoas. — assegurou Ada.

— E não é assim? Seja sincera.

Ada pensou um instante.

— Na verdade, sim. E se insiste em saber o que penso te direi isso: prefiro a mordida de um cachorro que as carícias de alguns seres humanos. Entra. Você está se molhando! — disse mostrando a adega.

Uma vez dentro. Ada fechou as portas, recolheu o vestido por trás dos joelhos e se sentou num degrau da escadinha que descia ao porão. Os cachorros vieram instantaneamente lhe dar lambidas na cara e nas mãos.

Uma pontada de ciúmes atravessou o peito de Horácio.

— Não teme manchar o vestido sentada aí? Ou que os cachorros te contaiem com enfermidades?

Ela observou com prazer seus cabelos molhados, os fios brilhantes que caíam sobre o rosto mascarado e derramavam gotas de chuva sobre os lábios escuros. As gotas escorregavam, percorriam o relevo de sua boca lambendo as dobras carnudas e volumosas. Ada desviou a vista e procurou se concentrar na conversa.

— A minha avó paterna, quando jovem, a chamavam “a princesa galga” — explicou Ada segurando entre as mãos a cabeça de um dos cachorros.

— Por que razão? — perguntou Horácio sacudindo a água dos ombros.

— Porque sempre ia rodeada dessa raça de cachorro e era alta, muito magra e elegante, igual a eles.

— Amava a sua avó?

— Muitíssimo. Entretanto, sei que se equivocou.

— Que se equivocou?

Ada ordenou aos cães que fossem se deitar sobre o colchonete colocado no canto da bodega.

— O que te parece esse lugar? — perguntou Ada enquanto se levantava da escadinha e caminhava até ele com gesto desafiante. — Não se lembra?

— Naturalmente que sim — ele disse, se deixando levar pelas imagens passadas, passeando seus olhos por cada canto de pedra.

Ada se aproximou dele e passou a ponta dos dedos na linha de seus lábios.

— Horácio, me preocupa muito. Está doente? — não houve resposta — Sua voz é a voz que escuto nos sonhos, a mesma voz que me lembro... É o Senhor Noite? — perguntou ela com os olhos fechados. — Claro, você não é meu doce amor do dia. Não, não é. Não.

O cavalheiro se manteve imperturbável durante uns segundos, embora essa fingida indiferença não durasse muito. Ele agarrou o pescoço de Ada na mão, acariciando ferozmente sua pele, subindo até chegar em suas bochechas. Ali apertou a carne para levar seus lábios entreabertos a sua boca, mas conseguiu se conter a tempo e não a beijou. Tomou ar com lentidão e o expulsou de um só golpe. Então, segurando-a pelos ombros, ele suavemente a puxou de seu lado.

— Eu sou... — pronunciou quase em um rosnado abafado — o único homem que haverá em sua vida. Aquele que te pertence! — Seus olhos claros tinham o brilho gélido do aço — Não compreende que desde que te conheço nunca deixei de lutar por você nem um só instante? Isso não te basta? — perguntou, abandonando de todo a postura arrogante e empregando um tom muito mais humilde.

Ele se afastou do lugar que estavam e deu uns passos pela adega. A sola de suas botas ressoava ao golpear sobre a pedra, igual que em outro tempo dez anos atrás.

Era como se o ontem não houvesse acabado.

Dois pequenos que se escondiam para se beijar. Esse havia sido o crime que haviam cometido: amar-se. Um rapaz pobre e uma jovem rica. A história mais velha do mundo.

Entretanto, três pessoas inocentes haviam pago.

A chuva golpeava com força as portas de ferro e o vento uivava como um lobo. Também chovia aquela tarde, a última que se haviam visto. Contemplou a jovem a curta distância e recordou com que desespero a havia amado quando menina. Logo se somaram à lembrança os rostos de sua mãe e sua irmã, os gritos do quarto ao qual ele não conseguiu chegar a tempo de resgatá-las.

Ada notou sua inquietude. Intuiu que se não fizesse algo para remediar rapidamente se encontraria sozinha na adega. Decidida, tirou forças da fraqueza e disse tudo de uma vez.

— Ignoro de que culpas minha família, e o que tem pensado fazer para se vingar de nós. Mas, seja o que for que fizemos, te peço, te imploro que nos perdoe e que esqueça. Compreendo que deve ter sido algo espantoso e, com certeza, é impossível que sinta compaixão por mim. Por isso, meu desejo é abandonar a mansão essa semana.

Quando Ada pronunciou essas palavras Horácio girou o rosto rapidamente em direção a ela. Franziu a testa e negou repetidas vezes com a cabeça sem ter forças para articular palavra.

— Não voltará a me ver — continuou ela — Tenha por bem feito todo o mal que me causou. Da por terminada as contas comigo e vai em paz. Pode estar satisfeito, você conseguiu me levar às raias da loucura, mas minha família não sabe nada, não tema uma possível represália.

Horácio voltou a se colocar muito perto de Ada, apenas uns centímetros de seu rosto.

— Você não poderá escapar nunca de mim — disse com voz entrecortada, mas mesmo assim profunda e ameaçadora — E não sou eu, precisamente, quem deve temer os seus, senão eles a mim. Acredite-me! Nem sequer pense em me abandonar! Onde quer que vá, te seguirei, te encontrarei e te trarei de volta. Como poderia viver sem mim? — disse atraindo-a para si para beijá-la com ardor.

Ada respondeu a essa pergunta com a urgência de seus beijos.

— Logo recuperarei a paz — disse com ela ainda em seus braços, beijando seus cabelos — voltarei a ser o mesmo de antes. Logo seremos como antes, você e eu, e todo o resto ficará esquecido. Tudo ficará apagado. Tenha paciência! — suplicou.

— Toda ação desencadeia suas próprias, suas inevitáveis consequências. Não, nada voltará a ser igual que antes, nem sequer nós. Nenhum dos dois o será jamais — explicou Ada entre lágrimas.

— Não, não. Não suporto te ver chorar. Não chore, meu amor! Não pense em nada! Somente confia em mim! — rogou Horácio secando o pranto com seus beijos.

— Me pede que confie em você com o rosto oculto detrás de uma máscara. Quem diabos é você? — perguntou Ada procurando uma resposta definitiva em seus olhos — Não entende que não posso te delatar? Diga-me! O que pretende fazer a minha família?

Horácio girou a vista e separou com delicadeza as mãos de Ada, que tentavam arrancar a máscara. Contrariada, ela se refugiou na devoção incondicional dos cães.

Uma atmosfera de amargura escureceu a luminosa beleza da jovem. Aguentaria Ada tudo o que estava por chegar? Poderia perdoá-lo algum dia? Porque ele necessitava pensar que sim e não podia fazer uma ideia contrária. Quando lhe contasse a verdade, ela compreenderia sua dor e esse seria o primeiro passo para o perdão. Sim, assim é como seria.

Ada se sentou em um banco de carvalho, de frente para a lareira. Horácio a viu esfregar os braços e colocou sua capa de arminho sobre ela, depois acendeu o fogo.

A jovem observava as táboas do banco, procurando o local exato onde, dez anos antes, haviam escrito seus nomes com a ponta de uma navalha. Mais tarde, seu pai havia riscado as duas palavras com um cinzel. Mal podia ler os nomes, mas se distinguiam ambas iniciais.

— Vem, aproxime — ordenou Ada, mostrando o que queria mostrar — Acredita que se pode viver de lembranças?

Horácio contemplou os nomes riscados durante um doloroso minuto.

— Se são muito boas, sim — respondeu ele com segurança — estou aqui para te dizer de novo as velhas palavras, Ada. Você vê, nem o tempo conseguiu lidar com isso — assegurou enquanto colocava a mão no peito.

— Amor? Amo-te? — perguntou Ada aproximando cada vez mais de seus lábios — Receio que as velhas palavras tenham perdido todo o seu poder, Horácio.

CAPITULO 15

O princípio do fim



Enquanto a multidão se divertia no salão de baile, o homem de Newman havia chegado na hora estimada e aguardava os cavalheiros na biblioteca, engolindo com voracidade um lanche que lhe haviam servido por ordem expressa do anfitrião. Krishnan era um homem de meia idade, pequeno e nervoso como uma perdiz. Tinha a pele muito escura e levava o cabelo comprido preso em um rabo negro. De seu corpo sobressaíam uma barriga proeminente e uns olhos marrons vivíssimos. Em resumo, o senhor Krishnan era tão indiano como qualquer de seus compatriotas, mas, graças aos anos que levava junto de Newman, falava um espanhol aceitável.

Eram onze e meia da noite quando os senhores Cárdenas e o senhor Newman entraram na biblioteca. Ao ver os cavalheiros, Krishnan se levantou na hora, arrancou o guardanapo do pescoço de sua camisa e limpou a boca, colocando especial cuidado na comissura dos lábios.

— Lamento ser inoportuno e interrompê-los em uma noite tão especial — disse inclinando a cabeça para cumprimentá-los — Senhor Newman, senhores Cárdenas...

— Não, não, não se preocupe, amigo indiano, tudo estava planejado — começou a explicar Augusto com um grande sorriso pintado em seu rosto — A coincidência de sua visita com a festa foi intencional. Que melhor momento para celebrar e compartilhar a felicidade com os amigos! Mas, sente-se, sentem-se todos, por favor — pediu, olhando rapidamente para os presentes.

Alfredo e Aníbal tomaram um par de cadeiras, e Augusto Cárdenas e o senhor Newman se sentaram no par de poltronas que havia em frente a escrivaninha. Um pequeno fogo faiscava alegremente na lareira.

Após um minuto entrou uma das belas moças aladas e serviu bebidas. Nenhum dos presentes duvidava da inquietude que experimentava Augusto. Movia-se na poltrona como se uma cobra venenosa houvesse entrado em sua roupa. Ele se esforçava muito em ocultar, naturalmente, mas os atos falavam

por si mesmos. E sua alteração era compreensível: não só estava em jogo a ocasião de ganhar uma fortuna inigualável, mas também existia a pequena possibilidade de perder tudo. Assim era: Tudo! Claro que esse tipo de pensamento derrotista não havia assaltado a Augusto nunca.

Entretanto, alcançado por um dardo de incerteza, abordou a Krishnan sem preâmbulos, interrompendo a conversação rotineira que mantinha com Newman sobre os pormenores da cansativa viagem.

— Estimado amigo de pele escura, devo protestar. Por acaso não reparou que meus filhos e eu aguardamos com impaciência as notícias que nos traz? — disse Augusto, dando golpezinhos com os dedos nos apoios de braços da poltrona.

— Peço perdão, senhores — se desculpou Krishnan, juntando as palmas das mãos em um gesto de oração enquanto inclinava a cabeça várias vezes para frente.

— Bem, Krishnan, fale você. Você vê como seu público está expectante— incitou Newman fazendo girar a cintilante bengala a luz do fogo. O brilho resplandecente da pedra captou a atenção de Augusto, que se removeu em seu assento vítima de um novo espasmo.

O senhor Krishnan tirou um lenço do casaco branco e limpou o suor que salpicava sua testa. Aproximou-se até o canto da biblioteca e pegou um dos seis tubos de latão que ele trouxe, junto a outras bolsas de mão. Extraiu de seu interior um rolo de papel comprido, segurou seu cordão num lugar próprio no painel de madeira da parede e o desenrolou tirando suavemente da parte de baixo.

Um grande mapa, confeccionado pela Companhia Britânica das Índias Orientais, se desdobrou diante do ávido olhar dos cavalheiros.

— Como os senhores prospectores sabem, suas minas se encontram situadas na região de Andhra Pradesh — disse Krishnan, mostrando com uma fina vara de bambu um território do centro do país — exatamente a uns onze quilômetros de Hyderabad. As concessões individuais foram conseguidas sem muita dificuldade e, como já disse em minhas cartas, os trabalhos manuais começaram dentro do tempo estabelecido — o empregado voltou a tirar o lenço e o arrastou de um lado a outro de seu pescoço sem levantar a vista do senhor Cárdenas e de seus filhos.

— Sim, sim, sim. Tudo isso já nos havia explicado a primeira vez que o vimos — recordou inquieto Augusto.

— Na Índia as pedras se encontram principalmente em terras arenosas e conglomerados antigos — continuou Krishnan com seu refinado sotaque — provavelmente silurianos, e nas massas dos rios. Geralmente, é necessário escavar extensos quilômetros de terreno e manipular uma enorme quantidade de areia, terra, pedra ou rocha para encontrar gemas de um tamanho significativo nos depósitos aluviais. É por isso que, uma vez tratadas devidamente, alcancem seu alto valor de mercado — explicou, com o rosto cada vez mais empapado em suor.

— Pai — interrompeu Alfredo em voz alta — esse homem está dando a mesma conversa do primeiro dia. Está enrolando. Algo não vai bem. Não é certo, senhor Krishnan? — perguntou com voz acelerada.

— Senhor Krishnan, explica ao meu filho que está errado, que sua maneira de falar é mais uma maneira bonita de florear a questão principal, que é, como todos já sabemos, conhecer os resultados positivos das escavações. Explique para ele! — instigou Augusto com nervosismo, enquanto a sombra negra da dúvida se projetava ameaçadora sobre ele.

— Como já disse em seu momento, os processos de extração também diferem entre si, dependendo da região em que levem a cabo as operações, mesmo que normalmente as tarefas manuais se realizem em três fases — adicionou Krishnan apoiando as mãos cuidadosamente na beirada da mesa como se temesse sujá-la — Eliminar a terra e a rocha que envolve a areia diamantífera, extrair gemas e, por último, proceder o seu lavado. Algo que representa um custo indubitável no que se refere à mão de obra e maquinaria.

— Pare! Pare, senhor! — ordenou Augusto levantando uma mão de maneira militar — Querido Newman, te rogo que detenha esta exposição ridícula dos pormenores técnicos. Já conhecemos os tais extremos! Desejamos saber imediatamente quais são os ganhos do nosso investimento. Agora!

— Você o escutou, Krishnan. Obedeça ao meu sogro — pronunciou Newman sem se alterar nem um pouco.

— Você vê, senhor Newman — disse Krishnan voltando a pegar o lenço — trago más notícias. Na verdade, trago as piores notícias.

Newman esboçou um sorriso quase imperceptível.

— Como diz? — exclamou Augusto de uma vez.

— O que eu temia! Eu te disse, pai! Eu disse que era muito arriscado! Mas você não me escutou. O senhor nunca me leva em conta! — exclamou Alfredo que, ao se colocar de pé, dava grandes passadas pela biblioteca, vociferando como um louco.

— Alfredo — respondeu Augusto em voz baixa — fique em silêncio. O senhor Krishnan nos explicará o que quis dizer com essa frase desafortunada. Estou certo de que, por ser estrangeiro, confundiu os termos de sua exposição e não...

— Eu temo que não, senhor Cárdenas, meu espanhol é suficientemente bom para não cometer equívoco como esse — assegurou Krishnan, que voltou a se colocar detrás da mesa e, pegando a vara de bambu, mostrou de novo o território que estava no centro do mapa — Toda a zona parecia ser uma fonte inesgotável de gemas. E durante muitos anos, assim foi, mas parece que as chaminés vulcânicas se esgotaram. Muitos investidores quebraram. A exploração das minas foi um fracasso. Não há diamantes nas suas minas senhor. Nem tampouco nas suas senhor Newman. É um desastre! Pode estar certo de que eu lamento mais do que sei expressar no seu idioma.

— O que vamos fazer pai? Estamos na ruína! Na mais absoluta ruína! — exclamou Alfredo desesperado, se colocando de cócoras na frente de seu pai.

Aníbal não parecia afetado pela notícia. Permanecia com as pernas cruzadas, ligeiramente inclinado na cadeira. Mas o cigarro que seguia consumindo entre seus dedos se havia convertido em cinzas.

— É uma perda absoluta? — perguntou seu pai, transpassando com o olhar o rosto de seu filho mais velho, que estava agachado na frente dele. O observando.

— Absoluta, senhor. Desse tipo de investimento, é pouco o que se possa salvar. Trago o detalhe de cada saída, de gasto anotado escrupulosamente em meus cadernos. Desejam vê-las agora? — disse Krishnan, correndo para uma maleta de couro que mal podia levantar do chão.

— Também uma grande perda para mim — disse Newman enquanto se levantava da cadeira e se aproximava da porta — Mas me ocuparei de vocês Augusto! Pode estar certo disso! — adicionou, olhando fixamente com um brilho rápido nos olhos, antes de sair da biblioteca.

— Pai? O que há? Você não me escuta? — perguntou Alfredo.

— Saiam todos daqui. Deixem-me sozinho — ordenou Augusto com a vista posta no elmo que segurava entre suas mãos.

O senhor Krishnan e Aníbal não necessitaram um segundo convite. Krishnan despendurou rapidamente o mapa do painel de madeira, o enrolou com destreza e o introduziu em um dos tubos. Logo carregou com eles debaixo do braço, recolheu também sua pesada maleta e saiu fazendo reverências no silêncio.

— Pai, o que vamos fazer?

— Fora! Você não me escutou? — gritou o senhor Cárdenas — saiam todos os anos! — uivou.

Augusto ficou sozinho.

As velas haviam se consumido até ficarem convertidas em uma desordem de cera sobre os candelabros; somente o fogo iluminava a sala. O senhor Cárdenas se levantou da poltrona em que havia permanecido todo o tempo e ficou de pé na frente da lareira.

No salão, a orquestra começava a tocar uma das valsas de Strauss. A biblioteca estava no outro extremo da casa, mas a música chegava sem parar, atravessando portas e paredes com uma fluidez sobrenatural.

Soltou os ajustes da capa e jogou o elmo ao chão.

Logo fechou os olhos e se entregou à sedução da valsa. A primeira das três partes do ritmo chegou arrebatadora, impetuosa. E, a continuação, chegou a vez dos dois passos mais fracos, o segundo dos quais voltou ao primeiro.

— Agora! Agora os casais começam a dançar. Seguram-se como num abraço! — disse para si mesmo, com os olhos fechados, movendo docemente de um lado para outro.

De costas, sua figura se recortava contra o fogo da lareira, mas, aquela sombra vacilante, aquela presença apagada, quão pouco tinha a ver com o homem que um dia se chamou Augusto Cárdenas. Era a silhueta de um homem velho, curvado e murcho como um galho seco, e apenas algumas linhas recordavam a imagem que antes lhe pertencia.

Ada estava olhando Horácio com tristeza. Ia dizer algo quando foi interrompida pelo ruído de passos nas escadas que levavam à cozinha.

A cozinheira descia com um candelabro na mão, chorando muito, tratando inutilmente de secar seus olhos com um lenço.

— Senhora Ada? Senhor Newman? Senhora, por fim! — disse correndo torpemente até chegar ao banco — Já não sabíamos onde procurá-la! A senhorita Dávalos ia a...

Ada virou de novo para buscar Horácio, mas ele já não estava. As portas de ferro haviam ficado abertas e a chuva entrava à vontade acompanhada de fortes golpes de vento.

Um relâmpago encheu de luz a adega.

A criada deu um grito de susto e logo voltou a chorar.

— O que está havendo, Laura?

— É a dona Isabel! Sua mãe, senhora!

— O que aconteceu com a minha mãe? Diga! — exclamou a jovem, se levantando como ativada por uma mola invisível.

— Ai, senhora! Não acorda! O médico acaba de chegar e está com ela, em seu quarto! — explicou a boa mulher enquanto Ada subia correndo as escadas interiores.

Constanza suspirou ao ver a jovem entrar.

— O que disse o médico, Fredi? — Ada perguntou a seu irmão assim que o viu.

Aníbal também estava no quarto, de pé junto a um espelho com moldura cravejada de conchas marinha em que refletia seu perfil de meio corpo. Fumava com ansiedade um cigarro, dando profundas tragadas.

— Ainda não saiu do quarto. Onde estava? Procuramos você pela casa toda! — disse Alfredo.

Nesse momento o doutor Mendez abriu a porta e os convidou a entrar, sobressaltado e solene.

Ada sentou na cama e pegou a mão fria de Isabel.

— Ocorreu enquanto dormia. Não sofreu. Pelo menos a morte foi justa. Ela não merecia menos. A mulher mais bela que vi, nem a morte pôde com a sua formosura — disse o médico com admiração enquanto tirava as lentes e as limpava com a ponta da gravata — Ainda é como se estivesse dormindo.

Ao escutá-lo, Alfredo começou a chorar.

Ada cravou o olhar no cabideiro. Sua mãe acabava de fazer vestidos novos e ainda os tinha ali pendurados, para poder olhar um pouco antes de dormir como ela gostava. Logo voltou os olhos ao seu corpo. Na verdade, resultava inquietante vê-la tão bonita, mesmo que nos braços da morte.

O cabelo estava recém lavado e as ondas douradas serpenteavam brilhantes por seus ombros. Sua tez clara ainda resplandecia com o mesmo tom perolado, e seus lábios desenhavam um sorriso. Quem sabe o que havia pensado aquela mente pequenina em seu precipitado final. O doutor assegurava que a morte se havia produzido enquanto dormia. Levaria em seus sonhos vestidos de primavera? Teve a última de suas fantasias um final bonito? Se deixando levar pela imaginação, Ada fechou os olhos e a viu vestida com uma de suas roupas novas, num ensolarado jardim de nardos, aspirando com frenesi o ar perfumado de seu aroma predileto. Sua mãe ria e o som de sua risada voava de um lado para outro até que finalmente foi pousar nos ouvidos de Ada.

— Estou certo de que se foi como fazem as crianças, inconscientes de sua própria morte — afirmou o doutor. — Nos últimos dias, ela nem falou mais.

— Sim — disse Constanza — Parece uma criança adormecida!

— Avisaram o nosso pai? — perguntou Ada levantando da cama.

— Faz um tempo. Mas ele não quer sair da biblioteca. Fechou-se lá e deu ordem de que ninguém o interrompa — respondeu Alfredo.

— Mas ele não vai saber sobre a mamãe! — exclamou Ada.

— Já te disse que sabe — apontou seu irmão limpando as lágrimas com um lenço — É que está nervoso. Aconteceu algo enquanto você estava sumida. Já te contarei mais tarde. Agora só devemos nos ocupar de nossa mãe.

— Quantas horas são? — perguntou Aníbal.

— São meia noite e dez — disse o doutor Méndez consultando seu relógio de bolso.

— Já verei que desculpa daremos aos convidados — disse Alfredo — Me parece um desatino anunciar a morte de nossa mãe essa noite. E pedirei desculpas em nome de nosso pai. Todo mundo deve estar perguntando o que aconteceu com seu tradicional brinde das doze. Jamais se atrasa um minuto.

Alfredo se olhou no espelho de conchas, sacudiu as solapas do fraque e ajeitou o cabelo antes de sair do quarto com ar decidido.

CAPITULO 16

O cemitério da Sacramental



Para o velório da senhora Cárdenas foi habilitado o salão dourado, que dava para o pátio de nardos, o lugar preferido de Isabel. Velas foram acesas, os jarros chineses se encheram de crisântemos brancos e o féretro com seus restos mortais foi exposto no centro do salão para que amigos e familiares pudessem se despedir dela. Os mesmos que haviam esbanjado alegria no baile à fantasia de Augusto, acudiam agora cabisbaixos e enlutados. O lúgubre desfile foi passando junto ao caixão com palavras de consolo para os parentes em luto.

Augusto levava horas fechado na biblioteca e só havia aceitado sair para se vestir e cumprir com as obrigações como o cabeça da família no luto. Inspirava lástima vê-lo sentado naquela cadeira, encurvado para frente, com os cotovelos apoiados nas pernas. Parecia um rei destronado, assimilando a adversidade. Seus filhos varões, Alfredo e Aníbal, situados de pé em ambos os lados de seu pai, também se mostravam aflitos. Ada estava em um dos sofás, entre Constanza e tia Paula. Ainda não havia derramado uma só lágrima por sua mãe, e isso a fazia se sentir ainda mais culpada.

Se houvesse estado mais presente junto a sua mãe, se houvesse colocado sua enfermidade antes da obsessão que a atormentava, talvez aquilo não houvesse acontecido, ou, pelo menos, a teria acompanhado em seu leito de morte. Como ela deve ter se sentido solitária! Não somente na última hora, mas durante toda sua vida. Sem um esposo, sem um amante, sem uns filhos que a tivessem em conta.

Ao meio dia, com um sol de meados de março brilhando através das nuvens de tempestade, Isabel era enterrada no Cemitério da Sacramental, onde jaziam os antepassados de seu esposo e dela, em dois régios panteões situados um quase em frente ao outro.

Os filhos conheciam a vontade de sua mãe. Antes de padecer da enfermidade que lhe havia roubado o juízo, ela havia deixado claro que seu desejo era descansar junto com os seus. Seu marido, por sua parte, acreditava

que isso não deixava de ser uma excentricidade a mais de sua esposa, e, se fosse por ele, haveria sido enterrada no lugar correto, no panteão dos Cárdenas, mas nesses momentos não tinha forças para se opor a nada e nem a ninguém e deixou as coisas como tal e como estavam.

Ao acabar o enterro, a grande mancha negra que formavam os acompanhantes do caixão se dissolveu em grupos de menor tamanho que salpicaram o cemitério até se estender na planície branca das tumbas.

De braços dados, Constanza e Ada se dirigiam para a saída. León Newman as seguia de perto, enquanto elas atravessavam um dos pavilhões de pórticos de colunas de mármore.

— Em um lugar como este, qualquer medo perde o sentido diante da certeza da morte. Não acha? — disse Ada.

— Não suporto cemitérios — disse Constanza, estremecendo sob as roupas — Neles me sinto como um demônio fechado em uma igreja. É uma crueldade me trazer aqui. Mas considerando os motivos, não levarei em consideração.

— Sou uma mulher covarde, infantil e egoísta, Constanza.

— Não, pequena. Por que diz isso? — perguntou sua amiga pegando a mão que Ada levava sobre seu braço.

— Porque abandonei minha mãe quando mais me necessitava, porque coloquei meu próprio desejo ante seu bem estar e porque não sou capaz de chorar como ela merecia — respondeu Ada lamentando cada palavra que saía de sua boca.

— Bem, querida, não assuma toda a responsabilidade. Com todo o meu respeito a sua mãe, salvo algumas exceções, os pais tem os filhos que merecem. Sei que é duro, mas... — Constanza olhou para Ada e se deu conta de que não era momento de lançar verdades.

— Você viu Horácio? — perguntou Ada, ajustando em sua mão uma das luvas de rede que estava usando.

— Sim, claro, vai justo detrás de nós. Não tirou os olhos de cima de você nem se separou em nenhum momento — respondeu a senhora um pouco assustada pela pergunta.

— Não, esse não, — respondeu a jovem em voz baixa.

— O que está dizendo, Ada? Você se encontra bem? Não tem bom aspecto. É melhor que saíamos daqui. Este lugar não pode fazer bem a ninguém! Não, senhor! — disse, olhando espantada a esquerda e a direita, como se temesse que os mortos fossem arrastá-la aos seus domínios.

Os sinos repicaram o toque dos defuntos.

Um sopro de vento fez voar um montão de folhas secas perto das ferramentas do jardineiro. León Newman levantou a vista e esquadrinhou receoso o final do pavilhão.

Constanza sentiu um calafrio nas vértebras, recolheu o xale que caía pelos ombros e o ajustou ao peito.

— Vamos embora! — ordenou apertando o passo.

— Mas, o que aconteceu? — disse Ada.

De forma incompreensível, um vento súbito saiu de encontro a jovem, um vento vindo de Deus sabe onde, carregado de pétalas de rosas negras, que uivava melancolicamente entre as ramas do jardim, como se também estivesse de luto e lamentasse por ela.

Enquanto Constanza tentava pegar um punhado de pétalas, Ada se descobriu, segurando o véu de rede ao chapéu. León Newman mantinha a cabeça baixa para que as mulheres não vissem seu rosto decomposto. Mas cada vez que, contra sua vontade, levantava o olhar, rogava ao céu que colocasse fim ao seu suplício.

— Mas, que diabo maravilhoso pôde fazer algo semelhante? — perguntou Constanza que, abrindo os braços, se entregou a nuvem de flores.

— É ele! — disse a jovem.

Constanza se virou para ela e a viu dura como um poste. Seus músculos estavam rígidos pela tensão. Então ficou atrás dela e, erguendo seus braços para a cruz, enfrentou-a contra aquele vento incansável que soprava além da terra.

— Se você deseja agradar sua mãe e que ela sorria do mais alto do céu, viva, Ada! Viva e não tenha medo! — ela sussurrou.

Então Ada explodiu em soluços. Newman não deixava de observá-la, mas o rosto do homem era uma máscara de dor.

Um mês depois do enterro, novos acontecimentos se sucederiam de forma imparável e com as consequências de um cataclismo.

Na mansão, os últimos preparativos da mudança enchiam as horas do dia. Alfredo e Aníbal haviam retornado ao lar paterno após a venda de sua casa e passavam o tempo correndo daqui para lá, levando a cabo todo tipo de tarefas inverossímeis por ordem de seu pai, assim como empacotando torpemente os pertences que poderiam levar.

Augusto também havia ocupado de dar aos seus criados uma despedida formal. Convocou todo o pessoal de serviço e agradeceu os anos dedicados a sua família. Até deu certas explicações sobre a sua repentina partida para o estrangeiro, alegando “estritos motivos de índole pessoal”. Augusto lamentou a perda de todos os que se foram, mas, ao ver ir embora os empregados mais antigos, aqueles que levavam na casa toda a vida e haviam servido também aos seus defuntos pais, experimentou uma nostalgia sem reservas.

No salão, os móveis estavam cobertos de lençóis brancos e já haviam recolhido e embalado os poucos utensílios que não deveria ser entregue junto com a propriedade. Os bancos exigiam o pagamento em quinze dias, mas Augusto preferia saldar a dívida o quanto antes e não prolongar sem necessidade aquela tortura.

— Pai, desejo falar um momento com o senhor — disse Alfredo.

Augusto estava sentado na sua poltrona preferida, revisando o interior das caixas onde havia empacotado suas queridas revistas.

— Umm — disse Augusto sem abandonar a tarefa que tinha nas mãos. Via-se cansado e deprimido, mesmo que tratasse de aparentar um equilíbrio que era a antítese de seu verdadeiro estado de ânimo.

— Me casei esta manhã, pai, e quando nos mudarmos para a casa que Newman vai nos emprestar até a chegada do tio Ernes, levarei a minha esposa comigo — soltou Alfredo. Estava de pé perto da porta, com o chapéu e a maleta nas mãos.

— Que loucura está me dizendo. Que você o quê? — perguntou Augusto, e sorriu, arrastando até a ponta do nariz as lentes douradas ao tempo que olhava o seu filho por cima delas.

— E na semana que vem começo a trabalhar no banco. O senhor Nabar me contratou como contador. O salário não é grande coisa, mas será o suficiente para manter a todos — explicou.

Alfredo estava diferente, parecia outro homem. Levava o cabelo bem penteado, mas sem pomada, e um traje xadrez de um tecido normal. Tinha um aspecto simples, nada a ver com o tipo convencido que era antes. Até o perfume que usava exalava moderação fragrante. Ele parecia um homem perseguindo uma meta, e seu olhar brilhava iluminado por um reflexo de confiança. O antigo Alfredo, apesar de seus anos, haveria temido a reação de seu pai, mas, nos últimos dias, as coisas haviam mudado. Sentia debilitar o poder nocivo de seu progenitor, ao mesmo tempo que a segurança em si aumentava a cada minuto. Cada passo que dava, as decisões que tomava livremente o distanciaram de seu pai. Este homem, que havia proposto passar de jovem a velho sem atravessar a maturidade, sem manchar sequer as pontas dos pés com o lodo da vida.

O novo Alfredo desejava enfrentar a vida com honestidade, com valor. Dois atributos banidos a propósito da ideologia que seu pai lhes havia gravado a fogo na memória.

Augusto ficou atordoado: seu filho falava a sério.

Jamais havia visto Alfredo expressar com tanta convicção e firmeza, e nunca antes havia tomado uma decisão tão importante sem consultá-lo com antecedência.

O que se pode dizer quando tudo está perdido? O mundo que Augusto conhecia, o que havia amado, se desmoronava ante seus olhos como um castelo de cartas ante o menor sopro do vento. Augusto pensou nisso durante um minuto enquanto baixava a cabeça e pegava outro exemplar de *O Cavaleiro Irresistível*, que apertou entre seus braços como se fosse a única alça para segurar no meio de um furacão.

— Quando chegará a tia Paula? — perguntou Alfredo.

— A irmã de sua mãe decidiu colocar sua vida inútil nas mãos de Deus. Entrou no Convento das Ursulinas. Da mansão somente pudemos tirar uma miséria. Era uma antiguidade meio arruinada. Eu sempre dizia a sua mãe — disse Augusto, sentando de novo na poltrona, deixando sua mente vagar pelas páginas da revista.

Alfredo foi embora, não sem antes garantir que lhe traria o último número de *O Cavaleiro Irresistível*. Abriu a revista e começou a ler um interessante artigo sobre as últimas tendências em moda de banho.

Passou um bom tempo entretido com a notícia e, sem que percebesse, chegou a hora de jantar. Então tirou as lentes e as deixou, junto com sua revista, sobre a mesinha de tampo romboidal e, como todas as noites antes que caísse gravemente enferma, se dirigiu a sua esposa para fazer a pergunta de sempre.

— Jantamos, Isabel? — disse, e imediatamente estremeceu em descrença, surpreso que a memória houvesse pregado uma peça nele.

Virou-se e viu o pequeno sofá vazio. O lugar exato onde costumava se sentar sua esposa estava ligeiramente afundado pelo uso. A visão daquele buraco nos almofadões o horrorizou.

Apoiou as mãos nos braços da poltrona e, sem fazer esforço, se jogou para frente. Uma vez de pé, levantou a vista até o retrato de sua esposa pendurado na parede da lareira. Era uma pintura encomendada por ele a um jovem pintor que morava na rua, lembrou. Isso tinha sido quando ela era recém-casada. Estava tão jovem e bela! Agora se alegrava de não haver retirado aquele quadro que tantas vezes quis mudar por outro em que aparecera transformada já em uma dama elegante.

Se pudesse voltar atrás não mudaria nada dela, pensou.

Permitiria que luzisse sua beleza natural, com os cabelos louros enredados em cachos sem pentear, a pele bronzeada de estar muito tempo no jardim e a manicure descuidada de uma menina. Igual como a conheceu.

Passava a ponta dos dedos sobre os lábios vermelhos, o artista havia deixado para sempre brilhantes como sementes de romã, quando o som de uma voz suave o sobressaltou.

— Augusto, vim caso precise de mim. Não se assuste. Tomei precauções, ninguém sabe que estou aqui.

Então, o senhor Cárdenas se virou e encontrou a figura de Constanza, envolta na penumbra.

Ela se aproximou um pouco, embora permanecesse atrás dele.

Augusto voltou a vista de novo ao quadro.

— Quanto tempo leva aqui? — perguntou o senhor Cárdenas.

— O suficiente para comprovar que tem um coração que bate como o de todos — disse ela.

Augusto percorria o salão com passos curtos, contemplando os velhos móveis de mogno cobertos com lençóis. Muitos deles haviam pertencido aos seus pais, alguns aos seus avós. Que triste ver as coisas que o acompanharam durante tantos anos envoltos naquelas mortalhas brancas. Como a pobre Isabel. Parecia que tudo o que um dia havia possuído rapidamente se voltava contra ele, deixando-o em apuros. Primeiro sua filha, logo sua esposa, agora a perda da sua casa, de seus criados, do maravilhoso mundo que havia tido a sorte de viver, de tudo que era seu e o amava. Sim, tudo foi perda... perda... Ele a via em todos os lugares que olhava, cercando-o, estreitando seu círculo mais e mais.

Aproximou-se do pequeno sofá e acariciou o tecido de damasco vermelho. Sem querer tropeçou com um cesto de vime no chão abaixo. Agachou-se para pegar e o contemplou comovido uns instantes. Lembrou-se de como Isabel gostava de colecionar aqueles frascos de perfume, conferir e acariciar com suas pequenas mãos a todo o momento.

— Então... é assim que parece? — disse apertando os olhos e fechando o punho contra a testa.

— Sim — sussurrou Constanza, com um sim comprido e profundo que parecia sair do mais fundo de sua alma.

— Isso foi o que você sentiu quando te abandonei?

— Éramos jovens, Augusto. Mas sim, acredito que sim — respondeu Constanza quase sem fôlego — Poderíamos dizer que foi tudo o contrário da felicidade extrema.

— O que aconteceu com a criança? — perguntou Augusto num fio de voz.

Constanza tomou ar e soltou devagar antes de responder.

— Nunca chegou a nascer. Morreu em meu ventre.

— Lamento tanto! — gemeu Augusto, enquanto voltava a rosto para ela — Mas deve compreender que eu tinha um medo atroz, Coni — disse olhando-a dos pés à cabeça horrorizado.

— Tinha medo de mim ou de você, Augus?

— De você, de você e de tudo o que você representava: amor, correntes, correntes de grandes elos que me arrastariam ao fundo de um poço em que me afogaria sem remédio — exclamou angustiado.

Por um momento, Constanza acreditou que se asfixiaria.

— Passou muito tempo, Augusto. Não deveria pensar agora naquilo — disse Constanza, limpando as lágrimas com o dorso da mão, procurando suavizar a conversa.

Augusto Cárdenas esteve quase a ponto de chorar, mas, quando sentiu que as lágrimas iam transbordar, elevou os olhos ao teto durante uns segundos e imediatamente as águas voltaram ao seu leito.

— Por que está aqui? — perguntou ele surpreso, como se acabasse de perceber a sua presença.

— Porque você precisa de mim.

— Eu não preciso de ninguém — disse recuperando parte de seu tom enquanto avançava até Constanza com passos suaves de felino.

— Talvez ainda não, porque ainda não te faltam forças. Mas quando elas também te abandonarem, eu estarei aqui para cuidar de você. Eu nunca estive longe de você, não muito longe.

— O que você sabe, mulher, do que um homem como eu necessita? O que você deseja é me seduzir, me levar para teu leito e me acorrentar nele até me converter em um menino que possa açoitá-lo quando queira. Isto é o que desejam todas! Mas não. Não há mulher para dominar Augusto Cárdenas não há fêmea que o domine. Fui imune tanto aos encantos das prostitutas

como a doçura de uma amante esposa. Lidei com vocês como eu quis. A todas ensinei a classe de homem que eu era — disse Augusto batendo no peito, à beira de um ataque de ira.

— Eu me pergunto, não, melhor dizendo, tenho certeza de quem te ensinou essa lição. Que grande erro seu! Ela foi a responsável por seu infortúnio. Por consentir e encorajar tudo que nenhuma outra mulher no mundo consentiria, por fazer de você um monstro que ninguém desejaria tirar dela, por fazer você acreditar que ninguém seria capaz de amar você, como ela. Foi assim que ela conseguiu evitar que você fosse arrancado de seus braços. E você me fala de correntes!

— Ela? Como se atreve sequer a nominá-la? Pobre perdida! Não é digna nem de beijar a terra que “ELA” pisou! — falou brandindo o indicador — Você, uma terra seca! Esta ainda é sua casa! Tenha isso em mente! A inicial de seu nome ainda está gravada na prata, bordada nos lençóis de linho da minha cama. Você acha que, como os anos se passaram, minha esposa morreu e ela não está comigo, poderá conseguir agora o que queria de mim então? Triste mulher acabada! Desaparece de minha vista! — disse acossando-a, quase se lançando sobre Constanza e forçando-a a sair da sala — Fora, fora daqui!

— Está bem, Augusto. Acalme-se, descanse. Você vai se sentir melhor amanhã — ela suplicou, tentando tranquilizá-lo.

— Vai! Vai! Harpia! — gritou Augusto, segurando a cabeça entre as mãos.

CAPITULO 17

Uma armadilha mortal



Valentin conhecia o rumo que irremediavelmente tomariam os acontecimentos. E não desejava isso para os seus garotos, principalmente para Horácio, o que mais perderia no esforço. Muito menos desejava ver Ada infeliz. Entretanto, sabia que era necessário saldar as contas para começar de novo, para não se deixar vencer pelo rancor. Embora Valentin soubesse muito bem que a satisfação que Horácio procurava seria o começo da sede de mal que perseguiria Ada de agora em diante. O coração se alimentava na mesma medida de rancor e de amor, mas se ambos iniciassem um combate pela sobrevivência, ganharia o rival mais cruel. E isso não seria amor. Tudo isso pensava o velho. E, ainda mais, até quando ela o amaria se ele se tornasse o assassino dos seus? Apesar dos motivos de Horácio, Ada jamais conseguiria perdoá-lo. Tristeza e dor uniriam forças para arrebatá-la toda a ternura restante.

Valentin estava no subterrâneo, escovando uma jaqueta negra enquanto pensava sobre essas coisas. Desejava falar de novo com Horácio, fazê-lo ver a razão e pedir que fosse com sua esposa para longe de Madrid, sem olhar para trás. Mas isso significava pedir que se esquecesse de sua mãe e de sua irmã, e só Valentin sabia o quanto ele ainda sentia falta delas.

Sabia muito bem como se dedicava a elas, sendo somente um garoto, trabalhando de sol a sol para que não lhes faltasse nada, pois, desgraçadamente, seu pai só ficou rico depois que elas morreram e, em vida, o dinheiro que enviava do estrangeiro era escasso. Sua dor o havia convertido em um homem sem emoções. E por muito que Ada suplicasse seu perdão para os seus, por muito que lhe doesse na alma, Horácio não perdoaria. Seu ódio estava acima da compaixão, e havia jurado que os Cárdenas pagariam caro por todo o sangue derramado.

O mesmo Valentin também tinha poderosas razões para desejar a desgraça dessa família, mas não queria que seus garotos pagassem o preço da vingança. Somente poderia rezar e pedir ao céu que perdoasse a todos.

— Em que está pensando Valentin? — perguntou Horácio dando a volta para enfiar seus braços na jaqueta que o velho oferecia.

— Nada filho, nada.

— Esse “nada” vai explodir se você não soltá-lo. Vamos, diga-me o que passa!

— Quanto tempo faz que você não vê a sua esposa, filho?

Horácio estava preocupado e a última coisa que desejava falar era desse tema, mas mesmo assim respondeu ao velho, olhando-o no espelho de corpo inteiro à sua frente.

— Faz mais de um mês. Entretanto, essa noite, Ada regressará.

— Regressará? Como? A que lugar? Para todos os efeitos essa mansão está à venda, a placa pendurada em cima da cerca e não creio que ela tenha a menor ideia do lugar que você se esconde. Que vive debaixo da terra, em um inferno particular criado a sua medida — disse o velho olhando ao seu redor — sem merecer. Não, Ada não tem um lugar para onde regressar, garoto.

— Ela conhece esse lugar. Ela descobriu por si só. É uma mulher inteligente. Por esse motivo fugiu daqui e se refugiou na casa da senhorita Dávalos. Por isso, e porque pressente o que está por vir. Mas, agora que tudo chega ao seu fim, eu farei que retorne para mim — concluiu, fingindo uma segurança que não sentia.

— Que retorne para você? E quem é você, rapaz? Permita-me que fale com você como um pai. Eu também perdi naquele incêndio o que mais amava, o único que tinha, você bem sabe — disse tremendo enquanto se lembrava — e, apesar de tudo, devemos olhar adiante, não cair na armadilha da vingança. Olhe-se bem — disse apontando para sua figura no espelho enquanto o observava por trás, inclinando-se sobre o ombro — Consumido pelo ressentimento, permitiu que o ódio crescesse no seu interior e se alimentasse até se apoderar de você por completo. Você? Quem é, senão a sombra do que foi — exclamou Valentin em um estalo de sinceridade.

— Eu não sou nada. Uma sombra, sim, amigo. Não pretendo negar. Suponho que sou o resultado de um sombrio azar. Tem razão — assegurou se olhando no espelho. — Estou sempre vestido de luto. Este disfarce se converteu em uma pesada pele, talvez na armadura com a qual hei de morrer

— disse ajustando a jaqueta. — Mas eu tive uma família, Valentin, igual a você. Eu tinha uma namorada que amava. Eu fui um homem como outro qualquer. Era jovem e ingênuo; amante, amado e... estúpido. Mas o que importa isso agora. Satisfação, isso, isso é tudo o que quero. Em que ou em quem me converti não tem importância. A quem interessa a espada que executa o assassino?

Em silêncio, o velho acabou de ajudá-lo a se vestir.

Horácio matou tudo o que faz do animal um homem e não sobrou nenhuma parte que corresse o risco de estragar. Despojado de seus afetos, ferido em seu orgulho, condenado a sofrer de antemão as consequências de sua própria e pessoal penitência. E tudo dizia a Valentin que era inútil suscitar nele uma compaixão que se havia evaporado como o cheiro de um perfume aberto.

— Lamento te fazer essa pergunta, filho, mas fugir do tema não melhorará as coisas. Você já pensou que ela pode não escolher você, mas ele?

Desde a morte de sua esposa, o tempo transcorria para Augusto com insuportável, com desesperada lentidão. A ajuda de seu irmão era a única solução aceitável entre as poucas que ficavam. Mas Ernes não voltaria a Madrid até a próxima primavera e na sua precária situação o mais prudente, a única coisa que poderia fazer, era aceitar a caridade do senhor Newman. Estava seguro de que seu genro aproveitaria sua posição de força para lhe ofender e humilhar de todas as formas imagináveis, e confiava nisso porque tinha a intuição de que ele, no seu lugar, faria o mesmo. Entretanto, não era seu estilo reconhecer um comportamento tão mesquinho como próprio. Não, simplesmente, o senhor Cárdenas mantinha suas pequenas contradições sob controle, nunca permitindo que cruzassem a frágil barreira do instinto. Tinha pressentimentos que, como tais, pertenciam mais ao mundo da percepção extra-sensorial que ao universo da razão. Assim, sua postura era irrepreensível. Augusto se valia de seus dons, mas não se responsabilizava por eles. Seu pensamento jamais havia caído nas espessas redes da culpa porque havia sido educado para dar por certo a bondade de seu coração.

Ao escutar o ruído familiar da porta se fechando às suas costas, não girou a cabeça para contemplar pela última vez a casa de seus antepassados,

mas Augusto soube que, dali em diante e até o fim de seus dias, haveria de levar em seus ombros o peso daqueles muros.

O cocheiro de Newman conduziu a família Cárdenas diretamente até um domicílio temporário, a última casa da rua, no bairro mais humilde da cidade. Um lugar que Augusto considerava como “seu descenso aos infernos da degeneração humana”. Apesar de sua agitação, fez o firme propósito de não ser vencido pela fatalidade, e acreditou haver conseguido. Durante todo o trajeto observou um rigoroso, um estoico silêncio, inclusive quando, chegado ao seu destino, o moço entregou as chaves daquilo que Newman se empenhou em chamar de “um confortável alojamento”.

— Não, não podem entrar aí — disse Aníbal quando seu irmão abriu o portão de madeira simples e a penumbra do interior da casa estava na frente deles.

Augusto e Alfredo se voltaram para ele. Aníbal estava petrificado aos pés da escada que dava para a pequena varanda da casa.

— Compreendo sua reação, meu filho — disse Augusto esfregando as mãos enluvadas, dando exemplo de serenidade. — Mas devemos ser pacientes. Seu tio Ernes retornará em um par de meses e tudo isso nos parecerá um sonho ruim, nada mais. Agora vamos para dentro. Faz frio e, embora não pense que algum conhecido frequente esses arredores, nunca se sabe. É conveniente atuar com prudência.

— Te digo, pai, que não podemos entrar aí! — gritou Aníbal com os olhos cheios de espanto.

— Seu irmão está mais afetado do que parece, Fredi. Quem diria! Obrigue-o a entrar nessa imunda choça — ordenou Augusto, olhando para ambos os lados da rua, assegurando-se que estavam sozinhos.

Alfredo desceu as escadas e rodeou seu irmão com o braço enquanto tratava de arrastá-lo para o interior, sussurrando em seu ouvido palavras de calma. O horror desfigurava o semblante de Aníbal, que cravava a vista na escuridão como se ali se escondesse um inimigo. Finalmente, os três entraram e o moço que acompanhava o cocheiro, depois de acender um par de candeeiros, fechou a porta desejando boa noite.

A sala da casa era tão pobre como seus muros e chegava a ela diretamente desde a porta principal. Não havia um vestíbulo nem nada que se parecesse. Apenas uns poucos móveis de pinho, ornamentados com vulgares paninhos de linho, cortinas de renda baratas nas janelas e, debaixo da única mesa que havia no centro da sala, um tapete de rafia.

— Nos próximos dias irão trazer nossas coisas. Por enquanto, vamos nos arranjar como podemos — disse Augusto passando o dedo pela mesa para comprovar se pelo menos estava limpa.

— Parece que tudo está muito asseado, pai. Estaremos bem aqui — disse Alfredo tentando tirar o ânimo da fraqueza — Amanhã Maria virá. Ela também nos ajudará a acomodar.

Seu pai o olhou de cima abaixo como se estivesse vendo um completo desconhecido.

— Isto é uma armadilha para ratos — exclamou Aníbal, a quem a agitação não o impedia de inspecionar todos e cada um dos cantos.

— Oh! Por favor, meu filho, te rogo que não comece de novo com essa conversa. Você acha que não é difícil o suficiente para todos nós? — disse seu pai retirando uma das cadeiras que havia perto da mesa e se deixando cair nela.

— Sim, Aníbal. Moderação! Domina esses nervos! — ordenou seu irmão enquanto se sentava em outra cadeira, perto de seu pai.

Aníbal se aproximou da escada estreita que levava aos quartos, olhou para cima durante um par de segundos e logo abriu a porta da cozinha.

— Estamos em sua casa. Na casa que se incendiou. A casa de Horácio Mara — disse Aníbal da porta da cozinha. Seguia olhando tudo como um gato, como se somente ele fosse testemunha dos fantasmas que passeavam entre eles.

— De quem você disse a casa? — perguntou Augusto ao seu filho Alfredo.

— Aníbal, sobe e deita! Está muito cansado e não diz mais que bobagens! — insistiu seu irmão levantando o tom de voz.

— Não! Sobe e se deite você irmão! — respondeu Aníbal caminhando com passos firmes até a mesa onde estavam seu pai e Alfredo. — Descansa você! Amanhã chegará a sua puta e você terá que estar em forma para satisfazê-la! — rugiu.

Alfredo ia se levantar da cadeira para responder com os punhos, quando Augusto chamou a atenção deles dando fortes golpes com a bengala na mesa.

— Bonito espetáculo! Dois Cárdenas se enfrentando como vulgares filhos da lama! — cuspiu Augusto.

— Deixe seus preconceitos de classe para ocasiões mais frívolas — instou Aníbal arrancando a bengala das mãos de seu pai, inclinando sobre ele de um modo ameaçador. — Devemos sair imediatamente desse lugar! Eu repito, essa casa é a casa de Horácio Mara. Não me diga que se esqueceu de seu nome? — perguntou enviando a bengala de Augusto ao outro extremo da sala.

— Horácio? Horácio Mara? Aquele insignificante pelo qual sua irmã se apaixonou? O que vem a ser isso agora?

Alfredo tinha a vista cravada na toalha de linho para não pular sobre Aníbal.

— Aníbal, do que você está falando?

— Não entendo como conseguiu sobreviver à noite em que... como pôde escapar do inferno de chamas — disse olhando ao seu redor. — Horácio Mara é León Newman. Sim, agora tenho certeza de que os dois são a mesma pessoa. Jamais vimos sua cara, mas só ele poderia tramcar um plano semelhante. Regressou, e levantou de novo essa casa com o único fim de nos queimar vivos nela. Exatamente do jeito que morreu sua família. Lembram as notícias do sucedido?

Alfredo e Augusto se olhavam sem entender todo aquele repentino ataque de loucura.

— Oh, vamos, pai! — disse Aníbal sorrindo de uma maneira estranha — Não se faça de desentendido comigo! Lembre-se do que teve que ser feito!

Ao escutar aquilo, o olhar perdido de Augusto voltou a pousar em seu filho, desta vez com expressão de incredulidade.

— O que teve que ser feito?

— Já sabe a que me refiro. Pai, não me venha com a sua dupla moral, com sua falsa consciência! A mim! — gritou golpeando o peito com violência — O único membro desta família com suficiente coragem para fazer. Eu levo o seu mesmo sangue, herdei todos os seus talentos, só que eu tenho a coragem de levar a cabo minhas decisões. O senhor é somente um velho covarde! Mas não tema. Fiz algo pelo que deveria se sentir orgulhoso — adicionou Aníbal, salpicando saliva no rosto desolado de seu pai.

— Não, não. Juro-te que não sei a que se refere — respondeu Augusto cada vez mais intimidado pela expressão de seu filho.

O sorriso de Aníbal foi como uma careta antes de responder.

— O senhor disse há dez anos: “O céu deveria interceder, deveria livrar a nossa família das garras desse idiota inoportuno” — disse olhando com olhos fora de órbita. — Bem, o céu escutou, pai, e me enviou para executar suas ordens.

— Não entendo uma palavra, meu filho — balbuciou.

— Cumprindo seus desejos, eu incendiei essa mesma casa, há dez anos — disse Aníbal com voz trêmula.

Alfredo e Augusto o observavam de um horizonte distante. Eles mal reconheceram suas feições.

— O que você diz, garoto? Eu nunca quis dizer que você tinha que...

— Aníbal — interveio Alfredo procurando tranquilizá-lo — você ficou louco?

Aníbal nem sequer o olhou.

— Está bem, está bem — disse com resignação. — Se vocês desejam morrer essa noite, que seja. Eu não suportarei um segundo mais nesse buraco. Adeus! — E dizendo isso se aproximou da entrada e girou a maçaneta da porta.

Aníbal fez várias tentativas, mas a porta não se abriu.

Então arremeteu contra ela com todo o peso de seu corpo, insistiu não uma, senão várias vezes, mas a única coisa que conseguiu foi machucar seu ombro.

Proferindo juras e maldições, correu até a janela mais próxima e tentou abrir jogando contra ela uma das cadeiras de pinho. Os vidros se romperam em pedacinhos, mas a veneziana havia sido trancada por fora.

Como supôs, haviam caído em uma armadilha mortal.

— Aqui tem! O glorioso final dos Cárdenas! — exclamou Aníbal fora de si enquanto confirmava que as outras janelas da sala também estavam trancadas.

— E no andar de cima? — perguntou Alfredo se colocando de pé.

— Temo, irmãozinho, que qualquer de nossas tentativas será em vão. O caçador conseguiu o seu propósito — sentenciou Aníbal. — Os três morreremos aqui hoje.

Augusto nem sequer se havia levantado do assento e parecia absorto na contemplação do único quadro pendurado na parede. Poderia dizer que a pintura havia capturado sua atenção de um modo estranho, pois tinha a cara empapada de suor e o olhar alienadamente perdido. Parecia o desenho de uma simples teia de aranha, mas os olhos febris de Augusto contemplavam uma bizarra realidade. Em sua mente torturada, as linhas traçadas como finos fios de inseto se colocaram em movimento e começaram a girar e girar como um vórtice, em círculos cada vez menores, igual a água que se perde pelo desague, arrastando os três pelo sumidouro abaixo.

CAPITULO 18

Banho de sangue



Constanza estava há vários dias fechada em seus aposentos, e Ada começava a ficar seriamente preocupada por ela. Sabia que Daniel Mendonza não voltou a vê-la desde sua viagem a Santander, embora suspeitasse que um mal muito maior estivesse consumindo a sua amiga. Constanza mal comia, e passava a maior parte do tempo encostada no divã de seu dormitório bebendo e fumando seus compridos cigarros dourados.

Caía a tarde quando Constanza mandou chamar Ada. Com muita frequência preferia ficar sozinha e rejeitava até sua companhia. Por isso, Ada ficou esperançosa quando a criada foi buscá-la no jardim de inverno com o recado.

Nem bem entrou no quarto de sua amiga, a encontrou, como já imaginava, deitada no divã do quarto de bonecas, a pequena saleta que dava passo ao seu dormitório.

Tempos atrás a senhorita Dávalos havia feito uma completa coleção, e o salãozinho tinha aquele ar de inocência antiquada que as bonecas dão aos quartos de uma mulher madura. Ela não somente sequestrou todas aquelas que a adulta Ada havia abandonado tão cruelmente, mas também tinha exemplares próprios, adquiridas nas maiores firmas francesas e alemãs, com o único fim de agradá-la. Naqueles dias, seu insaciável apetite foi além do razoável. Nas paredes pintadas de azul, havia estantes do chão ao teto, não havendo mais espaço livre salvo os vãos da porta de entrada e a que dava para o quarto. E cada prateleira de cada estante estava abarrotada de bonecas e bonecos de fina porcelana, envoltos em preciosas roupinhas, com seus corpinhos articulados, seus olhinhos de vidro, suas bochechas rosadas e suas boquinhas com dentes e tudo. Além disso, havia outros brinquedos que luziam com desordem infantil por todo o cômodo, como casas em miniatura, cavaleiros balancim ou diferentes modelos de berços e carrinhos de passeio ocupados por belezas doces e expressivas.

Constanza havia passado muito tempo feliz com suas bonecas. Adorava vesti-las com pequenas roupas que ela mesma confeccionava — o que mais gostava eram seus babados engomados — depois de lavar cuidadosamente com um sabão cheiroso, pentear e colocar laços de cetim em seus cabelos naturais. Mas as bonecas já não eram tratadas com o cuidado de antes, e a pátina do tempo havia coberto as figuras com um véu de poeira que lhes dava uma aparência mais macabra. Ada sentia arrepios só de vê-las.

— Me alegro que tenha ânimo de conversar comigo — disse Ada com um sorriso nos lábios, correndo até o divã e beijando Constanza carinhosamente — O que você tem? O que acontece com você, minha amiga? Permita-me chamar o doutor!

— O doutor? Não, não será necessário. A não ser que venha te ver. Parece doente.

Nesse preciso momento, Ada não pôde suportar uma nova ânsia de vômito e correu até o quarto de banho tampando a boca com um lenço.

— Querida menina! Que maravilhosa notícia! — disse rompendo a chorar mansamente quando Ada regressou à salinha, mais pálida que um lençol. — Não se preocupe por sua velha e avariada Constanza, apenas presta atenção ao bebê. Escuta o que vou te dizer e confia em meu conselho. Corre. Corre aos braços de seu esposo! Não perca um instante mais — exclamou a senhorita Dávalos com a voz apagada e débil. — Sabe algo mais de sua família? — perguntou fechando os olhos ainda cheios de lágrimas.

— Acho que um desses dias abandonarão a mansão. Entendi que meu esposo emprestará um lugar para eles até que o tio Ernes regresse, na primavera. Como vou voltar com ele, depois do que ele fez? — perguntou a jovem cabisbaixa — Mas, por que estamos falando de mim? Agora deve pensar somente em você, em se recuperar — afirmou Ada tratando de aquecer a mão gelada de Constanza entre as suas.

— Toda essa história deve ter um motivo, algo que você e eu desconhecemos; lembre minhas palavras. Entretanto, o que ocorreu tem que haver ferido o orgulho de seu pai mais além do imaginável — disse Constanza voltando a vista para a janela — Vamos, seja uma boa garota e traga a caixa de joias de casca de tartaruga que está sobre o toucador — disse mudando bruscamente de tema.

Ada se levantou do divã e regressou com o precioso porta-joias.

— Sempre nos resulta estranho que certos objetos do passado não se deteriorem, não envelheçam como nós. Principalmente aquelas coisas que estão pela casa, que nos acompanham desde pequeninos e que tem uma história familiar mil vezes contada e mil vezes escutada com grande prazer. Qualquer insignificância, uma caixa de música, por exemplo, escondida durante dez anos, pode parecer como no primeiro dia, com seu nácar ainda branco e reluzente. Diríamos que, com ela, aquela recordação que invoca ficou a salvo do tempo, e é tentador se perguntar, então, se certos sentimentos suportaram o peso dos anos, como se nada, somente por estarem bem guardados no nosso peito. Quero que você as tenha, querida. Além de tudo que possuo. Já está tudo arrumado — aclarou Constanza colocando sua mão sobre a caixa de joias que Ada tinha no colo.

— De que você está falando? Não quero nada. Estas joias são suas, e necessitará delas quando estiver recuperada e volte a... — Ada se interrompeu antes de chegar a se emocionar na frente dela.

— E agora vá, querida. Deixe-me sozinha — disse Constanza fechando os olhos de novo — mas, antes de sair, faz o favor de fechar as cortinas do dormitório. Até a luz do crepúsculo já é muito forte para mim. Estou cansada, e necessito um banho de escuridão.

Sim... a noite sempre foi uma amiga minha — sussurrou se acomodando no divã enquanto Ada fechava a porta às suas costas.

Várias horas se passaram e já era noite quando León desceu as escadas da casa de Constanza, levando sua esposa adormecida em seus braços.

Ada não se sobressaltou ao se ver em seus braços, nem sequer a surpreendeu que ele houvesse ido buscá-la. Recordou as palavras de sua amiga e não opôs a menor resistência. E mais, na realidade o esperava e desejava como nunca estar de novo junto dele. Seu esposo a levou no colo até a carruagem, ela se aconchegou em seu peito e escutou como dava a ordem de partida ao cocheiro.

Da janela do quarto, Constanza viu Ada sair nos braços de seu marido e celebrou a felicidade da jovem amiga. Depois ordenou à criada que lhe preparasse um banho de água para queimar. Essas foram as suas palavras.

No quarto de banho, a banheira de porcelana que havia pertencido a sua mãe trouxe à memória sua doce lembrança. Acreditou estar vendo-a de novo, com seu cabelo avermelhado preso no alto da cabeça para que não se molhasse, nua entre nuvens de espuma e cheiro de sabão. Era tão bonita, tão alegre. Constanza não havia herdado sua alegria, nem um pouco. E não é que a pobre mulher não tivesse motivos para se entristecer, ao contrário, apenas era obstinadamente propensa ao mais feroz otimismo. Entretanto, Constanza não tinha um temperamento desses que fazem ver um copo meio cheio, pois seu caráter sempre se atraía pelo polo negativo das coisas.

Em poucos minutos, a água quente produziu um efeito balsâmico sobre seus nervos e, sem que tremesse o pulso, Constanza levou a cabo seu plano com eficácia. Por fim escreveria uma página do livro de sua vida que tivesse algum sentido, mesmo que o fizesse com tinta vermelha.

Enquanto ela soltava suas amarras, o mundo que ela conhecia ficava cada vez menor diante de seus olhos, ao mesmo tempo em que a água da banheira tingia-se de vermelho. Então, sem compreender muito bem como, começou a sentir um peso entre os braços, um peso terno e suave, como o macio corpinho de um bebê. Constanza não pensou que sua mente delirava ou aquela sensação fosse produto da debilidade que se apoderava dela. Por isso desceu o olhar ao pequeno rosto que pressionava delicadamente seu peito, e uns olhos idênticos aos do homem que tanto havia amado se abriram para olhá-la com infinita ternura.

Que inigualável experiência a de ser mãe e sentir todo o poder e a compaixão de um autêntico criador, a magia do verdadeiro artista. A vida tinha negado a ela tal privilégio, mas agora, no último instante, a morte se mostrava mais compassiva que a vida, soltando a suavidade de suas negras asas debaixo dela, procurando uma viagem feliz. Já o cansaço a rodeava e seus olhos começavam a fechar, mas ela lutava, esforçando por se manter acordada para seguir contemplando o seu bebê.

Não podia mais.

Agora a água havia se transformado em cor escarlate e o sono chegava docemente. Dormir, dormir ao final com seu filho, recuperá-lo para não voltar a perdê-lo nunca. Devia se abandonar àquele sonho que lhe fazia promessas tão lindas. Sim, o reencontro com seu filho podia se considerar o mais feliz de todos os finais possíveis.

E assim Constanza adormeceu enquanto sussurrava o nome que havia dado ao ser perdido em seu ventre há tantos anos atrás: “Augusto! Meu pequeno Augusto!”, repetiu sem forças.

Nenhum dos dois havia dito uma palavra durante o trajeto de regresso para casa, nenhum queria romper aquele silêncio que os unira de novo milagrosamente. Ao chegar a Rosas Negras sentiram a chicotada do vento gélido que procedia do desfiladeiro e que descia se aproximando ameaçadoramente, como um escuro presságio do que ainda estava por chegar. León Newman arrancou o cartaz de *Vende-se* e carregou Ada de novo nos braços ao cruzar a porta.

Subiu as escadas carregando-a e, uma vez em seu quarto, deitou-a no leito e se deitou ao seu lado, tomando o rosto de Ada suavemente entre as mãos.

— Não permitirei que ninguém te machuque, nem mesmo eu. Tudo está arrumado. Não tema, está comigo! — disse Newman a olhando com ferocidade — Eu cuidarei de você, Ada. Eu cuidarei de você.

Que importância tinha tudo que não fosse Ada. Que importava o que houvesse mais além dos sentidos que chamavam somente ela, mais além dos lençóis da cama. Que importava nada que não fosse olhar para ela e beijá-la durante horas. Ele havia feito o juramento sagrado de amá-la, definitivamente, com toda a alma, e isso significava aceitar todo o amor ou o desamor que viria só de Ada.

Chegado o momento, ela teria que fazer a sua escolha. Ele sabia, e sabia que devia aceitar fosse qual fosse; até o rechaço parecia admissível se viesse dela. Isso era o que ditava o pensamento, mas seu coração era um tirano que não aceitava a derrota nem podia admitir uma mentira, a manteria com ele a todo custo ou esperaria até que o sol deixasse de brilhar, um dos dois. Em vão a morte clamaria por ela se ela ficasse ao seu lado, em vão viriam os

pesares da vida para tentar separá-los, ou a rotina dos dias para espantar a ilusão. Tudo seria em vão.

Fora, o vendaval que descia das montanhas agitava os galhos das árvores e se lançava contra a casa golpeando com violência os vidros. De repente, um estrondo que nada tinha que ver com o vento transpassou as paredes de seu mundo.

Era a porta de entrada da mansão. Algo ou alguém a havia golpeado como se pretendesse jogá-la abaixo.

León se levantou de um salto, colocou as calças e as botas e correu até a porta.

— Não saia desse quarto, ouviu? Não se mova daqui! O que quer que você ouça; não saia. Te peço pelo que mais queira — gritou com os olhos injetados de sangue, antes de sair e fechar a porta.

Nem toda a fúria dos céus poderia detê-la.

O coração batia em seu peito, desenfreado.

Com um rápido gesto, se cobriu com a pele de raposa que havia aos pés da cama, saiu do dormitório a toda pressa e cruzou o corredor de retratos até chegar a beira da escada. E então, aquela visão arrepiante que iluminava a lareira do lugar a fez acreditar no impossível.

Louca, somente louca, poderia aceitar a evidência que tinha a sua frente.

Mas Ada não estava louca, e sabia que aquilo não era um sonho.

Ou talvez fosse?

CAPITULO 19

Rivais



O céu noturno estava coberto de nuvens, mas, no vestíbulo, o fogo que ardia no local iluminava o suficiente. E mesmo assim a jovem queria duvidar do que estava vendo.

Ada fechou os olhos.

Tardou um par de segundos em voltar a abrir. Entretanto, ao fazer comprovou que o pesadelo não se havia esfumado.

Ambos eram iguais, idênticos como duas gotas de água.

Cada um estava situado aos pés de um extremo da escada, olhando cara a cara, como se ambos fossem um reflexo de seu oponente. Qual seria o homem e qual a ilusão. Agora começava a entender tudo, e, entretanto, oh não! Não podia ser certo.

Tampou a boca para não gritar. Os olhos haviam enchidos de lágrimas e tremiam as pernas, mas se conteve e permaneceu calada. O fato de que eles não houvessem percebido a sua presença lhe dava uma posição de privilégio que não ia desprezar. Cautelosamente, a garota deu vários passos para trás e voltou à escuridão do corredor, desde onde poderia observá-los sem ser vista.

Um dos dois levava o torso desnudo, e ainda podia sentir seu cheiro impregnado na pele; o outro, situado na frente dele, a poucos passos, ia vestido todo de negro, com as elegantes roupas escuras que ela havia descoberto no armário subterrâneo.

Mesmo sendo vozes similares, Ada havia aprendido a distingui-las com clareza. Todas as perguntas que a atormentavam por meses zumbiam agora em sua mente como um enxame de abelhas furiosas.

— Posso saber o que você faz aqui, irmão? Procurei você por toda a parte! Não cumpriu nosso compromisso, e claro — disse o homem de negro muito exaltado, assinalando a nudez do outro, movendo-se daqui para lá

com um ar inquieto, — vejo que você não está ciente de nosso fracasso. Escutou-me, León? Ei, irmão, o que há de errado com você?

O peito de León subia e baixava em um ritmo frenético, mas o homem guardava silêncio enquanto cravava os olhos febris em Horácio.

— Eu não sei o que diabos você está pensando — voltou à carga Horácio — Mas deve saber que nosso plano fracassou. Os pássaros voaram do ninho! A porta estava aberta de par em par. Não havia uma alma naquela maldita casa quando eu... — interrompeu bruscamente ao escutar um ruído que vinha do alto da escada.

Num descuido, Ada havia pisado uma prancha solta do assoalho.

Rogou ao céu para que não houvessem escutado.

— Quem está aí? — disse Horácio se endireitando, sem virar o rosto para onde ela estava.

— Ninguém. Estou só — disse ao final Newman com voz insegura, sem afastar os olhos da escuridão onde ela se mantinha oculta.

— Não sabe mentir, irmão — replicou Horácio entre risadas — Valentin? Sai do escuro, velho!

Ada retrocedeu até desaparecer na escuridão do corredor.

Horácio leu a expressão torturada no rosto de seu irmão.

— Seja você quem for, mostre a sua cara ou irei buscá-lo — gritou.

León Newman girou até se colocar na frente da escada, respirou profundamente e chamou por seu nome.

— Se deixe ver, Ada. Saia à luz — suplicou.

Quando Horácio escutou seu nome se precipitou sobre Newman com um gemido. O agarrou pelo pescoço e arrastando seu corpo até a parede do fundo, o esmagou contra ela.

— Não o machuque! — suplicou Ada, deixando-se ver.

— Como pôde? Sabia que me ocultava algo, mas jamais imaginei que houvesse podido chegar a tanto — exclamou Horácio — Você! Arrancou-me

o coração, irmão! Arrancou-me o coração! — sussurrou ao ouvido de Newman, sem soltar seu pescoço.

— Ada deve conhecer a verdade e depois eleger entre nós dois. Conte o que aconteceu naquela noite — tratou de dizer Newman enquanto lutava para se livrar das garras de Horácio, que cada vez exercia maior pressão em sua garganta.

O vento do furacão seguia golpeando a casa como se quisesse derrubá-la, e seu som, por momentos calava as vozes dos dois homens.

Ada começou a descer lentamente os degraus da escada.

— Solte-o! — disse a moça.

— Você soltou sua família! Você soltou, correto? — perguntou Horácio soltando seu pescoço apenas o suficiente para falar.

— Sim, sim. Claro que soltei — respondeu Newman, que se liberou graças a um golpe certeiro sobre os braços de Horácio.

— E preferiu faltar a sua palavra, a desonrar a memória de mamãe, a memória de sua irmã, a lembrança de nosso melhor amigo, por eles!

— Não, por eles não. Por Ada — disse Newman, colocando especial doçura em seu nome enquanto se aproximava do pé da escada.

Horácio se movia pelas sombras do vestíbulo de maneira que Ada mal podia ver seu rosto. Podia dizer que procurava a escuridão, saltando pontos de luz, tratando de esquivar a todo custo. Entretanto, ele sim podia vê-la descendo as escadas, tão pálida e esplendorosa como um raio de lua. Ia coberta somente com a pele de raposa enrolada em seu corpo como se fosse uma toalha. Logo, Horácio girou a cabeça e observou que seu irmão estava vestido pela metade. Bastou um segundo para extrair suas próprias conclusões.

— Ela não é sua esposa! — gritou entre dentes.

— Não concordo. Foi o meu nome que o sacerdote pronunciou.

Horácio se jogou sobre ele sem lhe dar tempo de raciocinar, e de um só soco na mandíbula o deixou deitado no chão, inconsciente.

Ada deixou escapar um grito de dor.

— Nãããooo! — disse descendo os últimos degraus depressa. Ajoelhou-se perto de León, apoiou sua cabeça em seu colo e tratou de reanimá-lo com suaves palmadas na bochecha. — León? León? Pode me escutar? Acorda! — disse entre soluços.

Horácio estava de costas para eles, com os braços apoiados na cintura, considerando a situação de todos os pontos de vista para decidir com rapidez.

— Por que não dá a cara. Covarde! — gritou Ada.

Então Horácio virou e se aproximou dela.

— O que significa essa máscara? Esta é outra de suas estúpidas representações?

Horácio apressou os passos que faltavam até chegar a ela. Depois se agachou e ficou agachado para estar à altura de seus olhos. Ele usava meia máscara de couro preto que ocultava a maior parte do lado esquerdo de seu rosto. Durante um instante que se fez eterno, padeceu o calvário de ver como Ada abraçava o seu irmão, e uma lágrima conseguiu escapar de seus olhos encharcados, por fim livre, como o peixe que ultrapassa a rede do pescador.

Sem dizer uma palavra, tirou a capa que levava posta e a colocou sobre os ombros desnudos de Ada, e, por último, se despojou da máscara.

Ada deu um grito que se multiplicou por causa do eco e fugiu, perseguido pelos sons de seus filhos, para outros cômodos da casa.

Horácio estava desfigurado. Daquele belo rosto que ela havia amado tanto ficara somente os restos de uma tragédia.

Ada escondeu o rosto nas mãos e seguiu chorando.

— Não, não. Não chore, pequena — disse olhando-a como se não houvesse virgem em seu pedestal mais sagrada que ela.

Ada se encheu de coragem e voltou a olhar.

As trilhas ásperas e avermelhadas das queimaduras entravam nos limites do cabelo, ocupavam meia testa e chegavam até mais abaixo das maçãs do rosto. A pele do lado esquerdo de seu rosto era semelhante às dobras de um pano enrugado. Uma teia de cicatrizes bordeava seu olho, o

único que parecia são em meio daquele desastre, e que brilhava com a profundidade verde de sempre.

— Por que não me contou desde o início? Por isso somente estava comigo quando era de noite e no meio da escuridão. Por isso afastava minhas mãos de seu rosto cada vez que tentava te acariciar — disse Ada tratando de aplacar uma exclamação de dor.

Sem poder suportar por mais tempo os olhos dela sobre sua carne queimada, o homem soltou um som rouco e se levantou bruscamente, voltando a se ocultar atrás da máscara.

— Tinha um irmão gêmeo. Nunca cheguei a saber.

— Não houve oportunidade — apressou a responder ele — Não é que ocultasse sua existência, é que tivemos tão pouco tempo, você e eu.

— O sobrenome Newman é um nome falso, verdade? — perguntou Ada secando as lágrimas que deslizavam generosamente por seu rosto.

— Não, Newman é o sobrenome inglês de meu pai — disse, e dando a volta, passou a percorrer com passos curtos o vestíbulo enquanto falava. Uma dupla penalidade pôde ser lida no lado direito de seu rosto.

León seguia inconsciente, com a cabeça entre os braços de Ada. Horácio voltou a olhá-los e soltou uma lufada de ar que lhe queimava os pulmões.

— Meu pai partiu para a Índia uns anos antes de que você e eu nos conhecêssemos, em busca de diamantes. Levou o meu irmão com ele, e me deixou aqui na Espanha tomando conta de minha mãe e minha irmã pequena. Ah! — disse entre dentes, ao sentir um novo agarre de culpa.

Ada não apartava a vista dele enquanto prosseguia sua confissão.

— Quando me recuperei das feridas do incêndio, fui em busca de meu pai e de meu irmão. Entretanto, a fatalidade me perseguia onde quer que eu fosse e não cheguei a tempo senão de acompanhar meu pai ao cemitério. Mortos, todos mortos! — exclamou levantando a voz. — Embora as coisas tenham mudado — continuou tentando se controlar; — meu irmão e eu estávamos nos tornando homens ricos graças à descoberta de pedras preciosas. Em poucos anos reunimos grande fortuna e viajamos por todo o mundo, tratando de esquecer. Também tentei te esquecer, Ada, sem nenhum

êxito. Assim que, vencido pela lembrança, regressei para te buscar — adicionou em um sussurro, olhando-a com olhos humildes.

— Você se escondia no porão. Você, era você quem trabalhava lá, polindo as pedras, não é assim? — perguntou Ada.

Ele assentiu com a cabeça.

— Ao retornar a Madrid, a primeira coisa que fiz foi voltar a minha casa. Conhecia bem o caminho. Podia guiar o cavalo com os olhos fechados — disse olhando pela janela com a vista perdida na escuridão da noite. — Entretanto, não tinha nada lá do que um dia me pertenceu. Só era um solar de ruínas de pedras e velhas vigas de madeira queimada. Tinha tantas recordações felizes daquele lugar e estava tão ansioso por reviver que antigas cenas apareceram a minha frente, como a ilusão de um oásis no deserto: o lar da minha infância e juventude, a casa que minha mãe mantinha sempre limpa e cheia de flores — disse agora com a voz quebrada.

— Assim entrei nas ruínas fantasmagóricas, como num sonho. A madeira rangia perigosamente, e os dois pilares que sustentavam a parte incompleta do primeiro andar tremiam a cada passo que dava. Voltei a ver minha mãe perto da mesa da cozinha, servindo a comida sobre uma linda toalha; e a minha irmã caçula cantando velhas canções enquanto lavava no pátio de atrás — disse com os olhos úmidos, apontando para um lado e para o outro como se as visse de novo. — A casa cheirava a meu ensopado preferido e o sol entrava em abundância pelas janelas.

— A alucinação era tão viva como a experiência mais real: por isso minha mente, embora transtornada pela dor, se agarrou à sanidade tentando silenciar as vozes, repetindo para si mesma que tudo era um sonho, que estava em minha casa e que logo despertaria, como tantas outras vezes. De repente, um ruído na rua me devolveu a consciência e o devaneio desapareceu. Confuso e aturdido, quis sair depressa daquele lugar maldito, mas ao fazer, choquei com uma das vigas e a frágil estrutura de madeira que ainda se mantinha de pé caiu sobre mim.

— Quando recuperei a consciência e abri meus olhos, Valentin estava ao meu lado. Ele me salvou pela segunda vez, exatamente igual àquele dia, há dez anos, quando me tirou do meio das cinzas da minha casa. Ele morava perto dali. Valentin, o melhor amigo de meu pai. Foi seu filho a quem não

pôde salvar naquela maldita noite. Éramos mais que irmãos, e às vezes ficava em casa para dormir quando...

— Então, o seu foi o terceiro corpo que encontraram — interrompeu Ada. — Aquele que nos fez acreditar que foi você quem morreu. Pobre, pobre Valentin!

Se assegurando que León respirava com regularidade, Ada deixou sua cabeça sobre o chão e se aproximou de Horácio.

— Sendo tão bom quanto você era, como pôde chegar a isso. Por que razão? Só porque se opuseram ao nosso amor? — perguntou quebrada de dor. — Eu intuía que tramava algo contra minha família, mas não podia te delatar. Ou deveria dizer delatá-los? Diga-me como foi capaz de tirar o que tinham! Por que tentar matá-los? Como foi capaz de semelhante baixeza? — exclamou quase gritando.

Horácio a estreitou entre seus braços enquanto ela resistia inutilmente.

— É isso. Insulte-me, humilhe, mas me ame — ele disse com súbita expressão de fúria. — Nenhum Cristo tirará minha fé! E essa blasfêmia é a minha única verdade, Ada.

— Então, desista de seus desejos sombrios por mim — exigiu ela.

— Jamais renunciarei a isso.

— O quê? — exclamou se afastando dele como se o contato com sua carne a infectasse. — Acaso você acredita que eu poderia amar o assassino de minha família?

— Sim, creio. Depois de saber o que ocorreu de verdade na noite do incêndio. Escute-me atentamente — disse aproximando-se dela de novo com o olhar solene dos que se propõem revelar uma verdade muito tempo silenciada. — Seu irmão Aníbal, foi ele quem colocou fogo em minha casa.

— Do que você está falando? Perdeu o pouco juízo que tem? Meu irmão Aníbal era um menino quando ocorreu aquela desgraça — ela disse tropeçando com as palavras enquanto tentava se afastar dele.

— Aníbal era apenas um garoto, sim, mas estou certo de que executava os planos de seu pai, e seu veneno já o havia contaminado — disse Horácio.

— Não, não, não pode ser! Te digo que está equivocado! Como faria meu irmão caçula tal coisa? A perda de seus seres queridos e o rechaço de minha família te transformou em um louco! — exclamou Ada juntando as palmas das mãos em modo de oração — Horácio, reconsidere, pelo amor de Deus!

— Aquela noite, eu o vi entre as chamas. Seu corpo parecia imune ao fogo. Movia-se através dele como o filho do demônio — disse num fio de voz, com a vista perdida no passado e o peito carregado de rancor.

O relógio do vestíbulo deu quatro badaladas.

Como se o céu houvesse gritado seu nome, Horácio abriu a porta da casa e saiu a toda pressa.

Desesperada, ela o seguiu até a soleira da porta, suplicando, implorando o perdão dos seus, mas ele não escutou. O vento não havia parado, e agora trazia com ele uma nuvem de pó e folhas que impediram Ada de ver como Horácio montava sua égua e se perdia no caminho de regresso à cidade.

CAPITULO 20



Dentro da casa, León recuperava pouco a pouco a consciência.

— Ada? Ada... está aí?

Ela se virou no local, correu até ele e se agachou para ajudar que se sentasse.

— O que aconteceu? Está coberta de folhas e chorando. O que ele te fez? Diga-me. Se te feriu, juro que o matarei! — disse se levantando com dificuldade.

— Se foi. Foi acabar com eles, León — disse Ada em desespero.

— Não, não vou permitir.

— Irei com você. Morreria de angústia se me deixasse aqui.

— Mas não deve montar em seu estado.

Ela se calou de repente. Sua resposta demorou uns minutos a chegar.

— Como...? Como você sabia? — perguntou.

— Não foi difícil deduzir.

— E mesmo assim me ama? Compreende que não posso saber de quem é o bebê? — perguntou envergonhada, abaixando o olhar.

— Você não tem que sentir culpa. E o bebê será meu se você me aceitar — disse ele com um triste sorriso que iluminava o rosto varonil.

— Agora devo avisar a minha família. Por favor, espere eu vestir algo. Enquanto isso vai preparando a carruagem. Estarei pronta em seguida — disse Ada subindo as escadas.

Pouco depois, ambos partiram de Rosas Negras atrás dos passos de Horácio.

A tempestade havia amainado. Embora o caminho com certeza estivesse em um estado lamentável. Poderiam encontrar de passagem árvores

arrancadas pelo vendaval, atravessadas pelo caminho, e Ada acreditou que isso dificultaria muito o trajeto. Mas León era um expert manejando os cavalos, conhecia bem o local e seu transporte não tinha rival na cidade.

Durante a viagem, Ada não parou de perguntar por sua família. No vestíbulo, pareceu entender que León os resgatara, mas não sabia de que maneira, nem tampouco de que classe de perigo. León não deu explicações, mas a tranquilizou assegurando que, antes de ir buscá-la, ele os havia deixado a salvo na casa de Cárdenas, devolvendo as escrituras das propriedades de todos os seus bens. Newman pagara todas as dívidas aos bancos e havia transferido as escrituras das fazendas de novo em nome da família, com todos os requisitos formais exigidos pela lei. Também confessou que havia subornado uma das bruxas de dona Margarita, para que seu tio Ernes e ela não estivessem na cidade e não pudessem socorrê-los de maneira nenhuma. Apesar de sua reticência, Ada seguiu insistindo em conhecer todos os detalhes, e ele, finalmente, cedeu em contar quais haviam sido, desde o princípio, suas verdadeiras intenções. León colocou especial empenho em aclarar que ele havia compartilhado os desejos com seu irmão, até que se apaixonou por ela e compreendeu que de maneira nenhuma a prejudicaria. Ada escutou com horror como desde o princípio o plano havia consistido em encerrá-los na mesma casa que pereceram sua mãe, sua irmã e seu amigo, restaurada de novo para esse único fim, e fazê-los pagar do mesmo modo, fogo por fogo. Essas haviam sido suas palavras.

Quanta dor irreparável, que miséria de tanta vida desfeita por culpa do rancor. E Ada não era uma exceção. Conhecia bem o sentimento e sucumbiria a ele como qualquer outro dos infectados, contaminaria seu sangue talvez com maior facilidade que o deles. Sempre havia tido uma nitidez especial para detectar o mal que padeciam todos os membros da família, particularmente seu pai: um doente crônico de rancor desde o nascimento. Ada havia aprendido a distinguir com facilidade os sintomas, podia prever suas consequências e a angustiava pensar que essa herança de sangue e a contínua exposição ao mal durante sua infância e juventude, a houvesse feito mais propensa a seus ataques. Agora comprovaria como, perda atrás de perda, o rancor de Horácio iria somando cadáveres de mortos próprios e alheios, sem satisfazer jamais sua ânsia inesgotável. Ela sabia, também chegaria seu turno. Sim, muito rapidamente chegaria.

Por enquanto, se negava a dar crédito às acusações que pesavam sobre Aníbal e, entretanto, quando interrogou León sobre este ponto, ele se mostrou inflexível. Não duvidava nem por um momento da palavra de Horácio. Estava disposto a viver com ele, sem causar o menor dano, havia jurado, mas unicamente para não feri-la. Não fosse por ela, haveria sido implacável e cruel como seu irmão.

Apesar de que haviam saído pouco depois dele, a carruagem os obrigava a ir mais devagar, e Ada fez o resto da viagem a Madrid em completo silêncio, embora com o coração encolhido.

Quando León e Ada chegaram à mansão Cárdenas, o fogo do primeiro piso já atingia as janelas de alguns dormitórios. A rua estava cheia de vizinhos e transeuntes observando os inúteis esforços das equipes de bombeiros.

Ada pulou da carruagem ainda em marcha e tratou de chegar correndo até a casa. Um dos bombeiros a alcançou a tempo de impedir a entrada, segurando-a firmemente pelos braços, pois ela fazia pouco caso de suas advertências e só tratava de fugir para correr até as chamas.

— Solte a minha esposa! — ordenou Newman fora de si ao vê-la atracada entre os braços do bombeiro.

— Sua esposa está colocando a vida em perigo. O fogo está descontrolado. Se soltá-la correrá para a casa.

— Deixe que eu me ocupo disso — disse Newman ocupando o seu lugar. O bombeiro estava certo. Ada tratou de escapar quando se viu livre do estranho e quase conseguiu, não fosse pela rapidez dos reflexos de León. Uma vez em seus braços, apertou-a contra seu peito tratando de sossegá-la com carícias. Ada não deixava de chorar, e ele sofria ao pensar em como isso a afetaria no seu estado.

Um pouco afastado dali, detrás de umas barras de pau, Horácio Mara contemplava a casa com o olhar fixo no fogo, sobrecarregado num êxtase de vingança.

Ela levantou o queixo para mostrar a León sua presença. Ada o olhava com o semblante carregado de ódio. Outra Ada se havia apoderado da mulher que o amou e que talvez levasse seu filho no ventre.

— Assassino! — gritou a jovem invadida por um fluxo de rancor.

Instantaneamente, Newman sentiu como o corpo de Ada, que até então não havia deixado de forçar, relaxou de todo para, ao final de um segundo, desmoronar entre seus braços como uma marionete a que de repente houvessem cortado os fios.

Ao ver como desmaiava, Horácio correu até eles e a arrancou dos braços de seu irmão. Ajoelhando no chão, pegou Ada no colo e beijou sua testa com fervor enquanto seu irmão gêmeo o observava sem intrometer.

— De que serve todo esse amor se não deixa de feri-la. Como pode passar por cima dela, antepor sua própria satisfação a seu bem estar.

— Eu não fiz nada, nada, além de desfrutar vendo que Deus existe e se encarregara de fazer meu trabalho. Quando cheguei, a casa já ardia como a uma tocha. Ignoro a causa do incêndio. Mas não duvido que é o desejo de Deus. E você deveria sentir o mesmo que eu! — exclamou irritado levantando a vista para ele — Além disso, o que sabe você do modo em que ela e eu nos amamos. Cala e se ocupe de seus assuntos.

— Ela é assunto meu — disse León Newman com voz rouca — E a criança que está esperando, também é — disse sem fôlego.

Horácio levantou a vista para seu irmão, cravando seus olhos naquele rosto abominável.

Durante um segundo, a ira nublou a sua mente, mas, em instante, velhas recordações de Ada que acreditava haver esquecido encheram seus pensamentos. Imagens do passado que pareciam pertencer a outra vida: o brilho de seus olhos quando a via chegar cruzando o pátio, a cor das fitas que costumava levar nos cabelos, o modo que suas pequenas mãos procuravam esconder sempre as suas, igual a dois tímidos e inquietos esquilos, o dia em que a beijou pela primeira vez no barco do lago, sua pele branca de menina, sua pele de nata, aquele embriagador aroma de inocência...

E nesse momento, toda a dor que o consumia desde que sua mãe e sua irmã morreram o abandonou subitamente, como se houvesse sido exorcizado.

O ar voltou a parecer limpo apesar do intenso cheiro de queimado, e então soube o que tinha que fazer.

Horácio fechou os olhos e beijou com fervor a testa de Ada.

— Sempre me terá! De um modo ou de outro.

— Irmão — rogou se dirigindo de novo a León — Toma a sua esposa e cuida de nossa família. Se responsabilize deles em meu lugar — disse com a voz afogada pela emoção, e devolveu Ada aos braços de seu irmão.

Depois se envolveu na capa negra, ajustou o chapéu e, sem que os bombeiros pudessem fazer nada para evitar, entrou na casa.

— Horácio! Não, pelo amor de Deus! É muito tarde! — gritou León. — Detenham o meu irmão, em nome de Deus!

Ada voltou a si a tempo de vê-lo adentrar na boca do inferno, mas já não tinha forças nem sequer para pedir auxílio. Enterrou o rosto no peito de León e começou a rezar em silêncio.

No último minuto, quando tudo parecia perdido e as possibilidades de que houvesse sobreviventes fossem nulas, dentro de uma nuvem de fumaça que escapava pela porta de entrada, Ada viu sair milagrosamente os seus dois irmãos, cobertos com uma manta.

Os três se estreitaram em um sincero e doloroso abraço.

— E onde está papai? — perguntou Ada.

— Não quis sair. Negou-se a vir conosco e se fechou no gabinete. Parecia haver perdido o juízo! Depois, o fogo tomou as escadas e... — disse olhando para Newman sem mostrar surpresa. Ada deduziu que quando os tirou da humilde casinha, León os colocou a par de tudo. — Horácio nos tirou a empurrões da cozinha. Cobriu-nos com uma manta molhada e nos disse que não olhássemos para trás. Também nos pediu que te disséssemos que não se preocupasse. Que ele tiraria o nosso pai dali. Assim nos disse — explicou Aníbal, que baixou a cabeça ante o olhar fulminante de León.

— Seu irmão nos salvou a vida — disse Alfredo agradecido.

— Como começou o fogo? — perguntou Newman.

— Aníbal dormiu com uma vela acesa, parece que por acidente. Jogou o castiçal no tapete, havia bebido e despertou quando seu quarto já estava tomado pelas chamas — respondeu Alfredo, ainda tossindo por causa da

fumaça. — Céus! Seria exatamente igual se não fosse por... — interrompeu sem completar a frase.

Ada, que ainda não havia se recuperado completamente de seu desmaio, temia que sua fortaleza a abandonasse. Seu pai e Horácio seguiam sem dar sinal de vida, e, por outra parte, ela se negava a acreditar que era somente questão de tempo: que nenhum dos dois conseguiria sair de lá com vida.

As chamas fechavam a saída à esquerda e à direita do corredor, impedindo Augusto qualquer escapatória. Com suas garras vermelhas, o fogo ia tomando conta de cada canto, de cada objeto, em um avanço imparável até ele. Mas Augusto, encostado na porta de seu quarto, calculou que ainda demoraria alguns minutos a percorrer o longo corredor, cruzar o gabinete e chegar ao dormitório. Fechou ambas as portas atrás dele, e procurou na pequena gaveta de lenços brancos a chave do armário onde guardava as recordações de sua família, as coisas que tinha ocultas aos olhos do mundo.

Entre aquele tesouro de velhas relíquias herdadas de seus mortos, Augusto extraiu o relógio de ouro, o solitário e as abotoaduras de rubis de seu pai, a medalha por bravura que seu avô havia ganhado no front, a velha espada e o uniforme branco com as divisas douradas que ele tanto gostava de olhar quando pequeno, nas felizes tardes de verão em que sua mãe decidia arejar os armários. Então ela, ele e os espíritos do passado se reuniam em um festival de melancolia. Ao voltar a ter tudo aquilo entre as mãos, lembrou, pela última vez, como sua mãe passava um pano ternamente, enquanto contava falsas façanhas de sua estirpe arrastada de gerações em gerações.

Uma a uma, Augusto foi colocando as peças e os outros adornos para receber seu último sacramento. De cara ao espelho oval de seu quarto, o mesmo que o viu crescer e que jamais o contemplou como homem, se ajoelhou para encomendar a alma a Deus, assim, vestido de pureza e méritos alheios. E aquela oração quase esquecida trouxe a memória o dia de sua Primeira Comunhão, a frieza dos muros do monastério, a juventude de sua mãe e o semblante orgulhoso de seu pai. Augusto foi amado como só é

possível amar a um deus. Humano em uma pequena parte ele era divino em tudo o mais. E agora unicamente sua parte humana pereceria.

Fora as chamas estavam acabando com o corrimão da escada, os degraus estalavam e, entre a chuva de chispas, a estrutura inteira começou a oscilar até desabar sobre o piso térreo com o barulho de uma explosão.

Ainda de joelhos, Augusto viu o resplendor da morte se aproximar pela borda da porta. Entretanto, longe de se acovardar, se levantou como um recém-ordenado cavaleiro medieval. No fundo, sabia que não deveria sentir o menor temor, pois havia estado se preparando para esse instante durante toda a sua vida, fazendo dela uma larguíssima, uma eterna catequese. Havia ensaiado muitas vezes. Devia contemplar a si mesmo rodeado de coisas belas. Isso faria muito mais fácil o trânsito definitivo. Lindo! Oh, quanto a havia amado sempre! Só e exclusivamente ela. Com que perfeita naturalidade foi sua única igual! Se esse era o momento de cair, estava disposto, mas faria entre seus cálidos braços, embalado por seu canto de cotovia, debaixo de um manto de estrelas. Já era muito tarde para o arrependimento. Nada de seu corpo ficaria. Nem sequer o murmúrio de seu nome ficaria. Nem sequer seu amor por ela.

Achava que agora não teria escolhido o caminho que escolhera então, aquele caminho lotado que passava por tudo e por todos, direto para o oásis de prazer. Oh, sim! O prazer, um paraíso feito sob medida para ele, onde conseguiu liberar suas alegrias juvenis. No entanto, não havia mais tempo, Augusto repetia para si mesmo, e era muito tarde para se arrepender. O fim galopava no lombo daquele fogo satânico que já havia invadido o gabinete. Logo se acabaria tudo, incluindo seu amor por ela.

Augusto se deixou cair na poltrona onde sua mãe havia se sentado mais de mil vezes e tomou um cigarro da caixinha de prata com o escudo familiar, acariciando a gravação com dedos trêmulos.

Reconheceriam seus filhos o valor de seu presente? Sim, necessitava acreditar. Talvez sua renúncia os devolvesse um pouquinho de honra. Talvez, ao raiar o dia, entre as fumegantes cinzas da velha casa, seus filhos recolheriam a última relíquia de um clã quase extinto: o orgulho de seu nome, desamparado e frágil como um recém-nascido entre as ruínas. Nem sequer todo o horror e a feiura do mundo poderiam acabar com isso.

A fumaça entrava pela beira da porta. O ambiente se tornava irrespirável. Mas Augusto seguia sentado, e até parecia que o ar sobrava. Seu rosto não era o rosto de um homem aterrorizado diante da proximidade da morte, muito pelo contrário. Tinha o semblante bravo dos piratas, de um desses bucaneiros que travaram batalhas, cruzando um sem fim de mares e que, finalizada sua aventura, navegavam rumo a nenhuma parte, mas sozinhos, livres em um de seus barcos carregados de ouro, com o olhar e o coração posto no horizonte que rasga o azul do mar, no lugar onde brilha esplendoroso o ocaso dos valentes.

De repente, uma janela estourou, e pensou que a chuva de vidros que vinha de cima era o anúncio do final, mas não foi assim. Um homem havia atravessado a janela, pendurado do telhado. E agora estava de frente para ele. Mas seus sentidos mereciam confiança em meio àquela nuvem de fumaça? Era um homem que levava tampado meia cara. Podia ver mover os lábios, gesticular com as mãos, mas era incapaz de escutar. Sentiu como o levantava da poltrona, atava uma grossa corda na sua cintura e o arrastava até o buraco de uma janela. Augusto tirou meio corpo fora, mas só pôde ver como as chamas saíam das outras janelas da casa, pois a fumaça impedia ver a rua.

Começou a ficar enjoado e sua visão se fez turva. Depois, sentiu uma dor ardente na cintura e teve a sensação de estar voando. Então, Augusto pensou que sua alma imortal havia abandonado esse mundo.

Quando recuperou a consciência, já se encontrava a salvo, deitado sobre a grama de seu próprio jardim. Os bombeiros haviam acudido a resgatá-lo e o subiam em uma maca.

— Um homem. Há um homem no primeiro andar — conseguiu dizer.

Olhou para a janela e distinguiu uma figura entre as nuvens de fumaça cinza. Envenenando pelos gases, tratou de gritar seu nome, mas as palavras se negavam a sair da sua boca. Então, mostrou insistentemente o lugar aos bombeiros para que voltassem por ele, mas ninguém pareceu lhe fazer caso.

Não houve tempo para muito mais. Enquanto quatro homens o tiravam dali a toda pressa, evitando as brasas em chamas e escombros que havia espalhado pelo jardim, contemplou impotente como o teto do dormitório caía sobre seu salvador e sua imagem desaparecia debaixo de uma cortina de fogo.

Quando o levaram ao lado de seus filhos, se levantou como pôde e abraçou os três como se fossem um único pedaço de sua carne. Jamais Augusto havia derramado por ninguém uma só lágrima e, nesse caso, tampouco era tristeza o que emanava jorrando daqueles olhos, senão lágrimas de arrependimento. Com cada gota implorou aos seus filhos um perdão mudo, reconheceu mil vezes sua culpa, rogou a Deus misericórdia e redenção.

De repente, começou a chover com força. Ada desenterrou o rosto do emaranhado de corpos entrelaçados e buscou com o olhar o seu esposo.

Horácio havia desaparecido pela segunda vez entre as chamas, mas León seguia ali, no mesmo lugar em que o havia deixado, sua figura recortada contra as primeiras luzes do alvorecer. Parecia espantosamente abatido. Podia dizer que só se manter de pé lhe exigia um grande esforço; entretanto, ali estava esperando por ela debaixo da chuva, molhado até os ossos, e aonde quer que Ada se dirigisse, ele a seguia com os olhos cheios de angústia, como se sua alma se fosse com ela.

Tremia da cabeça aos pés e não era só de frio.

Newman colocou o chapéu e subiu a gola do abrigo, se preparando talvez para uma longa espera. Seus olhos seguiam expressando na distância com grande eloquência. Entretanto, Ada sabia que podia demorar o tempo que fosse necessário. Ele não se afastaria muito, a esperaria, sempre cuidaria dela. Uma mulher sabe essas coisas. Não eram falsas promessas. Podia fugir dele se desejasse, não a impediria. Poderia tentar esquecer em outros beijos, levar uma vida sem sentido. Podia voltar com sua família e maldizer seu nome, negar-lhe um milhão de vezes. Poderia, talvez, mudar de cidade, cruzar o oceano; mas, no final, quando estivesse cansada de tanto vagar sem rumo, quando se sentisse acurralada pela solidão e não ficasse uma chispa de esperança, teria que voltar para ele. E Ada sabia que estaria disponível para ela, que até esperaria que estivessem a sós para abraçá-la, porque assim ninguém a veria chorar arrependida sobre seu peito. Ada deixou a salvo os seus e correu para os braços daquele que sempre a amaria.

EPÍLOGO



O outono de 1951 está sendo muito quente, mas, apesar das altas temperaturas, em Rosas Negras sempre refresca ao cair da tarde. O que é uma benção para Ada, pois os últimos dias da gravidez estão sendo muito cansativos. Ada caminha até seu quarto desfrutando do aroma quando, de repente, para em frente às portas do quarto que compartilhou com Horácio. Leon insiste em reformar aquele quarto, mas ela não suporta imaginá-lo de outra maneira que não seja a que tinha quando chegou em Rosas Negras. Este dormitório já não se usa, por isso lhe estranha que a porta esteja aberta. Ao entrar nele, comprova que a pouca claridade que entra desde o corredor, apenas é suficiente para distinguir na penumbra os vultos dos móveis cobertos com lençóis. Lembrando o local exato de cada coisa, Ada passa os obstáculos sem problemas, até chegar aos janelões. Abre as cortinas do quarto e então a luz entra de golpe, conquistando com ímpeto até o último rincão. Ada percorre o lugar com passos curtos, olhando cada coisa com olhos sonhadores, sussurrando um nome que sempre leva nos lábios, com o perfume de um beijo.

Mas no quarto de vestir há um candelabro aceso. Ela pensa que alguma das criadas estaria limpando. Entretanto, ela fica surpresa que a penteadeira seja o único móvel descoberto, e, sobretudo, ela se surpreende que o lençol que o protege do pó esteja jogado no chão.

Que estranho!

Ada se senta no banco comprido e se entrega às lembranças das noites que passou entre aquelas paredes. De repente, seus olhos tropeçam com um impossível... com uma bendita loucura. Era algo que estava certa de haver perdido no incêndio e não entende como pôde chegar até ali. Um objeto que parece haver se salvado milagrosamente do fogo, algo que a deixa atônita, sem fôlego.

Sobre o tapete de veludo vermelho do toucador, brilha, solitária e branca como os mortos, sua velha caixa de música. A mesma que lhe presenteou Horácio no dia em que pensavam fugir, quando eram

jovenzinhos, a mesma caixinha de nácar que estava na mansão na noite em que suas paredes foram completamente destruídas pelas chamas.

Em seguida compreende o que aquele objeto representa e seus olhos se inundam de novo.

Cheia de esperança, Ada corre até o janelão a tempo de ver como uma sombra negra cruza os jardins à luz da lua.

Fim